

**Da
bruxaria
para
Cristo**

Doreen Irvine
A Rainha das Bruxas Negras

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

Da bruxaria para Cristo

Doreen Irvine

1ª edição brasileira: abril de 2011

2ª edição brasileira: maio de 2016

Tradução: R. J. A.

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-082-0

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - Editora Ltda.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - BRASIL

Endereço Eletrônico: edicoescricts@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

1

O ALVORECER DA VIDA

Aquela manhã de domingo, em setembro de 1939, começou no leste de Londres como qualquer outro domingo. Eu nasci ali e conheci seu burburinho e sua forma de vida, com suas vozes de crianças misturadas ao excitado latir dos cachorros.

Vestida apenas com minhas roupas íntimas, estava dando-me meu banho semanal sobre a mesa de madeira bruta na cozinha de nossa casa. A sujeira da encardida rua parecia que não queria sair de meus joelhos, enquanto que minha mãe os esfregava com um pedaço de flanela.

Num canto do cômodo, o rádio parecia estar acompanhando com sua música aquela operação de limpeza. Minha mãe fez uma pausa quando as solenes badaladas do “Big-Ben” soaram através do rádio. Eu, com meus sete anos, estava mais interessada com o convite que, da rua, me faziam para ir brincar do que no programa de rádio.

— Oh, Deus meu! — gritou minha mãe, de repente, atirando o sabão ao chão.

— Que está acontecendo, mamãe? — perguntei.

— É a guerra, é a guerra...

Quase que no mesmo momento de ser pronunciada esta frase, que eu entendi tão pouco, espalhou-se por toda a cidade este gemido de alerta para um possível bombardeio. Era um som que eu iria escutar frequentemente nos meses seguintes.

Nos primeiros dias de verão de 1940 os bombadeios tinham-se tornado mui frequentes, de maneira que fomos evacuados para Uxbridge. Geograficamente, não foi uma grande separação, pois Uxbridge fica a apenas 25 quilômetros de Londres. Aqui, uma mocinha proveniente de Londres, que tinha passado seus primeiros anos com o som das sirenes, ia passar o resto de sua meninice com todos os problemas que ela carregava.

Uxbridge está no fim da linha do Metrô de Londres e agora é cabeça de muitas outras linhas de Londres. Não é uma cidade muito grande; no entanto, é muito ativa, com muito trânsito, especialmente na estrada de Londres. O maravilhoso campo que a rodeia, no distrito de Windsor, é muito popular entre os londrineses que ali passam o fim de semana. Dois rios o cruzam, assim como também pequenos córregos e um canal que abastece as indústrias que necessitam de água.

Na periferia da cidade há uma grande esplanada e é perto dela onde estava nossa casa. Parecia um pequeno município num pedestal. Outras famílias evacuadas também viviam perto de nós, em casas transformadas em comunas.

Nossa casa não foi tratada com muito respeito pelos inquilinos que tinham vindo de um bairro extremo do leste de Londres. A porta principal foi arrancada para servir de lenha para o fogo. O jardim se converteu num deserto em pouco tempo, sendo um ninho de sujeira a rodear a casa.

A vida no lar se concentrava na cozinha, que estava suja e escassamente mobiliada. Dominando o cômodo, havia uma mesa de madeira, comprida e tosca, na qual eu me sentava para tomar meu banho semanal. A toalha era um jornal velho, impresso com as notícias da frente de batalha. No seu centro havia uma chaleira marrom, que raramente estava vazia, pois que sempre havia alguém tomando chá. Uma garrafa de leite misturado com água para que durasse mais estava ao lado da chaleira marrom.

Somente havia três cadeiras na cozinha. Nem tapetes, nem panos cobriam as táboas nuas do piso. Tampouco havia cortinas tampando as janelas, apenas sacos velhos que também serviam como persianas para escurecer o ambiente.

Poucas eram as refeições em que a mesa era usada. Minhas quatro irmãs e eu tínhamos que sentar no chão para comer o que nos era dado, que não era muito, principalmente pão. Bebíamos o chá numa lata de marmelada. Eu precisava segurá-la com a borda de meu vestido, de tão quente que ela estava.

— Porque não podemos comer carne, batatas assadas e outras coisas mais, mamãe? — perguntei-lhe um dia.— Minha amiga, aquela que mora na esquina, come isto.

— Nós não podemos comprar estas coisas, minha filha. Assim, pois, deixe de protestar e coma o que recebe.

— É necessario muito dinheiro, mamãe, para comprar carne e batatas? — insisti.

— Sim. Seja, pois, uma menina boazinha e contente-se com o que tem.

Mas a resposta de minha mãe não me satisfez mais do que me satisfazia minha dieta. Minha curiosidade aumentava e um dia, quando acabaram as aulas na escola, decidi investigar mais.

Era um dia quente de primavera. As árvores e a grama estavam lindos. As árvores tinham um aspecto tão formoso que me faziam desejar subir nos seus galhos, que estavam cheias deles.

Por trás destas árvores tinham sido construídas casas onde moravam muitas famílias. Esta pequena menina, com a boca aberta de admiração, imaginou um jeito de espiar através das janelas de uma ou de duas daquelas casas.

Era algo como olhar para o interior de outro mundo. A mobília era brilhante. Podia-se ver o próprio rosto através dela. Cadeiras grandes, tapetes felpudos e toalhas com preciosos bordados.

Perguntei-me como seria viver numa casa como aquela. Dizia-me a mim mesma: “Como será o andar superior?” E imaginava-me como seria, considerando aquela mobília tão formosa e aquelas árvores tão lindas no jardim.

Lembrava-me de minha amiga, aquela que morava na casa da esquina, que tinha uma cama com lençóis brancos e que em nada se parecia com a minha, que não era uma cama, mas que apenas tinha tal nome e que consistia numa porção de agasalhos sujos empilhados num canto do andar superior. Mamãe e papai tinham a única cama de casa, mas também não tinha lençóis.

Com jeito, ri ao pensar como caíam ao chão muitas vezes os grandes enfeites de metal que havia na cama, principalmente quando papai tropeçava com ela ao entrar em casa após ter passado a noite no botequim.

Após um olhar final cheio de inveja às casas e às árvores, voltei para minha casa.

Ninguém me perguntou porque estava chegando tão tarde da escola e eu quase perdi meu chá. Guardando minha exploração como um segredo, decidi voltar ali outro dia. Esta foi a primeira descoberta de beleza na vida de uma pequena, simples e desajeitada menina.

Eu era a maior de cinco irmãs e frequentemente me deixavam tomando conta da família, apesar de ser bem pequena. Papai trabalhava como varredor de ruas para a Prefeitura, pelo menos quando não estava bêbado. Minha mãe, muito magra e sempre preocupada, a miúdo tinha que sair bem tarde vagando pelas ruas até encontrá-lo. Estranhamente, ela sempre encontrava uma desculpa pelo vício de papai, culpando as circunstâncias da guerra pelo vício da bebida.

Com a ajuda de meu humor e de minha imaginação, eu carregava facilmente as responsabilidades da família. Minhas irmãs mais jovens gostavam muito de mim, apesar de às vezes castigá-las. Eu nunca pensava duas vezes antes de dar-lhes um puxão de orelhas, quando a situação o requeria. Meus conceitos próprios de disciplina tornaram-se bem conhecidos.

Os animais constituíam uma parte importante de minha vida. O quintal traseiro estava repleto deles. Meu pai tinha galinhas, embora

nunca tivéssemos ovos para comer. Provavelmente papai vendia os ovos no botequim para conseguir dinheiro para sustentar seu vício.

— “Ele e sua cerveja”— costumava dizer eu.

No jardim também havia dois coelhos, um casal de animais de estimação, além de muitos gatos e de uma cabra, mas o cachorro da família, “Bessie”, um lavrador negro, era meu favorito e em todo canto era conhecido como o cachorro de Doreen. “Bessie” me acompanhava a qualquer canto onde eu fosse.

Com tais companhias, eu precisava de espaço. Felizmente, havia vários lugares espaçosos para viver nossas aventuras: dois parques de recreação, as margens do rio e um campo de futebol, onde a grama estava sempre verde e suave. Minha maneira de chegar a decisões democráticas era única.

— Agora, crianças — dizia eu ao rebanho de crianças sujas que se formava a meu redor,— aonde iremos esta tarde, ao parque a brincar com as gangorras ou ao campo de futebol?

— Às gangorras, Dor, às gangorras! — gritavam as crianças. Eu pensava um pouco e lhes dizia:

— Não, iremos ao rio.

Elas me seguiam docilmente. O parque de recreação, com sua multidão de brinquedos, era o lugar favorito. Mas era de imaginar que as crianças passariam bem em qualquer lugar aonde Dor fosse.

As brincadeiras muitas vezes acabavam em fazer algum mal e minha mente, sempre pronta a inventar alguma novidade, imaginava travessuras para ter as crianças contentes, embora os maiores se divertissem menos.

Uma de minhas brincadeiras favoritas era reunir todas as crianças no ponto do ônibus. Quando este se aproximava, levantava solenemente minha mão, fazendo sinal para ele parar. O motorista, ao ver-nos, diminuía a marcha até parar no ponto e então, rindo-nos, saíamos correndo. Esta brincadeira não enganava o motorista por muito tempo ao nos conhecer e então, em lugar de parar, acelerava mais o ônibus, fazendo-nos uma careta ao passar ao nosso lado.

Certa noite, ao passarmos diante do botequim, vimos o cavalo e a carroça do velho Joe, parados como de costume. O “velho Joe” era o comerciante do local, a quem os seus amigos bêbados chamavam de “farrapos e ossos”. De repente, tive uma ideia: Por que não atrelar o cavalo ao contrário na carroça e esperar o que aconteceria?

O velho cavalo era muito dócil e obediente, ao ponto de deixar-me fazer esta operação. Uma hora mais tarde, mais ou menos, veio o “velho Joe”, bêbado como de costume ou talvez mais do que nunca, de maneira que não percebeu nada ao chegar perto da carroça.

— Vamos, vamos, cavalo! — gritou o velho.

Imaginem nossos gritos então quando o cavalo obedeceu e a carroça com o “velho Joe” começou a andar para trás, enquanto o velho, sem entender nada do que estava acontecendo, maldizia e gritava para o cavalo, entre os risos da turma de crianças.

No entanto, nem sempre as nossas brincadeiras eram tão inofensivas, principalmente quando consistiam em roubar nas lojas da vizinhança, embora estes atos fossem incitados pelo interesse que eu tinha pelas crianças, que sempre estavam com fome e que nunca tinham uma bala ou alguma guloseima para comer, como tinham outras crianças. A única maneira, pois, de conseguir tais coisas era roubando-as.

Meu estratagema era simples. Conseguia uma ou duas moedas, geralmente pedindo-as a algum transeunte, e entrava na loja acompanhada das crianças. Mostrava ostensivamente as moedas e, enquanto a atenção do vendedor se centralizava em mim e em meu dinheiro, as crianças pegavam rapidamente o que queriam.

A doceria era um alvo fácil; ali podia pegar um bolo da vitrine e escapar a toda velocidade. Era para agir com rapidez e não como o dia em que minha irmã quis roubar um bolo e com ele escorregaram cinco ou seis crianças, caindo ao chão. Ela quis ajudá-los, em lugar de fugir, e então foi presa.

Sobre este roubo, minha mãe chegou à conclusão que minha irmã estava com fome; mas ela mesma tinha-se tornado apática devido às muitas preocupações que diariamente enfrentava, de maneira que não ligou

muito para o incidente. A luta diária pela vida era forte demais para preocupar-se com a moral dos filhos.

O nome de Deus, repetido tantas vezes no meio dos problemas, tinha-se tornado quase que como uma palavra maldita para mim.

Em casa havia sempre alguém a jurar ou a mal dizer, O hábito da bebida em meu pai ia piorando dia a dia e estava tornando-se violento. Eu vi os lábios cortados e manchas negras no rosto de minha mãe em muitas ocasiões. O normal era que seus olhos estivessem escuros. Lembro-me que, em certa ocasião, corri ao quintal, enquanto eu dizia em voz alta: “Oh, Deus, não permitas que aconteçam coisas tão horríveis”.

Outra vez esta palavra! Com que facilidade ela saía de meus lábios! Que seria de nós se todas as coisas continuassem desta maneira? Mas o pior de tudo era a expressão de tristeza e de resignação no rosto de minha mãe. Tentei retirar de mim o medo, dizendo-me: “Talvez as coisas melhorem daqui a pouco. Talvez as coisas sejam diferentes amanhã”.

Certo dia, senti a mão de minha mãe sacudindo-me docemente.
— Acorde, Dolly! Querida, desperte!

Mamãe sempre me chamava de Dolly, por ser eu mui pequena para minha idade.

Sentei-me na cama, sobre o monte de agasalhos sujos que, como já disse, era minha cama.

— Que foi, mamãe? Que aconteceu?.

— Nada de novidade, Dolly; só quero que leve esta nota à venda.

Embora estivéssemos nas primeiras horas do dia, não me passou despercebida a expressão de preocupação no rosto de minha mãe.

— Não vou levar dinheiro, mamãe?

— Não, filha. Seja uma boa menina e volte logo para casa.

Pedir para pagar mais tarde era a única maneira através da qual minha mãe poderia dar de comer à família. Mas a sua dignidade obrigava-a a enviar sua filha logo cedo, enquanto não havia outras pessoas nas redondezas.

Vesti-me rapidamente e saí. Era um longo caminho e a manhã estava fria e com muito vento. Enquanto ia rapidamente pela estrada principal, via como as árvores se dobravam à força da ventania. Senti como que uma sensação estranha ao ver as árvores escuras.

Descansei na entrada de um pequeno cemitério que estava a pouca distância do armazém. Embora me fosse familiar à plena luz do dia, com a luz do amanhecer tinha um aspecto tétrico. Senti medo, mas a lembrança do rosto de minha mãe impulsionou-me a reiniciar minha caminhada pelo caminho do cemitério, olhando de soslaio à medida que avançava. Tinha medo que, a qualquer momento, um dos túmulos se abrisse e me engolissem.

Finalmente, cheguei ao outro lado. Agora tinha que atravessar uma ponte de madeira. Conhecia bem a ponte, pois já tinha pescado muitas vezes no córrego que passa por debaixo dela, mas o vento fazia ranger as madeiras e o aspecto parecia completamente novo e desconhecido para mim. Realmente, tudo parecia muito diferente: mais amplo, mais ameaçador e estranhamente diferente. As luzes brilhantes do armazém me animaram um pouco. O homem leu a nota e sorriu.

— Hoje você levantou bem cedo — me disse. Deu-me algumas balas e eu voltei para casa.

— Foi tudo bem, Dolly?— perguntou-me mamãe.

— Sim, mamãe; só tenho frio.

Mamãe preparou uma chocolatada e nos sentamos em volta do fogo, enquanto Uxbridge acordava para um novo dia no tempo de guerra na Inglaterra.

Nunca esquecerei das experiências vividas nas primeiras horas daquela manhã, nos primeiros anos de minha vida. Muitas perguntas

me vinham à mente, perguntas que eu não me tinha feito antes. De onde vem o vento?

Quem fez as árvores? Por que são tão altas? Quanto tempo vivem? Por que eu nasci? Como será a morte? Parecia não haver ninguém a quem eu pudesse fazer tais perguntas. Mamãe já tinha bastantes preocupações. Além disso, eu mesma não tinha certeza que ela soubesse tais coisas.

Eu tinha chegado a uma consciência da vida. Que significava tudo isto? Lembranças de meus anos de infância estão seladas indelevelmente em minha memória. Muitíssimas coisas aconteceram: coisas cômicas, coisas enigmáticas, mas não muitas coisas felizes.

No entanto, a vida é para ser vivida e não para ruminá-la. Em vez disto, eu guardava estas coisas em meu interior.

Durante as férias de verão, o sol sempre parecia brilhar. Os dias eram longos e a maior parte deles eu os passava fora de casa. Vagava pelas ruas, divertindo-me geralmente até altas horas da noite. E sempre acompanhada de meu bando de seguidores.

Devíamos formar um quadro bem triste. Minha indumentária constante, quer no verão, quer no inverno, era um vestido fino de algodão e um jersey desfiado que parecia durar anos. As meias eram um luxo desconhecido e geralmente não tinha sapatos para calçar.

Mas esta etapa de experiências em minha vida não me preocupava, embora às vezes fosse consciente destas coisas. Afinal de contas, eu era bem jovem. Isto era apenas o “alvorecer de minha vida”.

2

A PESCARIA

Embora meu pai estivesse geralmente bêbado e muitas vezes fosse agressivo, eu o amava profundamente.

“Se tão somente ele não bebesse tanto e não deixasse mamãe tão infeliz...”, pensava eu.

Cada centavo que ele ganhava o gastava na bebida. Até os cupões de roupa e de comida, que naquela época eram racionados, ele os vendia no botequim para beber mais. E o que sobrava para a roupa, comida e gás? No entanto, ele era meu pai e tinha seus momentos sóbrios, embora fossem poucos e raros. Estes momentos eram preciosos para mim.

Demos uma olhadela num destes raros acontecimentos, porque lembro-me dele com os mínimos detalhes.

Era uma linda manhã de verão, num sábado, dia em que não tinha aula. Papai levantou-se bem cedo, tão diferente dos outros dias, tendo-se barbeado na escura cozinha. Estava bem animado e cantava a plenos pulmões. De repente, me chamou:

- Doreen, você está acordada?
- Sim, papai, o lhe respondi.
- Quer sair comigo a pescar?
- Sim, papai.

Mal eu podia crer no que estava ouvindo e não podia vestir-me com suficiente rapidez. Papai desenterrou suas velhas e enferrujadas varas de pescar e logo pai e filha caminhavam felizes pela rua, de mãos dadas. Quando chegamos ao rio, eu olhava orgulhosamente para o meu pai enquanto ele atirava a linha à água. Papai era um bom pescador; começou a falar sobre peixes e como se pesca. Eu escutava, embora não entendesse tudo o que ele dizia, mas não me importava. O mais importante para mim era que eu tinha saído com meu pai, sem meninos barulhentos ao meu redor.

Desfrutei cada momento daquela pescaria, sentados um ao lado do outro, rindo e olhando para as bóias vermelhas que estavam flutuando na água. Era um dia perfeito, como aquelas manhãs sem nuvens, cheias de sol, que recordava da minha meninice.

O ar, límpido e claro, tinha um cheiro característico quando a brisa da manhã me atirava no rosto meu comprido cabelo castanho. Estava contente por estar viva. As árvores, altas, tinham um aspecto verde maravilhoso. O musgo das beiradas do rio era fofo; os juncos eram magníficos e tranquilos. Toda a infelicidade das semanas anteriores parecia ter-se derretido sob os dourados raios do sol.

Além do canto dos passarinhos e do agradável murmúrio do rio, não se ouvia mais nada. Ninguém acreditaria que estávamos em plena guerra. Tudo estava tão tranquilo que dava a impressão que meu pai e eu éramos os únicos seres vivos no imenso planeta.

Papai nem imaginava quais eram naquele momento meus pensamentos: “Talvez papai não queira continuar bebendo, talvez queira trazer-me a pescar com ele de vez em quando em lugar de ir beber. Tudo seria tão maravilhoso...”

Estes eram os felizes pensamentos e esta foi a esperança brilhante que encheu meu jovem coração.

— Está na hora de voltar para casa, Doreen — disse meu pai.

O tempo tinha passado rápido demais. Quando papai chegou à nossa casa, colocou na banheira o peixe que tinha pescado, como fazia sempre. O nosso banheiro nunca era usada para seu próprio fim.

Uma vez, papai pegou uma enorme enguia. Minha irmã e eu olhávamos como ele enchia a banheira com água e punha a enguia dentro. Lembro-me que eu subi em cima de um caixote de madeira e aticava a enguia com uma vara comprida através da pequena janela, pois papai sempre fechava a porta do banheiro com chave.

Se minhas esperanças tinham-se avivado naquele inesquecível sábado, logo seriam desfeitas, porque, mal papai pôs o peixe na banheira, foi direto para o bar, de onde só saiu na hora de fechar.

Havia momentos quando eu sentia que podia odiar a meu pai por todos os dissabores que ele me dava. Outras vezes eu era tomada de um grande sentimento de piedade para com ele. Foi quando pensei em agradá-lo limpando-lhe suas grandes botas, esperando que, em compensação, me pegaria no seu colo e me diria quanto me amava. Mas nunca ouvi aquelas palavras que por tanto tempo desejei ouvir.

As emoções de amor, ódio e piedade em relação a meu pai deixavam-me mais confusa e insegura do que nunca.

“Se tão somente alguém me amasse realmente”, pensava eu com tristeza. A vida só parecia piorar. Papai bebia cada vez mais e mamãe vivia com um aspecto de profunda preocupação.

A guerra aumentava com dureza alarmante; efetuavam-se mais bombardeios e outros horrores foram acrescentados à minha vida. Canhões antiaéreos localizavam-se no cume da colina Chandler, que não ficava longe de minha casa. Durante o dia, os bombardeios e o barulho dos tiros não eram muito horrorosos, mas à noite eram terríveis. Mais de uma noite, eu ficava sozinha cuidando de minhas irmãs, enquanto mamãe, como de costume, saía à procura de meu pai. Eu começava a acreditar que mamãe tinha razão ao afirmar que era a guerra que fazia que papai bebesse tanto.

Minhas quatro irmãs tinham muito medo, vivendo chorando e agarradas a mim quando nos sentávamos sobre os sujos agasalhos que nos serviam de cama.

— Tudo vai passar. Não deixarei que mal algum atinja vocês — dizia-lhes eu, sem deixar transparecer o medo que eu mesma também sentia.

Quando, finalmente, adormeciam, as lágrimas rolavam por minha face. Lágrimas que eu tinha segurado por amor a minhas irmãs. Sentia-me completamente infeliz e só; a estranha e misteriosa luz dos refletores

da busca aérea, que cruzava o céu à noite, iluminava, por outro lado, a nossa escura e vazia habitação.

Eu permanecia em pé ao lado das sujas janelas, olhando para cima, para o céu estrelado, e depois para baixo, para a rua, esperando ver papai e mamãe voltando para casa. Às vezes, permanecia ali durante horas intermináveis. Era precisamente nestas horas quando eu tentava orar.

“Ó Deus, por favor, ajuda-me e, se Tu és forte, faze-o. Se crês que não vale a pena responder-me, faze-o por minhas irmãs e não Te preocupes comigo. Eu sei que não sou muito boa, mas tentarei sê-lo. Por favor, Deus, conserta as coisas em nossa casa”.

Nada mudou para bem. Eu sentia que minhas orações não eram respondidas e, por este motivo, decidi finalmente que Deus não existia e não orei mais.

Minhas quatro irmãs e eu íamos todas as semanas à Escola Dominical, mas era somente para darmos um pouco de sossego em casa a fim de que papai pudesse “ter paz”. Todos os domingos de tarde, voltava do bar bêbado e minhas irmãs e eu estávamos bem contentes de não nos encontrarmos com ele naquelas condições.

A igreja onde assistíamos à Escola Dominical estava na Waterloo Road. Eu não prestava atenção a nada. Era, de todas as meninas, a mais difícil de dominar e de tratar.

Mais de uma vez fui expulsa por atrapalhar as reuniões, pondo minhas próprias palavras aos hinos e coros, atrapalhando os coitados dos professores e, quando era expulsa, ainda atirava pedras às janelas.

Era necessário que alguém corresse atrás de mim, mas não me alcançavam porque eu era muito rápida para eles.

Nós, os bagunceiros, ficávamos sentados separados das crianças melhor vestidas, que eram filhas dos professores e de seus amigos. Eu os apelidei de “as crianças de Chick” e zombava de seus vestidinhos de domingo, chapéus de palha e meias branquinhas.

Quando Doreen e seu bando chegava à Escola Dominical, a batalha começava. Eu era a chefe e os outros me acompanhavam, aceitando simplesmente minha liderança. Para mim, a Escola Dominical era simplesmente mais um lugar de diversão. Logo os professores chegaram à conclusão que, por passar momentos difíceis e infelizes em casa durante a semana, eu procurava compensar na Escola Dominical e eles cansavam-se aguentando-me todos os domingos.

No entanto, os professores da Escola Dominical tinham paciência e interessavam-se comigo e com minhas irmãs. Apesar de tantas vezes ter sido expulsa e da minha grosseria, a porta sempre estava aberta para mim no domingo seguinte.

Estes incidentes podem ser uma fonte de valor e de estímulo para os leitores que são professores da Escola Dominical ou que trabalham com jovens; pelo que se verá mais adiante, perceberão que a semente semeada durante anos antes de minha conversão deu fruto.

Os professores podiam pensar que estavam lutando em vão comigo, mas eu nunca me esqueci daqueles dias na Escola Dominical. De vez em quando, eu prestava atenção ao que eles estavam tentando dizer-me e muitas vezes minha consciência me apertava quando eles falavam do pecado no coração dos meninos e das meninas e do amor e do perdão do Salvador Jesus.

Eu nunca podia cantar as palavras de um hino bem conhecido que estava no hinário **Sinos de Ouro** e que muitas vezes entoávamos naqueles dias na Escola Dominical:

**Na cidade de Deus
Não cabe o pecado.
Puro é seu brilho,
Puro é seu brilho,
Não há manchas em seu fulgor.**

Para mim, aquelas palavras representavam um quadro com um par de portas de ouro, com um anjo de cada lado segurando uma espada de fogo e guardando o caminho das ruas de ouro e o lugar chamado céu. Sabia que em meu coração havia pecado. Pensei que não teria a oportunidade de entrar no céu. O professor da Escola Dominical me tinha dito que nada pecaminoso poderia entrar naquela cidade tão clara.

— Ninguém que roube pode entrar no céu.

“Esta sou eu”, pensei. Nunca poderei entrar no céu porque eu roubo quando estou com fome.

Assim, pois, deixei de lado qualquer ideia de poder entrar no céu. Apesar disso, todo domingo ia à igreja, mesmo que fosse só para tomar uma limonada e comer alguns biscoitos e, às vezes, maçãs depois que as reuniões tivessem terminado; eram os presentes que os professores nos davam àqueles que vínhamos de Londres.

Ainda havia os passeios da Escola Dominical e as festas, que não era para desprezar. Nunca pensei perder um deles. Minhas irmãs e eu não tínhamos mais a esperar. O Natal ia e vinha cada ano, sem que nem elas e nem eu tivéssemos um único brinquedo ou chegasse alguma coisa a nossas mãos. Em nosso aniversário acontecia o mesmo: nem um cartão, nem um presente.

Assim, pois, os passeios e as festas da igreja eram muito importantes para nós. Minhas irmãs e eu éramos sempre as primeiras a

chegar; às vezes tínhamos que esperar horas antes que as portas se abrissem.

Quando os bombardeios eram pesados e eu sentia medo, recorria às lições que tinha ouvido na Escola Dominical. Pensava na possibilidade de orar, mas a deixava de lado, pensando que ser um cristão era, afinal de contas, um conto de fadas muito bobo.

Quando completei dez anos, decidi unir-me ao grupo de Mensageiros de C.A.W.G., que era uma organização muito parecida com a dos Exploradores. Aqui aprendi muitas coisas interessantes, como nós correções, Código Morse, primeiros socorros etc.

A chefe tomou um grande interesse por mim e, como compensação, eu lhe tinha um grande afeto. Ela me deu o uniforme, sabendo que eu nunca conseguiria o dinheiro para comprá-lo.

Assim, pois, aos domingos, eu era indomável e dificilmente controlável, mas, às segundas feiras de tarde, quando os mensageiros se reuniam, eu era tão boazinha como o ouro. A chefe mal podia crer nas informações que recebia sobre minhas atividades aos domingos.

Um dia me perguntou se eu gostaria de acampar com os mensageiros durante as férias de verão, explicando-me que ela mesma pagaria meus gastos. Mas é claro que eu gostaria! Nunca tinha ouvido nada tão maravilhoso. Corri para casa e perguntei à minha mãe se podia ir. Ela me deu seu consentimento.

Mal podia esperar que chegasse o dia. Uma semana antes que o acampamento começasse, a chefe me chamou de lado e me deu todas as coisas que eu precisaria para o acampamento: sabonete, uma toalha, uma flanela suave, uma escova para o cabelo, um pente, uma escova para os dentes e creme dental, além de um par de meias novas e um par de pijamas.

Eu nem podia permanecer em pé, olhando com os olhos fora de órbita as coisas que eu tinha em meus braços, já que nunca tinha imaginado poder ter tais coisas.

A chefe me disse:

— Não diga a ninguém que eu lhe dei isto. Leve tudo para sua casa e traga-o no dia do acampamento.

Ela não queria que eu fosse diferente dos demais mensageiros. Eu lhe fiquei muito agradecida. Estava radiante. Cada momento eu desembulhava meu pacote para verificar se tudo estava ali ainda, como também para “curtir” aqueles presentes.

Finalmente chegou o dia e eu pulei rapidamente para dentro do furgão com os demais mensageiros. O “bando” todo, como eu costumava chamar àquelas crianças que sempre me acompanhavam, junto com minhas irmãs, estava presente para despedir-se de mim. Foi um momento muito emocionante para mim.

O acampamento estava situado na linda campina de Working. Embora não estivesse longe de Uxbridge, dava-me a impressão de estar a centenas de quilômetros, pois eu nunca tinha viajado de ônibus.

Nunca esquecerei daquela ditosa semana longe de casa. Tivemos momentos maravilhosos brincando no bosque, colhendo flores e correndo por entre as árvores. Também era maravilhoso quando nos sentávamos à noite ao redor da fogueira cantando corinhos, sentindo o odor das árvores e a fumaça do fogo que se misturava com o agradável aroma do purê de batatas e a brisa do anoitecer.

Sim, tudo era maravilhoso demais para ser simples palavras: o barulho dos galhos na fogueira, o canto dos pássaros no bosque vizinho e o sol como um grande balão vermelho, resplandecendo por trás dos altos abetos.

Dava a impressão que todas as criaturas, desde os pássaros até os gafanhotos, conheciam a alegria e a felicidade de minha alma. Meu coração estava cantando e até minhas tarefas eram um prazer.

Dormir com um verdadeiro pijama e debaixo de cobertores limpos era uma mudança deliciosa em relação ao que fazia normalmente. Escovar os dentes era uma novidade para mim. Outra diferença que senti era a comida, boa e abundante. O ar fresco e o tempo livre para fazer o que quisesse eram outras boas experiências. Também era uma aventura lavar-me com sabonete, com uma flanela suave e ter uma toalha grande e macia para enxugar-me.

Aqueles sete dias, ausente de casa, foram os mais felizes de minha vida infantil.

No domingo nos levaram a uma igreja, onde me senti muito bem. Percebi que o pregador estava realmente chorando enquanto falava da morte de Cristo na cruz. Percebi que ele o sentia realmente.

Queria que esta semana não terminasse nunca, que durasse sempre, conforme disse à chefe. Mas o dia da partida chegou e todos os mensageiros estávamos ocupados em colocar nossa bagagem dentro do furgão para sair do acampamento.

Eu estava muito triste, mas pensei: “Ainda me resta a viagem de volta para casa e de furgão, que é um grande privilégio”. Rápido demais estávamos de novo em Uxbridge.

Parecia que tínhamos levado horas para chegar ao acampamento; no entanto, a viagem de volta tinha durado tão pouco tempo!

De volta a Uxbridge, no encardido lar, uma multidão de crianças sujas, “o bando”, estava ali para dar-me as boas-vindas assim que desci do furgão. A realidade e a feiúra da vida em minha casa eram mais evidentes agora do que antes, contrastando-a com o acampamento onde eu tinha gozado tanto aqueles dias.

Não sabia então que o acampamento me tinha preparado para ser uma mensageira diferente. Não sabia que eu, que tinha estado pescando às margens do rio, chegaria a ouvir um dia a Deus, chamando-me para ser pescadora de homens.

3

MAMÃE

Após minhas curtas férias no acampamento com os Mensageiros da C.A.W.G., a minha vida continuou quase igual ao que tinha sido até então. As lutas e as discussões em casa eram insuportáveis. Perguntava-me onde e quando iam terminar. Que aconteceria a todos nós?

Eu não podia ser a melhor aluna na escola quando o meu pensamento estava voltado para tais coisas. Assistia na escola primária em São João, em Uxbridge, durante o dia, mas nunca pude aprender muito. Os professores, que não entendiam meus problemas, sempre me expulsavam de classe. A escola era um longo pesadelo. Eu estava sempre enfrentando problemas por ter chegado atrasada, por ter gritado etc.. Embora intentasse, nada me saía bem. “Aos outros tudo dá certo”, pensava eu. “É muito fácil sentar-se ali e logo me expulsarem”. “Deve ser por causa de minha roupa”, imaginei.

Estava começando a perceber que eu era diferente das outras crianças. Meu cabelo estava despenteado e a supervisora me mandava para casa porque eu tinha piolhos. Eu a chamava de “Beleza”. Odiava-a.

— Não está certo que ela cisme comigo e com minhas irmãs. Por que os professores enfiam seu nariz onde não deviam? Por que não me deixam tranquila?

Eu era um objeto ridículo para as outras crianças, que andavam melhor vestidas e asseadas. A zombaria me feria, pois eu era muito sensível. Aonde quer que eu fosse, me acompanhavam os gritos de outras crianças que me chamavam de “Cabeça de piolho” e de “Dentes amarelos”. Os professores eram tão maus como algumas crianças e faziam comentários pouco amáveis a meu respeito.

— Eu não posso evitar, ouviram? — dizia-lhes.— Odeio a vocês e à sua velha e podre escola.

Muitos dias eu matava aula. Em vez de ir à escola, ia ao parque. Algumas vezes, ficava deitado sobre a grama observando as árvores e as nuvens, sonhando desperta com países longínquos como os da África e a Índia, o que provava que tinha ouvido alguma coisa na escola. Como seria viajar para aquelas terras distantes no além mar? Também faltava à escola por outros motivos.

Mamãe me mandava ficar em casa muitas vezes para cuidar de minha irmã Silvia ou simplesmente porque não tinha sapatos para calçar. Havia somente uma disciplina na qual eu era excelente: Educação Física. Podia correr como uma lebre, saltar como uma rã e nadar como um peixe.

Esta capacidade me fez ganhar um certo respeito por parte das outras crianças da escola. Mas mesmo aqui tinha problemas. Fazia algum tempo que o elástico de minhas calcinhas tinha arrebentado e, para segurá-las, usava um grande alfinete. Já podem imaginar as risadas das meninas quando tinha que trocar a roupa para os exercícios físicos.

Um dia fui ao pátio de uma igreja próxima à venda para brincar. À medida que perambulava por ali, tropecei com uma sepultura comum de crianças.

“Violeta May” era um dos nomes que estava numa das lápides. O nome me chamou a atenção e comecei a falar com a criança morta, crendo plenamente que ela me ouvia e que me entendia. Em minha solidão, construí uma fantasia ao redor do túmulo. Isto me deu a sensação de estar ligada a alguém. Era como se Violeta May representasse o pai carinhoso que eu nunca tinha conhecido ou o professor da escola que me tratasse amavelmente, que eu também não tinha encontrado.

Indo à escola ou estando ali por perto, eu chegava até a sepultura e me ajoelhava ao seu lado, deixando sempre flores que tinha retirado de outras sepulturas. Contava todos os meus problemas à minha amiga e compartilhava com ela meus temores. Ninguém sabia de minha recente amizade, pois conservava estas reuniões em segredo e a menina morta como algo muito particular.

Outras vezes ia de passeio ao alto de uma grande colina, no extremo da cidade, recolhendo flores.

Durante a guerra, um acampamento de soldados norteamericanos, situado em cima da colina, era visitado por mim com frequência. Deslizava por baixo do arame farpado para ver os soldados. Quando estava perto deles, pedia-lhes chicletes e chocolate. Os norteamericanos eram amáveis e sempre me davam algo.

Depois voltava correndo para casa e dividia os chicletes e o chocolate com minhas irmãs.

Os temores que eu tinha sobre a possível ruptura da família iam realizar-se logo. O carinho entre meus pais tinha desaparecido fazia bastante tempo. Brigas e contendas, entre gritos e xingamentos, ocorriam dia e noite.

A causa agora era outra. Não era mais por dinheiro ou por bebida, era por outra mulher. Quem era esta mulher desconhecida? Eu estava realmente perplexa. Não fazia muito tempo que tinha reparado nisto.

Papai tinha conhecido uma mulher que tinha perdido seu marido recentemente; tinha morrido num manicômio. Fez-se amigo dela, demasiado amigo, até que mamãe não pôde resistir mais. O coração de minha mãe se destroçava e se desgastava perante mim.

Para mim era um profundo dilema resolver o que tinha de fazer. Mamãe estava sempre chorando e eu tinha medo de deixá-la nem que fosse um único momento.

— Não chore, mamãe, tudo se acertará. Você vai ver — disse-lhe, num esforço desesperado para confortá-la.

— Seu pai encontrou alguém — me disse. — Não me quer mais.

— Vou matá-la, se a encontrar, — lhe disse. Era precisamente o que eu queria fazer e não apenas dizer.

A vida se apresentava mais negra do que nunca para mim. Negras e tormentosas nuvens pairavam sobre mim, dispostas a arrebentar a qualquer momento.

Minha fiel amiga “Bessie”, a cachorra negra, percebia que alguma coisa não estava bem e olhava com tristeza sua pequena dona, com seus grandes olhos castanhos.

— Bem, velha “Bessie” — disse-lhe, apertando fortemente sua negra cabeça.— Você me entende, não é verdade?

Uma triste tarde, depois de brincar, voltei para casa e senti falta de mamãe. Dei uma olhada pela casa. Vi o fogo apagado e verifiquei que não havia gás. A casa estava gelada. Dei a minhas irmãs um pouco de pão com margarina e logo as pus na cama, no meio dos costumeiros agasalhos sujos que a formavam. Dormiram logo e eu fiquei sozinha.

Lá fora já estava escuro; as luzes apagadas. Tinha medo que papai e mamãe tivessem ido embora, deixando-nos sozinhas. Pus a cabeça entre as mãos e comecei a chorar sozinha.

De repente, ouvi a voz de papai e algo como se uma multidão entrasse com ele pela porta principal. Aproximei-me na ponta dos pés da janela e pude ouvir vozes lá embaixo. Então corri pelas escadas.

Ali estava mamãe, sentada sobre uma cadeira, com um cobertor cinza sobre suas roupas molhadas. Vários vizinhos e meu pai, enraivecido, estavam olhando para ela; junto a ele estava outra mulher

que eu não conhecia. O cheiro repugnante do canal chegou até minhas narinas.

— Você, porco imundo, olhe o que fez com minha mãe — lhe gritei, pensando que meu pai teria empurrado mamãe no canal.

— A tola se atirou! — gritou meu pai.

Então, pela primeira vez, reparei que mamãe estava com sua roupa molhada.

— Tudo por sua culpa, sua e de sua amiga! — insisti.

— Suponho que você é esta tal mulherzinha — continuei, virando-me para a mulher a seu lado.— Saia de nossa casa! Saia e não volte mais aqui!

Os vizinhos foram saindo um por um e o mesmo fizeram meu pai e sua “bela amiga”, como a chamava.

Mais tarde ouvi a história completa. Parece que mamãe viu papai com sua amiga e os seguiu. Ela os alcançou numa ponte sobre o canal. Ali houve uma violenta discussão e mamãe terminou atirando-se ao canal. Meu pai se viu obrigado a atirar-se após ela, pois ela não sabia nadar. Coitada de mamãe! Só que iria morrer.

Senti medo ao pensar que mamãe tentaria novamente pôr fim à sua vida. Tinha medo de deixá-la sozinha, longe de minha vista.

No dia seguinte, domingo, mamãe disse que ia embora de casa. Isto me deixou arrasada.

— Por favor, mamãe. Não nos deixe. Por favor, mamãe, não vá embora — lhe roguei. — Amo-a muito e morrerei se for embora.

Chorei tanto que mamãe prometeu não ir embora; mas suas palavras não me convenceram completamente. Os professores da Escola Dominical tinham ouvido algo sobre esta triste história e aquela tarde se mostraram muito amáveis com minhas irmãs e comigo.

Na segunda-feira pela manhã, fui como de costume à escola, mas meu pensamento não estava nas tarefas escolares. Alegrei-me muito quando chegou a hora de ir embora e corri com todas as minhas forças até a minha casa, com minha cachorra “Bessie” atrás de mim.

A casa estava vazia, sem o rastro de ninguém, nem sequer de minha irmã menor. Então vi uma nota apoiada à garrafa de leite:

“Querida Dolly, mamãe foi embora e não voltará mais para casa. Seja uma boa menina e cuide dos outros em meu lugar. Não chore. Um beijo. Mamãe”.

Senti como se meu coração estivesse sendo comprimido, como se a vida parasse repentinamente. Li novamente a nota, como se estivesse atordoada. Minha primeira reação foi não crer no que a minha mãe tinha escrito.

— Não pode ser verdade! É um terrível pesadelo!

Parecia como se tivesse passado uma eternidade. Chamei a mamãe, mas não houve resposta. A casa estava vazia. Finalmente, a dor vencia uma pobre menina destrozada pelos acontecimentos. Chorei amargamente.

“Contarei a todo o mundo a minha situação. Conseguirei meu sustento de alguma maneira”.

Quando, finalmente, cessou meu choro, o grande vazio de meu coração se encheu de intensa cólera e de profunda amargura.

Finalmente deixei minha casa vazia, pensando poder encontrar a minha querida mãe. Encontrei a minha irmãzinha, mas não a minha mãe. Ninguém sabia onde ela estava e ninguém estava preocupado aonde tinha ido ou quando tinha saído de casa.

Com minha irmãzinha ao lado, passei horas buscando e perguntando por mamãe, mas tudo foi em vão. Finalmente voltamos, andando lentamente, para uma casa fria. Não havia comida em casa, nem sequer um pedaço de pão seco. Minhas irmãs e eu tínhamos medo, frio e muita fome.

Quando meu pai chegou à casa, após as seis horas, encontrou-se que a esposa o tinha abandonado. Por alguns momentos ficou desconcertado.

— Como pode ficar em pé aí sem dizer nada? — lhe disse.— Você fez que mamãe fosse embora.

Ele não tomou conhecimento de minhas palavras.

— Amanhã vocês terão uma nova mãe a cuidar de vocês. — Eu não quero uma nova mãe! — disse, chorando.— Quero a minha mãe!

Meus protestos não resolveram nada porque meu pai, depois de mandar a chorosa Doreen a comprar batatas fritas para comer, foi ao bar para encontrar-se com a outra mulher.

No dia seguinte, papai trouxe para casa “a nova mamãe”, para tomar o lugar de minha mãe... Ela não veio só, mas trouxe também seus dois filhos, coisa que me deixou ainda mais furiosa.

Foi então que meus olhos de lince descobriram que ela estava esperando outro filho.

— Ah, agora compreendo... A senhora, no clube... — lhe disse, fazendo gestos e falando como uma mulher baixa de Londres.— Então este é o motivo porque a senhora quis agarrar meu pai. Bem, não vou chamá-la de mãe. A senhora não é minha mãe e nunca o será.

Meu pai pensou que sua enraivecida filha iria aprender a aceitar a nova situação, mas errou. Embora eu não tivesse mais do que onze anos, minha vontade era férrea. Esta nova mulher tentou ganhar-nos preparando para nós maçãs assadas, mas de maneira descarada lhe disse o que tinha de fazer com suas maçãs.

O ódio era mútuo entre nós. Quando eu dormia muitas vezes sonhava que estava indo embora com mamãe. Mas, se eu também fosse embora, quem cuidaria então de minhas irmãzinhas? Assim é que fiquei em casa. No entanto, cada dia eu aprendia uma nova lição de ódio que profundamente ia enchendo todo o interior de meu ser.

4

FLECHA NEGRA

— Agora ela será a sua mãe— insistiu meu pai.

Mas esta menina não demonstrou compreender e nem acatar esta ordem, principalmente tendo em conta as demonstrações de afeto que tinha para com ela.

Os dois filhos pequenos que ela tinha trazido eram, em minha opinião, crianças mimadas, pois se lhes permitia fazer tudo quanto queriam. A nova mulher que agora dirigia a casa era mais jovem que minha mãe. Achei um nome para ela: Flecha Negra, pois seu cabelo era preto que nem carvão e a mim me parecia uma bruxa. Este nome causou ainda mais problemas, mas eu insisti em mantê-lo e nunca conseguiram que em casa eu lhe desse outro nome.

Meu pai tentou convencer sua indomável filha que a aceitasse, mas tudo foi em vão.

Ele precisava que eu cuidasse do grande número de crianças que havia em casa quando Flecha Negra o acompanhava, o que era constante, nas suas saídas para o bar. Em compensação por estes trabalhos, eu os chamava sempre de “Casal de bêbados”. Havia frequentes discussões em casa.

Comparando nossa vida agora com o tempo em que minha mãe cuidava de nós, podia ver-se uma mudança tremenda; aqueles tempos sim que foram preciosos para mim. Continuei procurando a minha verdadeira mãe, andando muitas vezes quilômetros e mais quilômetros, não sendo coisa fácil porque tinha que ir acompanhada de uma multidão de crianças e de um cachorro.

Espiava cuidadosamente nas lojas, nas casas e as pessoas que passavam pela rua, tentando descobrir em alguém a minha querida mamãe. Infelizmente, nunca mais tornei a vê-la.

Naqueles dias da guerra e no após guerra não era difícil que uma pessoa fizesse desaparecer a sua identidade. Minha mãe podia ter ido a qualquer lugar e viver com qualquer pessoa e ninguém ficaria sabendo. Os próprios vizinhos não demonstravam interesse em minhas perguntas; até olhavam para mim como se eu os estivesse atrapalhando; era, afinal de contas, uma menina que morava numa casa suja e com uma família que era para eles uma verdadeira porcaria.

A casa estava sempre barulhenta. No princípio, havia até hostilidade entre os filhos de Flecha Negra e eu. Esta rivalidade chegou ao máximo quando os avós dos meninos vieram fazer uma visita, trazendo-lhes balas e outros presentes, mas não dando nada a minhas irmãs e nem a mim.

Vi como minhas irmãs contemplavam os presentes com olhos esbugalhados.

— Deem alguma coisa às meninas, seus avarentos! — lhes ordenei, ao mesmo tempo que lhes tirava os saquinhos de balas e as repartia com minhas irmãs. Eles estavam tão admirados que não se opuseram.

Após isto, os meninos também me aceitaram como sua chefe, pois eu combinava os papéis de líder, pai e mãe para eles. Comecei a compreender que eles não tinham culpa desta animosidade, pois também eram vítimas das circunstâncias. Fizemos as pazes e eu adquiri novos seguidores, que se incorporaram a este grupo de crianças que me acompanhava a todo canto, inclusive quando ia à procura de minha verdadeira mãe.

Em algumas ocasiões, quando estava sozinha, ia visitar o túmulo de Violeta May e contar-lhe todos os meus problemas e tristezas. Talvez a minha amiga estivesse em algum lugar do firmamento e pudesse ver minha mãe.

Um dia, quando voltei da escola, vi Flecha Negra que estava batendo em minha irmãzinha. Fiquei furiosa, peguei uma faca e comecei a persegui-la através da casa.

— Vou matá-la, velha bruxa, se tornar a bater em minha irmã! — lhe gritava furiosa.

Flecha Negra disse que não o faria mais, ao ver a minha determinação de agarrá-la, embora me tivesse ameaçado de contar tudo para meu pai quando este chegasse à casa.

— Diga-lhe o que quiser. Não me importo com o que ele faça. Mas a você vai importar o que lhe farei se bater novamente em minha irmã.

Cadeias como estas eram comuns. Meu pai costumava castigar-me quando me pegava, o que nem sempre era possível, pois que, devido a

estar bêbado, era para mim muito fácil escapular dele. Ele estava admirado com meu comportamento. Como muitos pais, antes e depois dele, pensava que os filhos são móveis que podem ser transportados de um lugar para outro a seu bel prazer.

A guerra terminou não muito depois que minha mãe foi embora de casa. Um ar de excitação tomou conta de Uxbridge e em nossa velha e suja casa também. Todo o mundo cantava e ria. Bandeiras pendiam das janelas em todas as casas.

Eu esperava que a chegada da paz melhoraria a vida da família. Minha mãe sempre dizia que a guerra era a causa de que meu pai bebesse tanto.

“Talvez meu pai agora deixe de beber e mamãe volte para casa”, pensei. Pelo contrário, papai agora se embebedava ainda mais. A bebida tinha alcançado limites inimagináveis; era sua essência de vida. Neste período houve um momento feliz. Tivemos uma festa no bairro para celebrar o fim da guerra. A comida foi abundante, havia de tudo e eu tomei providências para que nem para minhas irmãs e nem para mim faltasse comida.

Este dia também foi memorável por outras razões. Eu tinha crescido muito e acharam que estava na hora de ser transferida para uma escola superior. Esta mudança, que era um orgulho para outras jovens, era uma preocupação para mim.

Minha andrajosa aparência tinha sido motivo de zombaria na escola onde estivera até agora. Que aconteceria na nova escola? Este problema não preocupava ao meu pai e muito menos a Flecha Negra. Mais uma vez, eu sozinha tive que enfrentar a situação, sem sequer uma palavra de ajuda.

Minha primeira semana na nova escola foi cheia de provocações. Procurava não tomar conhecimento de tais provocações. Tentei ganhar as simpatias dos professores, levando até flores de algum jardim para enfeitar a sala de aula.

Apesar de minha inteligência, era considerada como uma estúpida porque nunca levantava a mão quando o professor fazia alguma pergunta. Interiormente, eu pensava que, mesmo que levantasse a mão, ninguém me consideraria, pois os meninos diriam: “Você não sabe nada; é uma mentirosa”.

Preferia ser ignorada tanto quanto possível. Odiei a escola desde o momento que entrei nela até que a deixei. Ninguém se preocupou se, por trás da sujeira e dos farrapos, podia haver um cérebro inteligente e uma mente sensível.

Durante os dois anos que estive na nova escola, Flecha Negra teve mais dois filhos: um a cada ano. A casa transbordava de gente. Mais

responsabilidade pesava sobre mim para cuidar das crianças. Com treze anos, eu tinha a aparência de uma mulher adulta.

Nesta época de minha vida, tentei melhorar a aparência de minhas irmãs e a minha própria. A nova escola nos dava escova e pasta para os dentes, como também um pente de puas finas muito apropriado para ajudar-nos a tirar os piolhos de nossas cabeças.

A limpeza chegou a preocupar-me. Usando a barra de sabão da roupa, lavava as minhas quatro irmãs até que seu aspecto fosse satisfatório, depois dava atenção às outras crianças e o tempo que me sobrava era dedicado à minha própria limpeza. Fiz o firme propósito que não deixaria de fazer isto todo dia.

Tinha duas possessões preciosas para mim: um colar feito com bugigangas presas num barbante que me tinha dado uma amiga e uma velha caixinha de joias que meu pai tinha encontrado no lixo quando ali estava trabalhando num dia em que estava sóbrio.

Lembro-me que um dia roubei um vidro de líquido para limpar a prata numa loja de Woolworth, com o qual limpei a caixinha até que a deixei brilhante.

Depois coloquei dentro dela o colar de quinquilharias e decidi usá-lo somente aos domingos. Às vezes o retirava da caixinha e o deixava ao sol para vê-lo brilhar. Estas eram minhas riquezas; não eram muitas, mas eram minhas.

A união entre minha decisão para melhorar de aparência e as constantes brigas em casa criou em mim um pensamento excitante: Por que não ir embora de casa? Comecei a fazer frequentes visitas à estação do metrô em Uxbridge, em High Street. Ali me sentava num banco de madeira, com minha fiel “Bessie” e olhava para as composições que iam e vinham.

Mas o pensamento do que poderia acontecer às minhas irmãs se eu fosse embora deixava de lado meus planos. Uma pequena tragédia, terrível para mim aconteceu: minha fiel e querida “Bessie” morreu.

Tinha sido uma fiel e leal companheira durante anos e, embora estivesse velha, perdê-la foi algo terrível para mim. Primeiro tinha ido embora mamãe; agora, a cachorra. Era demais. Ninguém participava da minha dor. Minhas irmãs eram muito pequenas para compreenderem em profundidade o grande vazio que havia em meu coração.

Decidi, pois, que o melhor era ir embora de casa. A próxima vez que eu fosse à estação do metrô seria a última.

Meu pai e Flecha Negra saíam todas as tardes e, por isto, eu estava certa que minha ausência não seria sentida logo. O mais difícil seria chegar à estação sem o bilhete.

Cuidadosamente, fiz um pacote de meus tesouros: o colar de quinquilharias e minha pequena caixinha. Prometendo às crianças que

não me demoraria, saí de casa. Com a experiência que eu tinha de me safar nas lojas, foi fácil chegar até a plataforma de embarque enquanto o fiscal estava preocupado com outras coisas.

Era minha primeira viagem de trem. Nem tinha ideia da distância que me separava de Londres. Não tinha ideia de como passar pelo fiscal, ao descer do trem. O coração começou a pulsar forte quando o trem iniciou sua marcha.

Em Hammersmith decidi que já tinha viajado suficiente. A estação estava cheia de pessoas e o relógio marcava 10 e 10 da noite, uma hora quando muita gente de Hammersmith estava divertindo-se. Devia ter o aspecto de uma menina abandonada, com meu vestido de algodão fino e uma blusa suja sobre os ombros. Ninguém prestou atenção em mim quando passei por baixo da roleta do fiscal, fugindo imediatamente.

Fora, as ruas, cheias de gente e bem iluminadas, me fascinavam enquanto eu olhava atônita para as vitrines, sem perceber que a noite estava ficando bem fria.

— Que está fazendo fora de sua casa, menina?

Virei-me e encontrei-me com um senhor de meia idade, cuja fisionomia era uma mistura de curiosidade, humor e amabilidade.

— Fugi de casa e amanhã cedo estarei à procura de um trabalho.

O homem mexeu pensativamente sua cabeça.

— Você tem onde passar a noite?

— Não.

De repente, percebi que eu estava com muita fome e que também estava cansada.

— Bem, minha mãe vai ficar muito contente em conhecer você — sorriu o desconhecido.— Faz muito tempo que não temos uma visita como você lá em casa.

Caminhamos em silêncio até chegarmos à casa. Estava escuro e eu estava cansada demais para reparar no exterior, mas por dentro era linda.

O amável desconhecido explicou a situação à sua mãe. — A janta está preparada, — disse ela.— Amanhã trataremos de sua situação.

Não se passou muito tempo e eu já estava instalada numa cama bonita e quentinha, experimentando pela primeira vez em minha vida o que era descansar numa casa limpa e dormir em uma autêntica cama com lençóis limpos e brancos. Logo adormeci profundamente.

Quando acordei pela manhã seguinte, no princípio estranhei. Então me lembrei da aventura do dia anterior.

— Consegui; escapei — disse, falando baixinho.

Após um deliciosa desjejum com ovos e bacon, me ofereci para fazer algum serviço para a bondosa senhora.

— Bem, talvez mais tarde. Antes, eu gostaria que me contasse como chegou tão tarde a Hammersmith.

Contei-lhe a história, mas sem falar de maneira a reclamar a sua compaixão para comigo. No entanto, eu procurava as palavras corretas. A senhora enxugou seus olhos quando eu terminei.

— Procurarei um trabalho para ganhar algum dinheiro, de maneira que possa chamar logo minhas irmãs.

Estava preparada para sair.

— Quero que você me prometa que vai voltar para almoçar conosco — disse a senhora.— Tenha cuidado para não se perder.

Tomei nota cuidadosamente do endereço e saí.

Na rua principal de Hammersmith encontrei um café, que não era mui grande, mas que estava limpo e tinha um aspecto respeitável. Gostei e entrei.

— Desculpe, mas será que a senhora tem um serviço para mim?— disse eu a uma senhora que estava limpando o balcão com um pano.

A mulher me olhou admirada.

— Quantos anos você tem?

Pensei rapidamente.

— Tenho catorze. Eu sei que sou pequena, mas trabalharei muito. — Bem, preciso de uma ajuda.

— Vamos, dê-me uma oportunidade, — lhe roguei.

— Está certo, venha amanhã de manhã e veremos o que posso fazer.

Eu estava tão alvoroçada que deixei admirada aquela senhora. Minha expressão de gratidão continuou até sair à rua.

Corri para casa, cheia de felicidade. Mas meu rosto se anuviou quando dei com um policial e com meu pai.

“Que falta de sorte?”, pensei.

Devia ter percebido que não seria tão fácil como eu pensava. A senhora da casa se aproximou de mim.

— Lamento, Doreen. Mas você tem somente treze anos. Deve voltar para casa com seu pai.

— Eu não quero ir para casa com ele. Quero ficar aqui — disse eu, começando a chorar.

— Não chore, Doreen. Eu quero que você conte a esta policial feminina tudo o que me contou esta manhã.

Contei-lhe como tinha chegado a Hammersmith para buscar serviço, com o fim de dar a minhas irmãs uma vida melhor.

— Já consegui um serviço; Posso começar amanhã, se a senhora me deixar ficar aqui.

A policial levou-me a outro quarto e me perguntou com detalhes uma porção de coisas relacionadas com meu lar. Escutou atentamente o que lhe contei, sem deixar nada por dizer.

A entrevista terminou e levaram-me para casa num grande carro da polícia. Ao chegar à casa, os vizinhos e a criançada vieram rapidamente para ficar conhecendo minhas aventuras e meu regresso. Era a heroína do dia. Todos me consideravam como uma menina muito valente. No entanto, meu pai me deu uma tremenda surra, como jamais eu tinha recebido na minha vida.

— Não vá contar nem mais uma palavra a ninguém — me disse — ou lhe darei outra surra ainda maior.

Contudo, as autoridades não creram na versão que meu pai lhes deu como resposta às minhas afirmações. Assim, pois, no dia seguinte, um inspetor de saúde chegou à nossa casa. Flecha Negra vestiu-se com a melhor roupa que tinha e explicou que as dificuldades na vida eram por causa das muitas crianças que tinha para cuidar.

Cobertores e roupas nos foram entregues pelo Departamento de Assistência Social e durante um certo tempo as coisas melhoraram. Mas isto durou pouco. Eu estava decidida a escapar de novo, mas sabiamente resolvi esperar até completar catorze anos.

Enquanto isto, eu não via a hora em que esta data chegasse logo e depois ninguém mais me apanharia.

Não sei se a minha boa amiga, a chefe do grupo Mensageiros da C.A.W.G. tomou conhecimento de minhas intenções de fugir de casa, mas sei que ela conhecia realmente meus problemas no lar e me animou para que assistisse à Escola Dominical. Para admiração de todos, cheguei a ganhar um prêmio de aproveitamento, mas notem que foi por aproveitamento e não por comportamento.

A chefe muitas vezes me falava do Senhor Jesus.

— Ele tem um propósito para a sua vida, Doreen — me dizia. Eu não queria ferir os sentimentos da chefe do grupo, recusando a Cristo, mas a verdade é que nunca O aceitei.

— Sempre estarei orando por você — disse-me ela.— Nunca deixaremos de acompanhá-la. Finalmente, foi ela mesma que me abriu a porta da gaiola em que eu estava fechada, conseguindo-me uma colocação de empregada numa povoação chamada Cowley, não longe de Uxbridge. Começaria a trabalhar assim que terminasse meus estudos primários. Ainda que o salário era pequeno, a colocação me traria grandes vantagens se eu soubesse aproveitar as oportunidades, me disse ela.

O começo de uma nova vida estava à minha espera. Estava desejando ir embora de casa para sempre.

5

TRANSFORMAÇÃO

Aconteceu quase que no fim do verão, num domingo à tarde.

“Esta será a última vez que vou à igreja”, pensei, porque tinha chegado o dia de deixar meu lugar no bairro pobre e começar uma nova vida como empregada em Cowley.

Esperava ver a minha boa amiga, a chefe do grupo, mas ela estava ausente naquela tarde. Parecia que ninguém estava percebendo minha próxima mudança. Como já tínhamos podido verificar, a chefe do grupo trabalhava sob o princípio bíblico de fazer o bem em segredo, por isso não disse nada sobre a minha mudança.

Após a Escola Dominical, fui andando para casa. Meu pai e Flecha Negra tinham saído. Observada pelas irmãs, empacotei minhas coisas, enfiando tudo numa bolsa. Eram poucas coisas: a roupa que tinha no corpo, somente minha velha caixinha, o colar de bugigangas e um exemplar do hinário **Sinos de Ouro**, que tinha sido meu prêmio na Escola Dominical. Minhas irmãs me olhavam com rostos abatidos.

Meu bando de fiéis seguidores estava no quintal para despedir-se de mim.

— Agora não se preocupem, crianças — lhes disse, o mais forte que pude.— Voltarei novamente para ver vocês. Cowley está somente a alguns quilômetros daqui, não é? Não estou indo embora para a Austrália. Seria diferente, não é?

Disseram-me adeus e ficaram em pé até ver-me atravessar a ponte. Eu estava triste, mas a vida é assim mesmo.

Felizmente, era uma tarde muito bonita. Tinha que ir até Cowley a pé. A orientação que tinha recebido era completa, de maneira que não podia perder-me. No entanto, eu estava nervosa. Como seria a casa? Me aconteceria o que me acontecera em Hammersmith? Não tinha ideia do que me esperava.

Novamente estava dando um importante passo sozinha; sem uma palavra de ajuda ou de conselho da parte de ninguém. Em minha viagem solitária passei pela frente de minha velha escola.

“Bem, não vou precisar voltar mais aqui”, pensei e isto para mim era suficiente para animar-me.

Meu coração palpitava mais rapidamente à medida que apertava o passo. Logo apareceu Cowley perante mim. Era um lugar lindo, não muito grande, mas lindo.

Esquadrinhando atentamente as entradas das casas, descobri o número que estava anotado em meu papel.

As portas da casa eram enormes, algo assim como as portas do céu, só que estas são de ouro, enquanto que as daquela casa eram de ferro. Prossegui lentamente pelo espaçoso caminho e parei, boquiaberta, quando vi a enorme casa.

Duvidei por alguns instantes antes de tocar a campainha da porta principal. Esperava ver aparecer um mordomo vestido com roupas negras. Após alguns momentos, uma senhora bastante elegante apareceu. Olhou para mim surpresa e admirada.

— Que deseja? Posso ajudá-la?

— Pois... sou a nova empregada.

A senhora me olhou fixamente e depois disse rapidamente e com educação:

— Oh, sim. Tenho estado esperando-a. Por favor, entre.

Fez-me entrar no vestíbulo, a partir do qual se abria uma larga escadaria que levava aos quartos superiores. Andei com os olhos bem abertos, sem poder dizer nem uma palavra sequer. Quando voltei a mim mesma, disse as primeiras palavras que surgiram em minha mente: — Puxa, isto é tão elegante!

A senhora, admirada, me olhou.

— Acho que você gostará de conhecer seu quarto, não é? Siga-me, por favor.

Acompanhei a senhora pela larga escadaria em silêncio.

— Seu quarto está aqui em cima, à esquerda, e estou certa que você vai gostar dele.

Se ia gostar! Fiquei encantada porque nunca tinha visto um quarto como aquele.

Fiquei pensando que talvez fosse como o céu, a respeito do qual eu tinha estado cantando naquela tarde na Escola Dominical.

O quarto tinha um lindo tapete, era acolhedor e tinha belos móveis: uma cama com uma colcha cor de rosa, uma cômoda com um espelho, um tocador com gavetas, um guarda roupa e um criado mudo. No canto do quarto havia uma pia.

Meus olhos passavam de um objeto para outro. Não tinha ideia que pudessem existir quartos como aquele.

A senhora falou novamente.

— Agora, Doreen, este é seu nome, não é? Eu sou sua chefe. Este é seu quarto. Quando quiser tomar banho, seu banheiro está ao lado.

Meu banheiro! Mal podia crer no que estava vendo e ouvindo.

— Seus uniformes estão nas gavetas da cômoda. Pode deixar sua bagagem nas gavetas do tocador e no guarda roupa.

Como se suas palavras a estivessem lembrando que eu tinha chegado de mãos vazias, me perguntou quando chegaria minha bagagem.

— Não tenho bagagem.

— Quer dizer que não tem mais nada?

— Nada mais; somente o que eu trouxe.

A senhora ficou completamente atordoada ao comprovar que sua nova empregada estava inteiramente desprovida de tudo.

— Bem, alguma coisa tem que ser feita. Lave-se as mãos e desça. Então ela desapareceu atrás da porta; ouvi como seus passos iam afastando-se.

Sentei-me com cuidado na cama e logo me perguntei se me mandariam embora como da vez anterior. Depois reagi, desempacotei minhas “riquezas” e as colocou na cômoda. Dei uma posição privilegiada ao meu hinário **Sinos de Ouro**, colocando-o sobre o criado mudo. Sempre desconfiada, experimentei acender o abajur do criado mudo, ficando admirada ao ver que funcionava logo na primeira tentativa.

Examinei com cuidado os uniformes que teria de vestir, tirei um por um e os segurei em minhas mãos, pondo-os sobre meu corpo enquanto contemplava no espelho como ficavam em mim.

De repente, lembrei-me das instruções quanto a lavar as mãos e descer. Lavei-me rapidamente, gozando da fragrância do sabonete perfumado e depois desci. Foi um caminho cheio de surpresas, ao observar novos móveis e coisas belas.

Quando cheguei à cozinha, tive outra visão maravilhosa, ao ponto de pensar estar sonhando e que, a qualquer momento, despertaria do sonho. Vi prateleiras e estantes limpos e brilhantes por todos os cantos para onde meus olhos se dirigissem.

— Aqui está o seu jantar, Doreen. É aqui onde você comerá suas refeições.

A boa senhora percebeu que eu estava com bom apetite e desapareceu novamente. Eu desfrutei com aquela boa comida, mas era algo deprimente comer sozinha em uma cozinha tão grande. Felizmente, a senhora voltou antes que eu terminasse meu jantar. Apesar de meu estranho começo, pressentia que tudo daria certo.

A senhora ficou sabendo, possivelmente pela própria chefe de grupo, que sua nova empregada provinha de um bairro pobre, mas não

esperava encontrar-se com uma menina tão pequena e tão necessitada. Ela mesma provinha de uma família importante e tinha feito um bom casamento. Seu marido era um homem de negócios bem sucedido. Ela nunca tinha experimentado o que era passar alguma necessidade.

Agora estava frente a uma menina pobre e menosprezada de catorze anos. Assim, pois, não era para surpreender-me que ela não soubesse nem sequer como fazer para ensinar-me minhas obrigações.

Ela mesma facilitou o caminho. Eu estava começando a gostar dela. Pegou uma cadeira e sentou-se a meu lado.

— Acho que você vai querer saber alguma coisa sobre seu novo serviço. Deve chamar-me sempre de senhora e a meu marido de senhor.

Ela deve ter percebido minha expressão de ressentimento, de maneira que continuou rapidamente dizendo-me que meu ordenado seria de doze xelins e seis penies por semana, que me pagaria quando eu tivesse meu meio dia de folga, que seria às quintas feiras. A seguir, me deu uma ideia das minhas tarefas e acrescentou algo que me animou:

— Logo aprenderá, Doreen. Não seja impaciente. Agora, Doreen, você tem camisola?

— Não, senhora.

— Acho que poderei arrumar-lhe uma para esta noite. Amanhã providenciaremos roupas e sapatos para você.

— Obrigada, senhora. Muito obrigada.

Passei aquela primeira noite dormindo em uma cama de verdade e em meu próprio quarto; era como se uma história de fadas começasse a fazer-se realidade.

Na manhã seguinte, me despertou uma batida suave na porta. Dei meia volta para continuar dormindo, mas lembrei-me que era uma empregada e saltei da cama.

Perguntei-me qual daqueles uniformes teria de usar. Minhas roupas pareciam mais andrajosas do que antes. Resolvi usar minhas roupas velhas e descí para a cozinha, onde um formidável desjejum me estava esperando. Eu estava comendo com entusiasmo quando apareceu a senhora.

— Assim que você esteja pronta, Doreen, vamos para Londres.

Isto me fez terminar mais rapidamente meu desjejum. Logo pude perceber parte de uma conversa entre a senhora e a encarregada da limpeza, que tinha terminado de chegar.

— Vem da casa mais terrível que possa imaginar e não tem nem roupa para usar. Vou levá-la a Londres para providenciar-lhe alguma roupa.

A encarregada, uma pessoa forte e bem disposta, entrou na cozinha para conhecer-me e me olhou fixamente por alguns instantes, antes de falar.

— Alô, Doreen. Eu sou a senhora Hill, sou a encarregada. Espero que sejamos boas amigas — disse, piscando um olho para mim.

Só soube fazer-lhe uma careta, considerando que isto seria uma boa educação.

A dona da casa tinha também a seu serviço uma cozinheira, que estava em seu dia de folga no dia em que eu cheguei. Eu me perguntava como me sentiria entre elas.

Saí com a senhora para Londres em seu carro grande e preto. Ela mesma guiava, enquanto me fazia um montão de perguntas sobre mim mesma. Parecia satisfeita com as respostas, embora atordoada por causa delas. Embora a senhora sempre tivesse levado uma vida distinta, sabia que em uma empregada era mais importante a honestidade do que a sua educação e eu tinha sido completamente honesta em minhas respostas.

Logo chegamos a Londres. O carro parou no momento de abrir-se o comércio de Harrod; uma senhora, muito envergonhada de que vissem naquele lugar uma menina tão suja, logo me levou ao departamento de modas. A senhora era bem conhecida ali, de maneira que foram feitos todos os esforços para agradá-la.

A senhora explicou em duas palavras a situação ao chefe do departamento, que não precisou de mais nada para pôr-se imediatamente em ação. Arrumou as coisas de tal maneira que não precisei sair daquele mesmo departamento e assim foram evitadas situações embaraçosas, evitando que eu precisasse ir de um lugar para outro dentro da grande loja.

Pareceu-me como se um espírito de Natal tivesse tomado conta dos balconistas, numa explosão de atividade voltada para mim. As pessoas corriam com caixas e com pacotes de todos os estilos e medidas. Camisetas, blusas, vestidos e outras roupas foram trazidos à sala onde eu estava para poder experimentar. Não me preocupava a feitura ou a cor que tivessem porque nunca tivera antes roupa nova.

A própria senhora se sentiu contagiada com aquele espírito, que dava uma atividade especial ao acontecimento. O pessoal especializado desmanchava-se em sorrisos, enquanto dava sugestões para minha transformação.

Minhas velhas roupas foram encostadas discretamente, enquanto ficava com algumas de minhas roupas novas e de meus brilhantes sapatos. O restante das compras foi levado para o carro. Mas a grande aventura ainda não tinha terminado.

A senhora então me levou para um salão de beleza, onde me lavaram a cabeça e me arrumaram o cabelo. Quando terminaram, me convidaram a olhar-me ao espelho. Fiquei sem poder falar; mal podia crer que a pessoa limpa e atraente que se refletia no espelho fosse eu mesma.

— Que transformação! — disse a senhora.

Ficou satisfeita com o serviço daquela manhã, enquanto que eu estava intranquila pensando que tudo terminaria de novo sobre um montão de sujos agasalhos em Uxbridge.

Durante alguns minutos fui contemplada por todos os que tinham tomado parte na transformação; logo a senhora e eu saímos da loja, após despedir-nos de todos.

A viagem de regresso à casa foi um contínuo dar meus agradecimentos à senhora, que já estava cansada de tal gratidão. Para ter certeza que estava levando todas aquelas compras, continuamente virava a cabeça para ver os pacotes que estavam no assento traseiro do carro, enquanto que com minhas mãos tocava o novo casaco. Sim, eram reais, não era um sonho. A vida não seria tão má.

De volta a Cowley, conheci a cozinheira. Agradou-me logo que a vi. Entre a cozinheira e a senhora me ajudaram a vestir o uniforme.

Minha vida de empregada ia ter altos e baixos; havia momentos de dificuldade quanto a efetuar corretamente minhas tarefas, mas tanto a senhora quanto a cozinheira tinham resolvido fazer alguma coisa de mim e me ajudavam a superar minhas dificuldades.

Em certa ocasião, a própria cozinheira me contou que nunca tinha rido tanto como em certos momentos de dificuldades que eu tinha passado.

6

MUITAS NOVIDADES

Uma das minhas primeiras tarefas foi cortar o pão para o jantar. Era alguma coisa que eu podia fazer com facilidade porque já tinha cortado centenas de fatias para as minhas famintas irmãs.

Terminando de cortar o pão, coloquei uma enorme quantidade de fatias num prato. A senhora contemplou assombrada e um tanto chateada a montanha de pão.

— O que você pensa que é isto?

— Pão, como a senhora me pediu que cortasse.

Eu não podia entender porque a senhora olhava chateada e parecia não estar gostando das “saudáveis” fatias de pão que eu tinha cortado.

— Agora, Doreen, vou ensinar-lhe como se deve cortar o pão. Faça pelo menos duas fatias de cada uma destas.

— A senhora está brincando comigo, não é? Minhas irmãs chamariam de pequenas estas fatias!

A senhora me olhou surpresa, mas não disse mais nada. Lá no fundo, a cozinheira esboçava um sorriso burlesco, vendo-me cortar de novo as fatias de pão e como a senhora me instruía nesta arte.

Depois que meu primeiro trabalho fracassou, eu estava bastante nervosa para as próximas tarefas. Era rápida como uma águia para aprender, mas bem difícil para deixar-me ensinar.

— Pegue o material para encerar, — me disse a senhora. Levaram-me ao vestibulo e me ensinaram a encerar o piso. Trabalhando à base do princípio segundo o qual quanto mais cera usasse tanto mais o piso brilharia, converti rapidamente o vestibulo em algo que se aproximava de uma pista de patinação e, portanto, tão perigoso quanto esta. A pobre senhora logo teve oportunidade de comprová-lo, pois que, atravessando rapidamente o vestibulo, pisou sobre um pano e...

— Isto está perigoso demais, Doreen. Precisa raspar todo o piso e começar de novo.

— Raspar tudo? Depois de tanto trabalho que tive? Nada disso! A senhora queria que o piso estivesse brilhante e aí está. Nem imagine que eu vou raspar este chão.

Um longo diálogo começou logo entre a senhora e eu; eu estava usando algumas palavras dos bairros pobres de Londres para expressar meus sentimentos. A cozinheira veio para ver qual a causa de tal alvoroço, voltando para a cozinha sem poder evitar uma risada.

— Doreen, você tem que fazer o que lhe mando. Agora, trate de raspar todo o piso.

A senhora retirou-se para lugares mais tranquilos e eu iniciei minha tarefa, mas não sem antes protestar com as palavras mais baixas que me vinham à boca e que eu tinha aprendido nos bairros baixos de Londres.

O sabão em pó também era algo estranho para mim. Usava-o abundantemente em todos os serviços que fazia. Quis deixar suficientemente limpas duas toalhas de chá e, para lavá-las, usei meio pacote de sabão em pó e meia garrafa de água sanitária. Bem, já podem

imaginar o que aconteceu. Primeiro, a espuma saindo por todo canto e, depois, as duas pobres toalhas...

A senhora e a cozinheira tinham muita paciência, embora em algumas ocasiões fosse bem difícil. Mais de uma vez fugi para o jardim ou subi para o meu quarto vermelha de raiva e desfazendo-me em lágrimas.

No entanto, nem todos os meus serviços eram um fracasso. A senhora me perguntou se eu sabia acender a lareira. Sorri, pensando: “Vou lhe mostrar”.

— Dê-me a lenha e o carvão, companheira. Vou mostrar-lhe já.

— Você tem que chamar-me de senhora e não de companheira, — disse a senhora rapidamente.

— Está certo! Está certo! Já ouvi! — lhe gritei.

Não demorou muito e o fogo estava aceso, atingindo a metade da lareira. A senhora e a cozinheira me cumprimentaram, embora o fogo tão alto fosse até perigoso.

A vida em Cowley era uma mistura de desastres, lágrimas, discussões e alguns êxitos durante os meus primeiros dias. Mas o que tinha sido uma casa tranquila, agora tinha-se tornado em uma espécie de caos por alguns momentos. A chegada desta menina acrescentava certo colorido a todas as coisas. Nem a senhora, nem seu marido, nem a cozinheira, nem a encarregada tinham encontrado alguma vez alguém como esta nova empregada, que causava tantos choques, frustrações e divertimentos em tão curto espaço de tempo.

Quando me mandaram trabalhar em outros quartos, eu tinha muito medo de mexer nas coisas por receio de quebrar algum daqueles preciosos enfeites. Por que seriam necessários tantos quartos? Minha casa em Uxbridge só tinha dois, que caberiam dentro de apenas um destes. Certamente, a vida aqui era bem diferente.

A cozinheira era uma boa amiga, ajudando-me constantemente; no entanto, havia momentos em que eu me sentia sozinha nesta casa. Sentia falta de minhas irmãs.

A cozinheira estava trabalhando nesta família fazia mais de oito anos. Tinha um aspecto de boa cozinheira: corada, gorda, animada e alegre. As duas comíamos juntas na cozinha. Eu nunca tinha estado tão bem alimentada, pois ela sempre teve o cuidado de dar-me uma boa porção de comida. As duas falávamos bastante, com toda a liberdade, e sempre ria comigo.

Nunca estava com avental sujo, após um dia de trabalho. Bem diferente do meu, que meia hora depois de estar usando-o, já estava sujo e amassado, para tristeza permanente da senhora.

A filosofia da cozinheira era bem simples: “Olhe sempre para o lado bom das coisas; temos muito para estar agradecidas”.

Tratei de considerar este sistema de vida, mas as coisas, às vezes, saíam tão mal que eu desanimava.

A senhora planejou novas tarefas para mim; uma delas foi que, por ocasião das refeições, eu ficasse perto da sua mesa para atendê-los, mas o resultado não foi compensador, o que fez com que ela desistisse temporariamente dos seus planos.

Abrir a porta da casa foi outra tarefa que a senhora considerou simples para mim, mas eu agi de maneira que este ato tão simples trazia problemas contínuos, daí a senhora ter resolvido que, por enquanto, eu não devia fazer tal coisa.

Uma tarde me disseram que estavam esperando visitas. Eu deveria dar-lhes as boas-vindas e conduzi-las à sala.

Quando soou a campainha, fui abrir a porta. A cozinheira estava em pé na cozinha, com a porta entreaberta para ver o que acontecia.

Abri a porta rapidamente e disse em voz bem alta:

— Entrem e limpem os pés.

Os dois convidados olharam-se mutuamente, admirados, e entraram com tremendo cuidado.

— Deem-me seus agasalhos e os pendurarei.

Eles assim o fizeram num sepulcral silêncio. A seguir, abri de vez a porta da sala e, com voz alta e tom londrino, anunciei:

— Ei, eles já chegaram.

Pareceu-me que a senhora fazia uma cara bem feia. Voltei para a cozinha, onde encontrei a cozinheira morrendo de rir; as lágrimas corriam por seu rosto.

— Que aconteceu? — lhe perguntei. — Não fiz nada errado, não é?

A cozinheira apenas ria.

Logo apareceu a senhora. Se a cozinheira pensava que minha maneira de agir era divertida, a senhora pensava precisamente o contrário. Eu, que tinha feito o que considerava natural, não podia compreender aquela sua atitude. A cozinheira subiu para o seu quarto para refazer-se do riso, enquanto que a senhora murmurava para mim:

— Onde já se viu mandar-lhes que limpassem os pés.

Finalmente chegou a quinta-feira com meu primeiro dia de folga e meu primeiro ordenado.

— Agora você está livre até amanhã pela manhã, mas precisa voltar antes das dez horas da noite de hoje.

— Muito obrigada, senhora — disse-lhe, com palavras entrecortadas.

Os olhos me brilhavam de satisfação. Subi as escadas, correndo, para contar meu dinheiro: uma nota novinha de dez xelins e uma moeda brilhante de meia coroa. Nunca tinha visto tanto dinheiro; sentia-me como uma duquesa.

“Puxa vida!”, pensei. “Agora voltarei a Uxbridge e vou mostrar-lhes todos os meus êxitos”.

Com a roupa nova, dinheiro no bolso e alegria no coração me dirigi orgulhosamente à estação do trem. A viagem de trem para Uxbridge durou apenas alguns minutos. Quando cheguei, tudo me parecia diferente, como se o ar fosse mais limpo, como se fosse domingo, como se tivesse passado muito tempo, quando mal tinham transcorrido quatro dias.

Comprei balas para minhas irmãs e me sentei num café para descansar, enquanto tomava uma xícara de chá. Estava experimentando um novo sentido de independência; algo raro e inesperado tinha entrado em minha vida.

Quase que imediatamente pensei em cigarros, coisa que não representava novidade para mim, pois que desde os oito anos lembro de ter recolhido tocos de cigarros no lixo e de os ter fumado quando não havia ninguém por perto. Algumas vezes cheguei a roubar fumo da bolsa de fumo de meu pai, chegando até a fazer cigarros eu mesma sem a ajuda de ninguém, simplesmente procurando imitar o que meu pai fazia.

Todas as crianças daquele sujo lugarejo gostavam de fumar. Enquanto eu estava trabalhando em Cowley nunca tinha pensado no cigarro, mas agora, estando novamente em Uxbridge, possivelmente pelas relações com o passado, senti aquele desejo de fumar.

Comprei meu primeiro maço de cigarros no balcão e voltei para a mesa onde tinha estado assentada e onde acendi um cigarro. Foi uma sensação agradável para mim; por outro lado, ninguém reparava que uma menina estivesse fumando.

“Realmente, estou crescendo”, pensei. “Já posso ir aonde queira e como queira”.

Ao sair do café, me dirigi à casa onde tinha passado tantos anos infelizes e solitários. Pelo menos veria novamente minhas irmãs, mas elas estavam brincando no parque e não me reconheceram de imediato.

Precisei chamá-las várias vezes antes que exclamassem:

— É Dor! É Dor!

Agarraram-se a mim dando gritos de alegria. Peguei-as em meus braços, emocionada. Mas elas estavam com a cara suja, os vestidos sujos e estavam descabeladas. Assim mesmo, quando as ouvi falar, meu coração se encheu de um profundo carinho para com elas. Tinha sentido a falta daquelas carinhosas malandrinhas mais do que realmente me parecia.

Admirando meu aspecto, elas me pegaram pela mão e, unidas, andamos rua abaixo até minha velha casa. À medida que o grupo

avançava, também aumentava, pois que outras crianças iam unindo-se a nós.

Os vizinhos saíram à porta de suas casas para ver a mudada Doreen. Parei para contar-lhes de minha nova vida e, pouco a pouco, fui fazendo-me o centro da atenção do bairro.

Quando cheguei à porta de casa, meu pai tinha saído. Flecha Negra ficou atônita quando entrei com meu precioso vestido e com sapatos novos. Era-me impossível permanecer agora na casa; parecia-me pequena, estreita e escura, assim que saí, como fazia antes, para passear com meu bando e com minhas irmãs.

— Leve-nos, Doreen!

— Podemos ir morar com você, Doreen?

Parecia que estavam pensando que sua velha líder tinha encontrado um castelo de fadas ou um baú com um tesouro.

Finalmente, meu pai chegou à casa. Compreendi que o amava realmente, mas ele não mostrou o mínimo interesse por mim, apenas ficou surpreso que eu voltasse para casa. Quis perguntar-lhe se tinha notícias de minha verdadeira mãe, mas a pergunta ficou sem ser feita.

Comecei a sentir-me como uma estranha. À medida que as horas iam passando, os olhares pareciam tornar-se olhares de ressentimento.

— Vou ao cinema, — eu disse ao bando de crianças.

Minha chegada à casa tinha criado um problema.

Ao sentar-me sozinha no cinema, os pensamentos começaram a correr. Fumando cigarro após cigarro, não estava prestando atenção ao filme. Várias vezes pensei que era uma estranha naquele lugar.

“Não quero pertencer mais à minha família”, pensei. “Sou uma estranha”. Esta palavra me produziu um calafrio, unido a um sentimento de um vazio profundo. Eu tinha querido deixar minha casa para ser livre, mas estava percebendo que esta liberdade estava condicionada pelo grande vazio que existia em meu interior. “Se não fosse por minhas irmãs, não voltaria mais”, pensava.

Aonde iria eu, se realmente não conhecia mais ninguém?

À medida que meus passos avançavam rumo à estação, uma voz interior repetia: “Você é uma estranha. Você é uma estranha”.

Uma terrível depressão tomou conta de mim enquanto voltava para a casa onde trabalhava.

— Você passou um bom dia? — me perguntou a cozinheira.

Só pude responder com a cabeça. Tinha sido uma experiência frustrada.

7

A PARTIDA

— Você é muito tonta, gastando seu dinheiro em cigarros — disse a cozinheira bem séria.— Se a senhora descobrir você fumando, vai dar problema.

— Isto não seria novidade, — disse-lhe eu.— Sempre estou com problemas.

Embora daqui por diante só fumasse em meu quarto, assim mesmo meu costume foi descoberto pela senhora. Nem ela nem a cozinheira sabiam da grande depressão pela qual eu estava passando; se o soubessem, possivelmente compreenderiam o porquê de tanto fumar.

As intenções da senhora em converter aquele montão de farrapos que um dia entrou em sua casa em uma eficiente empregada continuavam. Aprendia rapidamente, ainda que seguia fazendo as mais terríveis faltas.

Também me apresentaram as crianças da casa. Logo a senhora teve muito cuidado em mantê-las longe de mim, para que não pudessem aprender as minhas baixas expressões, principalmente quando eu explodia soltando palavras que deixavam qualquer um envergonhado de ouvi-las.

No entanto, nem sempre seus pais conseguiam, pois que algumas vezes eu dizia certas palavras longe de sua vista, mas ao alcance dos ouvidos das crianças. Cheguei a conhecê-las melhor um dia em que a senhora as deixou aos meus cuidados enquanto ela saía com seu marido. A cozinheira estava de folga naquele dia.

As crianças, tão travessas como qualquer outra criança de bairro pobre, decidiram aproveitar a oportunidade. Queixaram-se que estavam com fome e me pediram autorização para ir à despensa e pegar alguma coisa. Deixei-as ir e, de fato, ali havia muito para escolher. Ajudadas por mim, pegaram um bolo de chocolate que a cozinheira tinha acabado de fazer, algumas passas, fruta e três garrafas de refrigerante.

Passamos uma boa tarde, falando, rindo e tratando de conhecer-nos melhor. As crianças sabiam que era-lhes inteiramente proibido elas pegarem comida, mas eu desconhecia esta regra da casa, pensando que era perfeitamente correto.

No dia seguinte, a senhora e a cozinheira notaram a falta da comida na despensa e encontraram vazias as três garrafas de refrigerante. As crianças foram interrogadas imediatamente, apontando para mim e criando-me sérios problemas.

— Se as crianças queriam comer alguma coisa, por que não podiam comer? A senhora também lhes daria, não é verdade? — gritei eu, brava, à senhora.

— Suponho que você também tomou parte, Doreen — disse rapidamente a senhora.

— Bem e, se participei, que é que tem? Já estou cansada da senhora e desta maldita casa! Dou-lhe uma semana para arrumar outra empregada. Eu vou embora!

Eu tinha uma língua muito comprida e agia como se fosse uma encarregada. A cozinheira, que não se afastava de mim, morria de tanto rir. Eu não achava que aquilo podia ser tão engraçado, de maneira que subi ao meu quarto para arrumar minha bagagem. A cozinheira me seguiu, vindo depois a senhora e finalmente as crianças.

— A senhora não deve ser muito severa com Doreen, senhora — disse a cozinheira.— Ela teve uma vida muito dura.

As crianças pediram à sua mãe que não me deixasse ir embora. Mais tarde, confessaram que tinha sido culpa delas e, assim, o assunto ficou esquecido.

A senhora era mui paciente comigo, porém eu me sentia muitas vezes como um pássaro engaiolado e não era de estranhar, tendo em conta a vida de indisciplina que eu tinha vivido antes. Minhas explosões de ira aconteciam muitas vezes quando menos se esperava, como no dia em que a senhora entrou na cozinha para dar-me certas instruções. Eu estava muito deprimida e virando-me para ela, lhe gritei:

— Oh, pelo amor de Deus! Feche a sua boca e saia da minha cozinha!

A pobre senhora ficou tão atordoada que não soube o que fazer. De qualquer maneira, continuou corrigindo-me como devem fazer os verdadeiros chefes.

Certa manhã, aproximadamente seis semanas após meu ingresso naquela casa, desci e encontrei a senhora com um aspecto triste, preparando o desjejum.

— Onde está a cozinheira?— perguntei.

Não houve resposta e eu repeti a pergunta.

— Doreen — disse-me ela com muito carinho,— a cozinheira morreu enquanto dormia.

— Morreu? — Olhei fixamente para a senhora com certa incredulidade.— Não pode estar morta! A senhora deve estar equivocada.

A senhora teve sérias dificuldades para convencer-me da verdade. Tinha ido ao dormitório da cozinheira ao ver que não descia, encontrando-a morta.

— Morreu enquanto dormia, Doreen. Morreu tranquilamente. Agora, Doreen — continuou ela,— quero que você seja uma boa menina, ajudando-me permanecendo calada. Estou esperando o médico de um momento a outro.

— E por que chamou o médico se ela está morta?

Eu não podia compreender nunca as coisas tão estranhas que aquela gente fazia.

Todos andávamos em silêncio pela casa. Quando, algumas horas mais tarde, fiquei sozinha na cozinha, comecei a derramar grossas lágrimas. A terrível realidade me pesava no coração. Minha boa amiga, a cozinheira, já não tornaria a estar aqui.

Tudo me fazia lembrar a sua presença: sua cadeira favorita, seus aventais,...

A cozinheira, a querida cozinheira, minha boa amiga, tinha ido embora. Será que tudo continuaria igual? O vazio deixado por ela dificilmente seria preenchido.

A vida continuava como tinha de ser. A cozinheira não foi substituída, talvez porque a senhora tenha percebido em meu rosto a dor que sua falta me produziu.

Agora a senhora cozinhou, ajudada pela senhora Hill e, às vezes, por mim. Eu gostava da cozinha e aprendi muito com aquela senhora tão paciente. Ensinou-me a fazer quitutes, frutas em conserva e muitas outras coisas.

Meus dias de folga continuei passando-os em Uxbridge, onde minha aparência causava admiração entre os mocinhos da minha idade. No entanto, eu não tinha amigos.

Andando pela cidade, percebia que as pessoas adultas não tinham vontade de falar, nem de sorrir; estavam muito ocupadas com seus próprios problemas. Muitas vezes eu passava meu dia de folga sem falar com um adulto sequer.

Uma ou duas vezes fui à igreja de Waterloo Road, mas aqui também não havia comunicação, talvez porque o horário e os dias em que eu ia não fossem os momentos oportunos para que houvesse gente da redondeza.

Muitas vezes, quando as crianças terminam a escola e entram no mundo agitado ficam perdidas, absorvidas pela voragem de seu redemoinho. Isto aconteceu comigo e foi uma pena. Se tivesse sido protegida por um preceptor cristão ou tivesse recebido ocasionalmente uma carta, certamente teria sido ganha para Cristo naquela ocasião.

Como a maior parte das mocinhas da minha idade, comecei a sonhar em ter um namorado e casar. Seria tão maravilhoso ter alguém que realmente me amasse!

Desejando conhecer jovens da minha idade e talvez encontrar o príncipe encantado de meus sonhos, comecei a ir ao baile em lugar de ir ao cinema.

No principio, eu era bem tímida, mas como estava cheia de vida não me foi difícil encontrar logo jovens amigos. Cheguei a ser conhecida no grupo como uma jovem simpática.

Soldados em serviço da base da Força Aérea ali próxima iam ao baile para conseguir alguma amiga. Não eram discretos, ao falar de suas “românticas” conquistas. Eu não tinha ilusões com as palavras de alguns daqueles soldados; o único que eu queria era companhia.

Quando eu ainda era uma pequena menina já tinha visto e ouvido muitas coisas relacionadas com a vida sexual. Estes atos eram comuns na vida para mim. A vizinhança onde tinha sido criada não tinha barreiras no que diz respeito ao sexo e os casamentos eram assuntos de pura conveniência, de maneira que aprendi por mim mesma tudo o que se refere a este assunto.

Relações sexuais com o sexo oposto não eram coisa nova para mim, assim que não conhecia impedimentos. Além disso, existia a possibilidade que algum destes homens pudesse amar-me realmente e pudéssemos viver juntos.

Pensei que tinha encontrado o tal moço quando conheci um que era bonito, amável e bem comportado comigo. Pela primeira vez na minha vida me enamorei apaixonadamente.

Minha presença foi mudando dia a dia; ali surgiu a Doreen brilhante, viva e feliz. Toda a minha solidão desapareceu.

Meu romance terminou repentinamente após três semanas quando meu atraente noivo me anunciou que já estava noivo e que ia casar-se. Eu fiquei desmoralizada com tão dolorosa notícia. Meu mundo veio abaixo e pensei que ia morrer com o coração tão destruído.

O tempo se encarregou de curá-lo...

“Por que umas pessoas têm tanto dinheiro e outras tão pouco?”, era a pergunta que agora me fazia. “Tudo é injusto”, pensei.

Agora a amargura enchia o vazio de meu coração. Um grande peso se apoderou de meu coração. Pensei que, conseguindo uma grande soma de dinheiro, pudesse alcançar a felicidade.

Decidi pedir aumento de ordenado à senhora. Pensei que eu poderia juntar o suficiente para ir a Londres, onde poderia ganhar muito dinheiro, comprar bonitas roupas e conseguir novos amigos.

Ainda estava em minha mente o pedido de aumento quando aconteceu um incidente que foi a causa que eu pedisse a conta naquela

casa. Tudo foi por causa do telefone, um instrumento para o qual eu olhava com um certo respeito e medo.

Um dia a senhora decidiu que já estava na hora que a sua nova empregada vencesse o medo. Pacientemente e com cuidado me explicou como deveria atender o telefone. Depois me disse que, da próxima vez que tocasse o telefone eu teria que responder.

Dali a pouco tocou o telefone e a senhora me disse:

— Doreen, vamos, pegue no telefone e responda como eu lhe ensinei.

Cuidadosamente peguei o telefone, como se se tratasse de um explosivo que pudesse explodir a qualquer momento. Repeti o número do telefone, conforme a senhora me havia ensinado.

— Aqui está falando a senhora Winters — disse uma voz do outro lado do fio.

Antes a senhora já me havia dito:

— Se for a senhora Winters, diga-lhe que não estou em casa.

Então eu interrompi bruscamente a senhora Winters, dizendo-lhe:

— A senhora me disse que não está em casa.

Com um ar de alívio e de confiança pendurei o telefone diante da senhora indignada. Ela estava quase estourando e desnecessário é dizer que nunca mais me permitiu que atendesse o telefone. Senti-me uma tonta; se eu tivesse tido mais cuidado poderia ter-lhe pedido o aumento de ordenado, mas nestas circunstâncias não era oportuno fazê-lo. Teria que economizar mais.

Londres era o meu destino. Pensava que era a cidade que estava cheia de oportunidades para moças jovens com ambição como eu. Pensava que minha chegada a Londres seria suficiente para melhorar minha vida. Mas teria que esperar ter mais algum dinheiro ajuntado.

Quando pensei ter o suficiente para empreender a minha viagem, preparei minha bagagem e fui embora sem dizer nada à senhora. Peguei o trem em Uxbridge cheia de ilusões.

É triste pensar que a história se repete em nossos dias: muitos jovens entre os dez e os vinte anos fogem de suas casas com o pensamento posto em Londres. Ainda é mais triste pensar que, muitas vezes, não há ninguém que se preocupe com eles quando chegam à cidade grande, onde se acham sós, sem saber aonde ir e o que fazer.

Eu nem imaginava o que me esperava no final da linha do metrô.

AS RUAS DE PADDINGTON

As minhas coisas que estava carregando para Paddington, em Londres, eram bem mais que as que nove meses antes quando a pé fui desde a minha casa em Uxbridge até meu primeiro emprego em Cowley, mas desta vez não tinha nenhum serviço em vista.

Não tinha nem sequer uma cama para dormir.

Eu tinha sido educada na incerteza da escola dos golpes; contudo, não tinha perdido a coragem. “O melhor que posso fazer”, pensei, “é ir a um café e, com um prato de comida à minha frente, pensar no que fazer”. Mas quando terminei de comer meu problema não estava mais resolvido do que antes de comer.

Cheia de ilusões, pensei que Londres seria um lugar precioso. Parecia-me com Dick Whittington, que cria que as ruas de Londres estavam pavimentadas com ouro. Depois de parar para ver as vitrines de uma importante loja, andei rua abaixo. Estava decepcionada com o que via: ruazinhas escuras, edificios enegrecidos, casas com péssimo aspecto em ruas estreitas e sujas. Tudo isto se estendia até onde alcançava minha vista.

“Isto é pior que o bairro de Uxbridge”, pensei, mas já era tarde demais para retroceder. Parei um grupo de pessoas que caminhavam apressadas pela escura rua, para indagar delas onde poderia encontrar um lugar para dormir. Apenas uma parou para dar-me a informação, uma mulher, que me levou para uma grande casa numa rua próxima. Nesta casa me foi oferecido um quarto, depois de pagar o aluguel antecipado por uma semana.

Era um quarto bem simples, escassamente mobiliado e o papel marrom com que as paredes estavam recobertas estava solto em alguns lugares devido às paredes úmidas do cômodo. Comparei este quarto com o bonito e bem arrumado em que eu estava morando até algumas horas antes e pensei que tinha tido uma queda brusca na minha vida.

Sentei-me na cama e olhei a meu redor. Era necessário limpar um pouco aquele cômodo.

“Sei disto muito bem”, pensei.

A grande casa onde eu estava era um ajuntamento de sujeira. Ouvindo rir no quarto ao lado, decidi ir até lá. Minhas batidas à porta

foram atendidas com um agradável “pode entrar, amor” e muitas risadas.

— Oi, estou procurando um balde, sabão e uma vassoura para limpar meu quarto.

As moças me olharam fixamente e logo se puseram a rir.

— Eu não me preocuparia com isto, querida — disse uma das três.— Não vale a pena.

— Deixe a moça — disse a que aparentava ser a maior das três.

A julgar pela aparência do quarto em que eu tinha entrado, era mais fácil ali encontrar uma aranha do que materiais para limpeza. Depois de alguma procura, encontrei o que queria.

— Muito obrigada — disse-lhes e saí.

Ouvi que estavam rindo novamente, quando voltei para meu quarto. O barulho da minha limpeza deve ter tocado no coração delas, porque pouco depois uma delas entrou em meu quarto trazendo-me uma xícara de chá. Meu quarto tinha um aspecto bem mais limpo, mas eu estava bem suja.

— Tome, querida. Você merece— disse-me a vizinha.

— Puxa, muito obrigada! Não esperava por isto.

— Você é nova aqui, não é? Vi você chegar.....

— Deixei meu serviço e vim para cá. Eu era empregada.

— Bem, chamo-me Brenda e aqui vivemos seis. Você é a sétima. Número de sorte. Talvez você traga sorte para alguém, Doreen.

Brenda e eu trocamos algumas palavras. Quando estava contando-lhe a história da minha vida, entraram em meu quarto as outras moças. Brenda, que tinha dez anos mais do que eu, entrou na conversa quando eu terminei de falar.

— A mim me acontece o mesmo.

— O mesmo? — disse eu. Estava surpresa.

— Olhe, nós saímos às noites com amigos para ganhar dinheiro. Ganha-se muito dinheiro com isso. Os homens pagam bem.

As outras moças concordaram.

— E quem vai ficar escravizada o dia todo com um trabalho? — disse uma delas.— Somos independentes e temos o que queremos.

Realmente, tinham boas roupas e joias. Meus olhos se abriram de par em par. Não tinha conhecido antes nenhuma prostituta de profissão. Verifiquei que elas encaravam aquele serviço como um assunto puramente comercial. A moralidade não tinha lugar ali.

— Bem, eu já fui uma empregada e não penso em tornar a ser — disse-lhes.

— É claro. Você não precisa ser novamente uma empregada, querida. Poderá ganhar muito dinheiro conosco, em nossa profissão.

— Pensarei nisto, Brenda. Amanhã de manhã lhe darei a resposta.

Quando saíram do meu quarto comecei a pensar. “Afim de contas, eu vim a Londres para ganhar dinheiro”, pensei. “Se os homens querem dar seu dinheiro em troca de um pouco de prazer, que mal há nisto? Estas moças parecem muito felizes nesta vida e apenas elas mostraram algum interesse em mim, o que prova que não são tão más como dizem”.

Este é o raciocínio no qual muitas prostitutas baseiam suas razões para continuarem nesta vida, sem perceberem o tremendo risco que correm. Para elas não há nada mais atraente do que o dinheiro. Desilusões e abandono por parte de algum homem têm levado muitas mulheres a este caminho. A tudo isto eu juntava amargura, solidão e uma inclinação a devolver todo o mal possível à sociedade.

Foi desta maneira que eu, uma menina de catorze anos, me juntei à fileira das mulheres da escuridão. Entrei na profissão mais vergonhosa e antiga do mundo.

Na noite seguinte, acompanhei Brenda pelas ruas de Paddington. Vi com que facilidade ela atraía os homens. Simplesmente caminhava pelas ruas mexendo os lábios e fazendo barulho com um chaveiro. Não tardou muito e um homem se aproximou dela. As condições foram estabelecidas rapidamente.

— Duas libras — ouvi Brenda dizer.

O homem fez um gesto de assentimento e os dois desapareceram.

Parecia fácil, mas eu tinha muito menos experiência e era bem jovem. Brenda me tinha dado algumas sugestões e conselhos sobre o que deveria cobrar, anticoncepcionais e perigos que devia evitar. Como me sairia?

Pela primeira vez eu me aventurava sozinha, embora estivesse bem nervosa. Caminhando junto ao meio fio, fiz soar minhas chaves. O coração palpitava forte a cada passo que eu dava. Fiz o possível para agir como se eu fosse uma veterana.

Minha confiança crescia à medida que as semanas passavam. Logo consegui muito dinheiro e roupa bonita. O mais importante é que já tinha muitos amigos.

Parece que eu estava preparada para aquilo, pois era cheia de vida e de alegria e exercia à perfeição meu negócio. Não era de estranhar que fosse uma das moças mais populares, até mais procurada do que as antigas de profissão nas ruas de Paddington.

Muitas destas mulheres, incluindo-me a mim mesma, tinham um espírito alegre e eram amorosas. Tinham corações de ouro e nunca eram vistas tratando mal a alguém. Dariam até seu último centavo para ajudar a alguém que estivesse necessitado.

Contudo, eu não era feliz. Nunca deixei que as moças soubessem das profundas depressões que tomavam conta de mim.

Por esta ocasião tive meu primeiro encontro com o Exército da Salvação. Enquanto eu estava andando por uma das ruas conhecidas por mim, vi uma reunião organizada pelo grupo local do Exército da Salvação. Uma moça, com seu uniforme, estava cantando sozinha, sem acompanhamento. Sua voz tinha um som tão melodioso como o de um pássaro. À medida que cantava, me vi arrastada por suas palavras.

**Meu Pai é muito rico, não há outro igual;
Os bens deste mundo em Suas mãos estão.
As pedras preciosas e o ouro em caudal
Já encham Seus cofres e rica me fará.
Eu sou filha do Rei, sim, sou filha do Rei.
Por Cristo, meu Amado, sou filha do Rei.**

O rosto sereno da que cantava chamou minha atenção. Imediatamente percebi que, com todo o dinheiro que eu tinha, era mui pobre ao lado dela. Parecia que ela estava satisfeita em poder ficar em pé e cantar. E com razão porque dizia que era filha do Rei.

— E para que me serviria isto? Já é tarde para mudar. Eles são gente boa e eu sou apenas uma prostituta.

Continuei tristemente o meu caminho. Como muitas pessoas em nossos dias. Eu pensava também que ser um cristão era ser bom e não na transformação que implica em ser feito bom. Continuei com minha infeliz profissão, mas não podia esquecer do hino que a jovem do Exército da Salvação cantava. Tinha sido um encontro memorável do qual me lembraria o resto da minha vida.

Mais tarde, troquei de nome. Era mas fácil mudar de nome do que de vida. Agora chamava-me Michelle em minhas atividades profissionais e minha conta no Banco ia aumentando. Brenda e eu éramos amigas inseparáveis. Muitas vezes passávamos das ruas de Paddington para outras de Londres.

Minhas inclinações para o mal não diminuía. Numa ocasião, joguei sabão e tinta vermelha nas fontes da Praça de Trafalgar. Quase fui pega em flagrante.

Por ser a prostituição ilegal, sempre estava com os olhos bem abertos para evitar a policia. Logo me tornei uma perita em evitar as patrulhas, mas nunca as subestimei. Sabia onde podia ir parar se me pegassem.

Mas eu não podia deixar de pensar em minhas irmãs em Uxbridge. Tinha um sentimento de culpa por tê-las deixado. Como estariam agora? Minha mãe teria voltado?

Olhando para as paredes do quarto, estes pensamentos vinham sobre mim como uma pesada manta a me sufocar. Mexia rapidamente a cabeça e procurava afastá-los de mim.

Um dia, Brenda e eu fomos ao Soho, no extremo oeste de Londres. Soho era para mim o máximo em prazer e em fascinação. Caminhamos sem rumo pelas ruas, mas eu estava preparada para divertir-me.

De repente, parei para ler um anúncio colocado na vitrine de uma loja: “Precisa-se de modelo. Informações no andar superior”.

— Olhe, Brenda. Vamos subir para ver?

— Eu não me atrevo; não sirvo para modelo. Mas vou acompanhá-la, se você quiser ir.

— Então vamos. Teria que ter trazido minhas penas de avestruz.

Divertia-me e ria enquanto subia os degraus da escada. Um anúncio igual estava afixado na porta. Bati com golpes fortes e as duas seguramos uma última risada.

Fomos recebidas por dois homens que usavam roupas escandalosas. Olharam para mim com olhos penetrantes e esquadrinhadores. Uma entrevista se seguiu, enquanto os dois homens tomavam minhas medidas, fazendo algumas alusões descaradas à minha pessoa.

Pediram-me que andasse pela sala e que dançasse ao som de um disco.

— Mexa-se como quiser, — disse um deles, o que tinha posto o disco. Minha maneira foi muito normal e os dois riram em sinal de aprovação, mas sem zombaria.

— Tem praticado o nudismo?

Parei de dançar.

— Muitas vezes, depende a que se refere.

— Em um clube apropriado, ao som de música.

— Não. Agora percebo a que tipo de modelo se referem.

— Gostamos de você. Se mexe bem, está cheia de vida e é descarada. Exatamente como nossos clientes gostam.

— Está por dentro do assunto, não é?, — perguntou o outro.

— Como é?

— Nada, nada. Você encontrará um caminho fácil para ganhar dinheiro. O serviço é seu, se quiser.

Olhei atônita para eles.

— Para dizer-lhes a verdade, só subi aqui para divertir-me. Não é, Brenda?

— Segure o serviço. Você está com sorte, — disse-me Brenda. — Que bom seria se eu tivesse esta oportunidade, mas já estou passando da idade para isto.

— Tudo certo. Quando começo?

— Esta noite mesmo. Você vai precisar de um nome artístico. Um nome que lhe caia bem. Como você se chama?

— Doreen.

— Não, este nome não soa bem.

— Bem ela é atrevida — disse Brenda.

Usei minha imaginação.

— Que acham Daring (atrevida) Diana?

— Perfeito! Muito bem! Fica muito bem Daring Diana — disse o homem, rindo entre dentes.

A seguir, ele me disse que naquela noite eu deveria ir ao clube para ver como as moças de strip-tease faziam. Brenda e eu descemos as escadas divertidíssimas. Em apenas meia hora tinha passado a ser uma artista de strip-tease.

Tinha sido tão fácil como a prostituição. Em nada difícil; fácil e simples. Era uma queda direta para uma vida muito mais degradante que a que estava vivendo, que já era tão má... Como é certo que Satanás torna este caminho extremamente fácil! Uma vez começando a descida, o caminho a seguir resulta tremendamente fácil.

Nesta noite, em lugar de sair às ruas à procura de homens, sentei-me no clube para ver como atuava a moça. Como boa observadora, atentei cuidadosamente para a maneira como ela se requebrava. Parecia bastante fácil.

Logo aprendi a despir-me ao som da música. Ensinaaram-me a ser extremamente provocante. Desta maneira, Daring Diana entrou a fazer parte da companhia de representações de nudismo, trabalhando sem descanso nas doze representações diárias que fazíamos.

Oito moças faziam parte da equipe do clube ao qual Daring Diana agora se tinha incorporado. Uma fotografia da nova estrela, nua, foi colocada na vitrine exterior para atrair os homens da rua. Uma vez dentro do clube, eles eram persuadidos pelas moças a consumirem bebidas caras.

Para esta mocinha, proveniente de Londres e tão viva, a nova vida era uma subida como a espuma. Ganhava muito mais dinheiro que antes. Também a prostituição me trazia mais benefícios. Deixei as ruas de Paddington e aluguei um apartamento em Mayfair. Isto significava que agora eu cobrava mais pelos meus serviços.

Para mim, o Soho era o melhor lugar da terra, cheio de roupas, dinheiro e joias. Contratei uma empregada para que cuidasse do apartamento. Agora eu era senhora, no pleno sentido da palavra.

— Realmente, estou subindo na vida. Exatamente como eu queria.

A realidade era que, em lugar de subir, estava caindo com uma tremenda rapidez.

9

O CAMINHO PARA A CADEIA

Que estou fazendo num lamaçal como este? É para isto que eu nasci?

Estas perguntas surgiam em minha mente até mesmo em ocasiões quando eu estava em plena atuação de strip-tease. Embora animada a prosseguir pelas vozes de aprovação de meu auditório e sempre rodeada de pessoas, frequentemente me sentia tremendamente sozinha.

Enquanto minha fama como Daring Diana se espalhava pelo Soho, a angústia incorporava-se em minha vida até fazer parte dela. Soho e toda a diversão tinham fracassado em dar-me a felicidade pela qual eu lutava. Apesar da grande quantidade de dinheiro que eu recebia, odiava a vida. Mas ninguém se importava com isto e a minha reputação como instrumento para diversão aumentava dia a dia. Minha risada era uma risada forçada e oca.

— Vem à festa esta noite, Diana?

O convite era de uma das moças do clube. Suas festas selvagens eram uma boa coisa para divertimento.

— É claro que irei, mas providencie que haja moços atraentes ali.

Fui a primeira a chegar ao apartamento da minha amiga e comecei a escolher discos que pensava serem bons entre o monte de discos no canto do quarto: a música que fazia mexer e que era estridente era necessária para qualquer festa. Encontrei um disco muito antigo e pouco comum no fundo do monte e o coloquei no toca-discos. A voz clara de um homem começou a cantar:

**Tenho vivido uma vida de pecado;
Tenho esquecido coisas que não devia esquecer.
Perguntei a um mendigo se sabia
Onde podia encontrar a felicidade,
Felicidade verdadeira e amor.**

**Do outro lado da ponte não há mais tristeza,
Do outro lado da ponte não há mais dor,
O sol brilhará do outro lado do rio
E não sentirás mais a dor.**

Tornei a escutar estas velhas estrofes; velhas ansiedades tornaram. Um sentimento de remorso encheu meu coração.

Perguntava-me onde podia encontrar esta ponte, onde poderia encontrar o rio.

Queria saber onde poderia encontrar a verdadeira felicidade.

Senti que em algum lugar, em certa ocasião, tinha perdido a oportunidade de conseguir a felicidade. Logo começou a festa e com ela comecei a agir como uma moça alegre, deixando de lado estes pensamentos.

À medida que as semanas passavam, tornava-me mais insensível e com muita frequência sofria acessos de depressão terrível. Pouco a pouco me converti numa grande bebedora e fumava mais de quarenta cigarros por dia.

Um dia, quando terminava de esvaziar meu copo no bar, aproximou-se de mim um homem, sentando-se a meu lado. Era-me vagamente familiar.

— Você está com aspecto de aborrecida hoje, — me disse.

— Sim, é verdade.

— Então, experimente um destes, — me disse e me estendeu um cigarro aceso.

— Não, obrigada. Prefiro um dos meus.

— Você está cansada, não é? Estes ajudarão você.

— É verdade que são mais caros, mas valem a pena. Por que não experimenta um?

Distraidamente peguei um, enquanto ele observava com atenção à medida que o acendia e aspirava a fumaça. Um ar de contentamento começou a tomar conta de mim dentro de apenas alguns minutos.

— De que é?— indaguei.

— É um estimulante. Faz com que você se sinta melhor. Não é?

— Posso ficar com mais algum?

— É claro, com quantos quiser. Há muitos mais no lugar de onde este veio.

Não me interessava sua procedência; só o fato que ele me fazia sentir melhor.

Fumei seis “estimulantes” e paguei ao homem quinze xelins por minha primeira fornada de drogas.

O homem sorriu e saiu. Era um vendedor de drogas e este primeiro encontro, que se repetiria nas próximas semanas, estava perfeitamente planejado.

— Posso oferecer-lhe algo melhor que os “estimulantes”, — disse-me algumas semanas depois.— Siga-me.

Isto me interessava, mesmo havendo um certo mistério neste “siga-me” que me disse. Acompanhei-o por uma ruela e entramos numa das muitas asquerosas livrarias do Soho. Fazendo um sinal ao vendedor da livraria, o homem das drogas me levou a um quarto na parte traseira.

— Que mistério é este? — perguntei.

— Não queremos que ninguém o saiba. Não diga a ninguém onde tem estado.

— Prometo.

— Será somente uma picada no braço, nada que possa preocupar você.

— Bem, então rápido — disse, enrolando a manga do vestido.

Virei o rosto quando me apertou o braço com um elástico e rapidamente me injetou uma dose de heroína na veia principal do braço. Em apenas uns segundos eu estava flutuando no firmamento. Sentia-me por cima do mundo.

Sentia-me dona de tudo, enquanto flutuava na nuvem da felicidade.

— É heroína, — me disse o homem.— Faz com que você se sinta melhor, não é?

— Sim — e sorri estupidamente.

Durante horas vivi um alto grau de euforia. “Finalmente, encontrei a felicidade”, pensei.

Mas eu ignorava totalmente o que passaria após algumas horas. Após um certo tempo de felicidade e contentamento, isso foi decaindo lentamente e fui tomada por uma intensa e forte depressão, muito pior que tudo o que tinha conhecido até ali. Notava que estava sendo empurrada para o fundo de um profundo poço, triste e escuro.

Não podia entender o que me acontecia. Por que em apenas alguns minutos tudo tinha mudado tanto? Que estava acontecendo-me? Comecei a drogar-me incontroladamente, esperando o momento em que me tornaria louca e morreria.

Mal podia andar. Arrastava-me até o clube, onde pensava trabalhar aquela noite. As moças me olharam fixamente quando levei um tropeção no vestuário. Elas já tinham visto isto acontecer a outras moças antes que a mim. Ninguém me tinha prevenido do perigo das drogas.

Caí ao chão. Então fizeram uma coisa errada: foram buscar aquele que me fornecia as drogas. Por que não mandaram buscar uma

ambulância ou um médico? Isto não podiam fazer porque então a polícia entraria em ação e o próprio clube estaria em perigo.

O fornecedor da droga foi localizado enquanto eu soluçava histericamente, sentindo fortes calafrios, estendida no chão. O fornecedor da droga me olhou.

— Você vai ficar boa. Só preciso de um pouco mais de narcótico. Tem dinheiro?

Só depois de ter certeza que eu pagaria, me deu outra dose da mortífera heroína.

Fiquei eufórica imediatamente.

De uma maneira tão simples, sem saber o que estava fazendo, ia convertendo-me numa viciada em drogas fortes. Apenas mais uma pessoa do grande número que depende de uma picada para recuperar-se cada dia.

Isto está acontecendo em cidades grandes e pequenas, em todas as partes. Muitos jovens se atiram à sepultura antes do tempo, através de uma picada no braço, com a primeira dose de “estimulante”.

Alguns, como eu, o fazem apesar de saber que a sua vida pode converter-se num verdadeiro inferno. Só quando já é tarde demais para retroceder é que percebem que os resultados são terríveis.

Logo percebi que já era tarde demais para mim. À medida que os dias passavam, a droga se fazia mais indispensável e encontrava-me mais e mais decepcionada.

No princípio eu tinha bastante dinheiro para custear a droga, mas meu saldo no Banco diminuía à medida que me encontrava com o fornecedor, que, sabendo que eu estava sob o seu controle, cada vez que nos encontrávamos, me pedia um preço mais elevado. Vendeu-me uma seringa e agulhas e ensinou-me a injetar-me eu mesma; era um negócio sujo e perigoso.

Comecei a perder rapidamente peso e não havia jeito de evitar que meu aspecto piorasse. Meu longo cabelo começou a cair, enquanto que minha pele, antes lisa e suave, começou a enrugar. Meu bom aspecto, minha única riqueza, começou a perder-se até desaparecer. Muitas vezes ficava acamada com infecção no fígado, resultado da heroína.

Um dia o chefe do clube me deu o ultimato:

— Ou melhora ou será despedida.

Fiquei totalmente desmoralizada Sabia que, mais que Daring Diana (a atrevida Diana), eu agora parecia Deathly Diana (a moribunda Diana). Lutei um pouco mais, tratando de melhorar minha aparência, até que finalmente fui despedida.

Tendo que enfrentar o problema diário de conseguir a droga, voltei à baixa prostituição. Não foi fácil. Devia ter um aspecto de morta e era uma feia candidata a passar a noite com alguém.

Era algo terrível, mas que alternativa havia? Ou as drogas ou a morte. Agora tinha que voltar às ruas, quisesse ou não. Estava muito doente e quase não pude enfrentar a nova vida.

Que quadro de degradação era eu! Tinha caído na vergonha e na miséria, sem que ninguém se preocupasse comigo. Todos os meus amigos me tinham deixado e ninguém me emprestava dinheiro, sabendo perfeitamente que nunca o veriam de volta. Agora eu era mais uma vítima, presa na armadilha das drogas.

Não era a única, encontrei e vi outras moças como eu. Eramos simplesmente sombras que perambulavam pelas ruas, com rostos semelhantes a um barco partido pelo temporal, esperando apenas uma onda que terminasse definitivamente com ele. São os restos do naufrágio da humanidade, arrastados pelos ventos da desgraça e da depravação, procurando amparo e descanso dos duros e amargos golpes que a vida lhes tem proporcionado, sem encontrá-los.

À medida que me introduzia na escuridão e na solitária e silenciosa noite, perguntava-me se alguém me seguia. Façam-se uma ideia deste lugar e permitam-me que os introduza ali por um relato deste escuro mundo.

É uma fria tarde de inverno. As poucas lâmpadas dão uma luz amortecida na ruela. Não há muita gente perambulando. O frio levou muitos para o interior dos bares ou para alguns depravados cafés.

Parei por um minuto a fim de abotoar o fino casaco que cobria meu pequeno corpo. O casaco não era suficientemente agasalhador para resguardar-me do frio reinante, mas tinha que contentar-me com ele. Fazia apenas uns dias que eu tinha vendido minhas últimas roupas para conseguir dinheiro para a droga, comprar um pouco de comida e pagar o aluguel de meu sujo quarto. Meus olhos tinham perdido seu brilho, mas agora estavam atentos para ver se vinha algum possível cliente.

Imaginem-se com que ansiedade entrei num bar para aquecer meu corpo. Sentei numa atitude pouco correta perto do fogo ali aceso, pensei no agradável que seria não ter que sair novamente para a rua. Este é um perfeito quadro de tristeza, solidão e desespero.

Tinha que sair novamente porque as drogas são caras e precisava conseguir dinheiro para elas. Um quadro patético, não é? Mas bem real. Esta pessoa podia perfeitamente ser sua filha, ou sua irmã ou... você mesmo.

Embora estejam sendo desenvolvidos muitos esforços para alcançar aqueles que foram apanhados pelas drogas, como eu, muitos nunca serão alcançados. Tampouco podemos esquecer estas cenas, dizendo que elas não acontecem; pelo fato de fecharmos nossos olhos, elas não vão desaparecer.

Eu estava bem doente pela prostituição noite após noite e tornei a roubar nas lojas. Quando era menina, roubar significava ter ou não ter fome; agora era ter droga ou morrer. Cada vez que saía para roubar, tinha calafrios e suava.

Odiava vender a mercadoria roubada; isto fazia sentir-me mais culpada do que o ato de roubar em si mesmo. A importância que recebia era bem inferior ao valor real dos objetos roubados, talvez uma quarta parte de seu preço. Quando comprava heroína, seu preço subia incessantemente.

Como não me descobriam, considerei-me bem esperta na questão de roubar lojas. Talvez este convencimento tenha sido o motivo de que um dia me pegassem com as mãos na massa. Minha admiração por não me pegarem aumentava pelo fato que o meu aspecto devia ser suspeito.

Certa manhã, saindo de uma loja tendo na bolsa umas joias que tinha roubado, não percebi que um homem me seguia; era o policial da joalheria. De repente, uma mão firme me segurou pelo braço.

— Quer vir comigo, senhorita? Acho que está levando algo que não pagou.

Sua maneira de agir era cortês e acho que se sentia triste pelo despojo humano que tinha agarrado.

Voltamos silenciosamente para a loja e me levaram ao escritório do diretor, onde foi feita uma revista em minha bolsa na presença do policial.

Além das joias roubadas, em minha bolsa havia uma dose de droga. Agora teria que enfrentar problemas maiores do que o próprio roubo. Ainda que lhe dei respostas evasivas, o policial pareceu satisfeito com as anotações que tomou. Indicou-me o endereço do juizado e me recomendou que me apresentasse o mais cedo possível na manhã seguinte, recomendando-me insistentemente que não intentasse escapar.

Nunca tinha comparecido a um juizado. Naquela noite mal pude dormir, passando-a fumando cigarro após cigarro, tentando descobrir as possíveis alternativas que eu tinha. De nada me serviria escapar; a polícia me localizaria e seria pior.

A sala de audiências era um lugar vazio e frio. Avisaram-me, antes de comparecer perante o juiz, que me declarasse culpada; este aviso me foi dado por um estranho que, após dá-lo, desapareceu. Pensei que, ao entrar na sala de audiências, encontraria esta sala cheia de pessoas curiosas sentadas nos bancos, mas não havia ninguém ali; acho que ninguém estaria interessado numa infeliz como eu.

Estando no banco dos réus, enfrentei um jurado composto de homens de rostos impassíveis, como se fossem esculpidos na pedra. Um homem impecavelmente vestido se pôs em pé e leu uma longa lista de

acusações. Fiquei admirada ao ver quanto a polícia conhecia a meu respeito; eram muitas coisas mais do que aquelas que eu tinha confessado na sala do diretor da joalheria.

— Reconhece-se culpada destas acusações que lhe são feitas?— perguntou o juiz.

— Sim,— respondi serenamente.

Houve alguns momentos de descanso que só foram interrompidos pelo barulho das folhas de papel e pelas conversas dos magistrados. Este tempo de silêncio me pareceu uma eternidade. O tique-taque do relógio de parede parecia como se estivesse recordando-me todas as faltas que eu tinha cometido.

Finalmente, o tribunal ia ditar a sentença.

— A senhora admitiu sua culpa nas acusações que lhe têm sido feitas, aceitando-as todas, pelo que a julgamos e a sentenciamos a três meses de cadeia, que começarão neste momento.

Fiquei atordoada. Cadeia! Esta palavra me soava como se me tivessem sentenciado à pena de morte.

O tribunal, os jurados e os oficiais saíram lentamente da sala.

— Por aqui, querida — disse uma voz ao meu ouvido, com muita amabilidade.

A policial feminina que me levava tinha um aspecto triste. Um furgão preto estava no pátio do juizado. Fui escoltada até entrar nele e a porta foi fechada atrás de mim a chave. Dentro do furgão estava sentada ao meu lado outra policial. Não falamos nada.

“Condenada a três meses de cadeia”, pensei. “Mas ninguém se importa comigo”.

Quando agora penso naquela época e lanço um olhar de retrospecto, creio que Deus se interpôs em meu caminho, permitindo que eu fosse para a cadeia.

Tremo ao pensar no que teria acontecido se eu prosseguisse no caminho das drogas. Se estas não me tivessem matado, teria terminado por atirar-me ao rio.

Agora estou certa que Deus me livrou de uma morte segura.

Naquele tempo eu só pensava na falta de comunicação das pessoas. “A ninguém interessa o que me acontece. A ninguém”.

Ninguém falou durante a viagem. Finalmente o furgão chegou ao portão da cadeia. Meu destino? A cadeia de Holloway.

CADEIA E TRATAMENTO

A cadeia de Holloway apareceu à minha frente, severa e ameaçadora, como um grande monstro cinza disposto a devorar as suas vítimas. Eu tremia de medo, pensando no momento em que chegasse às suas mandíbulas.

Quando traspassei seus porões, fiquei muito abalada e comecei a perceber os vários sons próprios de uma cadeia: som apagado do golpe de porta ao fechar-se, o barulho característico de chaves, o barulho dos botijões metálicos do leite,...

Em silêncio e com temor acompanhei o oficial que nos levou para o andar térreo onde estava a recepção. Tudo era impessoal e formal. As ordens eram dadas taxativamente: Banhe-se! Depois: — Vista-se com o uniforme da cadeia! Vá ao reconhecimento médico!

O médico me examinou cuidadosamente, anotando o aspecto dos meus olhos e as marcas de meus braços.

— É uma viciada em drogas, não é?

— Sim.

Perguntei-me, porque ele me fazia tal pergunta, se os sintomas estavam à vista.

— Você vai ser tratada no hospital durante algum tempo.

Deu as instruções ao oficial da cadeia, que me levou por um labirinto de corredores. Meus olhos estavam decaídos e tinha a impressão que outros olhos invisíveis me vigiavam.

O barulho dos meus sapatos sobre o piso produzia um estranho eco nos corredores vazios. Tremia de novo. As chaves soavam cada vez que uma porta se abria e se fechava após mim. Finalmente chegamos ao hospital.

Alguém estava queixando-se. Ao ouvir seus lamentos, um calafrio percorreu minha coluna vertebral e meus temores aumentaram.

— Por aqui. O oficial da prisão abriu uma porta de uma cela e me mandou entrar.

Fiquei parada diante da porta, aterrorizada. O oficial me empurrou para o interior, fechando logo a porta com um golpe seco, passando a chave. Fiquei completamente sozinha.

O piso da cela era tosco e irregular; sobre ele não era fácil nem andar nem ficar em pé. Lá no alto, fechada com barras de ferro e fora

do meu alcance, havia uma pequena janela. “Acham que estou louca ou qualquer coisa assim. Por que precisam fechar-me aqui?”, pensei.

A verdade é que iam tirar-me o hábito das drogas sem ajuda de medicamento algum.

Foi uma terrível experiência. Lembro-me perfeitamente dos terríveis momentos que tive de passar quando enfrentava a ânsia da droga, completamente só, embora me vigiassem através das janelinhas da parede e da porta.

As decepções são uma terrível realidade para os viciados em processo de desintoxicação. Em minhas angústias, a pressão mental me fazia imaginar a cela como um monstro espantoso que lancetava meu rosto e minhas mãos com objetos pontiagudos. Quando a pressão se fazia insuportável e as imaginações atingiam um ponto perigoso, eu lutava contra o monstro, totalmente fora de mim, batendo nas paredes.

Nestes momentos, os encarregados de minha vigilância entravam na cela para segurar-me fortemente. Na minha imaginação os oficiais eram dragões e lutava desesperadamente batendo nas paredes para libertar-me destes pesadelos.

Dormia muito pouco e estava permanentemente atordoada. Em determinado momento, ao recobrar minha lucidez, podia ver algum rosto pela janelinha da porta.

“Vieram ver se ainda estou viva”, pensava. Gritava e pedia a Deus, chorando, que me deixasse morrer.

— Deixe-me morrer, ó Deus! Deixe-me morrer!

Deus nunca respondeu. Perguntava-me se o Todo-Poderoso podia ouvir-me através das paredes acolchoadas da cela do hospital.

Durante os três primeiros dias de desintoxicação traziam-me a comida num prato de plástico. Em meu comportamento demente, atirava comida, prato e bandeja contra as paredes. À medida que comecei a recobrar minha lucidez, percebi que a cela tinha o aspecto de uma pocilga.

Então comecei a chorar: “Deus meu, que tola tenho sido. De que me serviram os vestidos, as joias e as drogas que me têm trazido até este lugar?”

Foi uma das experiências mais terríveis de minha vida. Pensava que não sairia dali com vida.

A Direção da cadeia não tinha enfrentado o problema das drogas na escala do nível atual e usava um único meio para tirar-me este vício. Mais recentemente, as autoridades acham que este método é o único caminho autêntico para o êxito no tratamento dos viciados com a heroína e a cocaína. No entanto, o sofrimento que proporciona ao viciado é enorme. Precisa-se de uma vigilância constante ou o viciado pode morrer.

Depois de chegar a um elevado grau de desintoxicação, me tiraram da pocilga. Estava fisicamente acabada e me sentia transtornada. Enquanto caminhava pelos corredores da cadeia, fiz o firme propósito de nunca mais tocar nas drogas e que nunca mais trabalharia num clube de strip-tease; decidi levar este propósito até ao final de minha vida. Tinha aprendido a dolorosa lição.

“Devo ser boa. Tenho que comportar-me bem”, repetia-me a cada passo que dava.

— Que bom seria se eu fosse como você, com toda uma vida pela frente, estando em plena mocidade, — disse-me uma das presas que estava sentenciada a passar o restante de sua vida na cadeia.— Você pode começar de novo, mas para mim já é tarde demais.

— Um novo começo. Sim, isto é o que farei ao sair daqui. Começar de novo e fazer algo positivo na vida.

As palavras da colega me animaram. Durante minha estadia na cadeia perdi algo de minha amargura. Ali havia pessoas com um passado mais triste do que o meu, se isto fosse possível.

Muitas das minhas companheiras de prisão eram alcoólatras, ladras, prostitutas e jogadoras empedernidas; algumas eram tão duras quanto o aço; outras, abatidas e tristes. Todas mereciam o castigo, mas todas mereciam compaixão.

Todas sofriam, da mesma enfermidade que eu: a solidão. Tratei de ajudá-las, animando-as, ainda que eu fosse a que mais precisava deste tônico. Tinha um bom aspecto e me chamavam a animada Dor.

Parecia mentira que se repetisse na cadeia a mesma história da meninice, quando eu era a líder indiscutível das crianças, como agora o era das companheiras de cadeia. É estranho como a história se repete!

Tinham-me permitido levar alguns objetos de uso pessoal para a cadeia, retendo-os comigo. Tinha bem poucas coisas, porque a maior parte delas as tinha vendido para comprar drogas.

Meu prêmio da Escola Dominical, o hinário **Sinos de Ouro**, é um dos objetos que nunca abandonei. Em minha cela, de noite, antes que as luzes se apagassem, lia os hinos tão familiares da minha meninice.

**Senhor Jesus, um cordeirinho
Necessitado sou.
Nesta noite escura e fria
Guarda meu coração.**

“E se meus professores da Escola Dominical soubessem que estou aqui?”, me perguntava.

Os guardas eram tidos muitas vezes como inimigos, mas tenho visto alguns deles com um interesse genuíno nos problemas e nas coisas dos presos. Muitos pegaram um interesse especial por mim.

Após três meses, minha sentença tinha sido cumprida. Algumas companheiras de cadeia sentiram muito que eu fosse embora, mas, ao sair, me disseram:

— Não volte aqui, se puder evitá-lo.

“Não volte!” — era a frase que mentalmente eu repetia enquanto saía da cadeia. Meus passos me repetiam: “Não volte! Não volte!”

Quando já estava fora, olhei para o monstro cinza da cadeia e me fiz o firme propósito de não voltar jamais. E nunca mais voltei.

Saí à procura de uma nova vida, conforme me tinha proposto, mas nunca a encontrei. Uma vez fora da prisão, não tinha ideia do que fazer e nem de aonde ir.

Finalmente decidi visitar minhas amigas do bairro do Soho e assim o fiz. Logo Daring Diana estava de novo em cena. Pior ainda, voltei às drogas. Disse-me a mim mesma que desta vez controlaria a situação, mas voltei ao ponto por onde tinha começado. “Pequena senhora da rua”, me atiravam no rosto.

Era como brincar com fogo. Muitos jovens perdidos pensam, como eu também pensava, que são mais fortes do que as drogas e depois, em sua tristeza, verificam que isto não é verdade. Eu tornei a ser como um barquinho ao sabor das ondas. O caminho escorregadio estava novamente sob meus pés.

Durante este período da minha vida o Exército da Salvação tornou a seu trabalho no Soho. Mandaram jovens para fazer um trabalho prático entre as pessoas necessitadas. Eu era consciente de sua presença em todo canto aonde ia. Como eles falavam honesta e sinceramente do amor de Deus para com todas as pessoas, parei para escutar, mas foi por pouco tempo.

Eu não tinha ouvido tudo aquilo na Escola Dominical? Era como se o passado me perseguisse. De um lado, me chateava ouvir a mensagem dos salvacionistas. De outro lado, os invejava. Tinham qualidades que eu tinha desejado possuir e todos eles pareciam realmente felizes.

“Isto não é para mim”, pensava eu. “Já é tarde demais”.

Algumas vezes, após minhas representações no clube, sentava-me na cama e por algum tempo lia no hinário **Sinos de Ouro**:

Conta-me a história de Cristo.

Fala-me ao coração

Do Seu amor infinito

Dize-me a doce canção.

Que simples eram estas palavras! Fechava o hinário enquanto me dizia: “Estas palavras ficam bem para eles”. Recordava seus rostos sérios e agradáveis e continuava dizendo: “Eles nunca levaram o tipo de vida que eu tenho levado”.

Pode parecer impossível que uma moça de clube de nudismo e prostituta como eu estivesse lendo hinos nas primeiras horas da manhã, mas Deus tem Seus propósitos nos passos desta vida.

Para esconder meus verdadeiros sentimentos e fazer-me simpática entre as minhas amigas, muitas vezes caçoava do Exército da Salvação.

— Exército da Salvação, que atividade! Lá vai a irmã Ana carregando a bandeira!

Isto não intimidava o pessoal do Exército da Salvação. Pelo contrário, quanto mais mexia com eles, mais resolutos ficavam. É possível que interiormente eles soubessem que esta moça tinha sido tocada de alguma maneira pelas suas mensagens.

Pensando sempre em divertir-me de alguma maneira, minha amiga (ela trabalhava também no clube e era viciada em drogas) e eu fomos uma noite ao salão do Exército da Salvação. Sentamo-nos bem ao fundo, rindo e falando o tempo todo. Um dos oficiais nos convidou a chegarmos mais à frente e ficarmos de joelhos para orar enquanto toda a congregação cantava:

**Ainda que estás na escuridão
Poderás encontrar a Jesus.
Sua compreensão hoje poderás gozar.
Ainda que estás na escuridão
Hoje O poderás encontrar.
Em Suas mãos há marcas de cravos.
Marcas de cravos por amor de ti.**

Nós costumávamos cantar isto na Escola Dominical. Tudo aquilo era demais para mim e tratei de evitá-lo; lutei para afastar tal ideia de minha mente.

Minha amiga e eu tínhamos entrado à procura de outro tipo de diversão, mas no fim da reunião tive a impressão de quase encontrar-me com Deus face a face.

Uma manhã, bem cedo, senti como se me batessem carinhosamente no ombro; eu ia para casa após uma noite de trabalho no clube, cansada e mui deprimida, pois as drogas estavam deixando de fazer seu efeito. Virei-me para ver quem era e tropecei com o rosto de uma moça do Exército da Salvação.

— Deixe-me de uma vez! — gritei.— Esqueça-se de mim e morra!

A moça fez como se não me tivesse ouvido.

— Jesus a ama e morreu por você.

— Estou dizendo-lhe que me deixe em paz! — gritei novamente.—
Quer fazer isto? Perca-me de vista!

— Você é que está perdida! — disse-me docemente.

Sua mensagem tão simples me atingiu o coração, tão certamente como se fosse uma flecha bem atirada.

— Perdida! Perdida! Perdida!... — e desapareci.

Corria rua abaixo como um raio, deixando a moça do Exército da Salvação em pé junto à porta do clube. Eu sabia que ela tinha razão. Eu estava perdida na minha escuridão, perdida na minha solidão.

Lembrando daquela noite, percebo a oportunidade maravilhosa que se abriu perante mim e eu a perdi.

11

O IMPÉRIO DE SATANÁS

Duas moças estavam falando em voz baixa, protegidas num canto da penumbra do clube. Que havia com estas moças que as fazia diferentes das outras?

Eu já tinha observado isto nelas. Sempre estavam juntas e não tinham amizade com as outras moças. Um estranho laço as unia. Realmente, nunca as vi longe uma da outra. Ninguém sabia muita coisa delas.

Certamente, havia algo diferente nelas. A curiosidade, que sempre foi minha companheira, me levou a investigar. Em pé, atrás da porta de seu camarim, pude ouvir o que elas estavam falando em voz baixa.

Ainda que pude ouvir tudo, prestei uma atenção especial a uma frase na qual mencionaram o templo de Satanás. Segurei minha respiração. Não me foi possível ouvir mais. Saí de meu esconderijo e disse em voz alta:

— Que negócio é este de templo satanista?

As duas moças ficaram petrificadas.

— Não podemos dizer-lhe nada a respeito; é um segredo.

— Bem que imagino, mas gostaria de saber mais alguma coisa sobre isto.

Provavelmente devem ter pensado que eu tinha ouvido toda a sua conversa; olharam uma para a outra e me disseram:

— Se prometer não dizer nunca nada a ninguém a respeito...

— Não direi nem uma palavra sequer. Prometo.

— Nós somos satanistas e adoramos no templo de Satanás.

— Posso ir lá eu também?

Elas se entreolharam novamente e depois responderam afirmativamente.

— Esteja fora do clube amanhã, às seis e levaremos você.

Na tarde seguinte eu estava ansiosa no lugar e na hora previstos. Naquele momento um elegante carro preto me apanhou. As duas moças estavam sentadas no assento traseiro. O motorista me mandou subir.

— Vai ser necessário vender seus olhos, pois esta é a primeira vez para você. Ninguém deve saber onde está localizado o templo.

Não fiz nenhuma objeção. A verdade é que vender os olhos apenas acrescentava excitação. Meu coração pulsava fortemente.

A viagem durou pouco. Me levaram a um apartamento alto e me tiraram a venda.

O que eu vi era maravilhoso.

Eu estava em pé no fundo de um salão onde havia aproximadamente umas quinhentas pessoas. Na frente havia uma plataforma recoberta de preto. Em um trono, que lhe servia de assento, havia uma pessoa sentada usando uma túnica e um capuz. Sua roupa estava bordada com serpentes, dragões e chamas de fogo. Ao seu redor e em semicírculo estavam em pé treze personagens, também vestidos com túnicas pretas.

Quando vi aquilo, meu primeiro impulso foi rir, mas, diante da expressão séria das pessoas, me contive. Foi o melhor que eu pude fazer, pois, de outra maneira, me teria criado algum problema. As pessoas que estavam ao redor do personagem central eram os sacerdotes e as sacerdotisas da ordem satanista.

Meu próximo desejo foi fugir para longe, mas uma força superior me mantinha presa ao assento.

A cerimônia começou. Sacerdotes e sacerdotisas cantavam um cântico estranho, com um ritmo estranho, cujo volume foi aumentando à medida que o personagem central ia descendo da plataforma. Dois dos sacerdotes lhe tiraram o capuz e todos fizeram uma reverência, adorando-o prostrados ao solo. Eu estava somente como observadora e, portanto, permaneci em pé.

— Este é o Chefe Satanista — disse-me uma das moças.— E tem que ser obedecido sempre.

Era-me impossível falar; só respondia com gestos.

— É o representante de Satanás na terra — disse-me a outra companheira, com voz trêmula e cheia de temor reverente e de medo.

Não imaginava que tinha entrado na mais antiga ordem satanista do mundo.

— Olhe e escute com atenção — disse-me novamente a moça.— Irei explicando-lhe à medida que prossiga a cerimônia.

A congregação toda estava cantando orações ao Chefe Satanista, com o mesmo ritmo estranho. Os olhos de todos estavam fixos nele. Sacerdotes e sacerdotisas esperaram até que ele beijou os vasos, as facas e o emblema de Satanás que tinham sido retirados do altar maior.

— O templo e os vasos estão dedicados.

De repente, as tênues luzes foram apagadas e, em seu lugar, brilhantes lanternas foram acesas. Pela primeira vez vi a efigie de Satanás ao redor das paredes. Parecia adquirir vida à medida que a cerimônia prosseguia.

Trouxeram um galo branco, cujo pescoço foi cortado nos degraus que levavam ao trono. Sangue correu por todo canto. Depois o galo foi oferecido a Satanás como sacrifício com cânticos e orações. Tudo era feito em nome de Satanás e dos demônios, estando todas as pessoas excitadas e com uma seriedade que lhes conferia um aspecto fantasmagórico.

Surpreendeu-me ver o Chefe Satanista olhando-me atentamente e de maneira direta. Dava-me a impressão que seus olhos estavam penetrando no interior de meu ser. Eu tremia.

A cerimônia completa durou duas horas mais ou menos. Eu estava aterrorizada; era uma experiência depravada.

O Chefe Satanista apareceu no fundo do salão com roupas de rua e se aproximou de mim.

— Quer unir-se a nós? — me perguntou.

— Não sei. Estou tremendo de medo com tudo o que presenciei.

— Não há razão para ter medo — disse-me, sorrindo.

Eu não pude deixar de notar os olhares interesseiros que me dirigia.

— Espero vê-la novamente na próxima reunião — disse-me e foi embora.

— Está interessado em você, Doreen — disse uma das moças.

— Parece. Gostaria de saber porquê.

Era algo estranho; no meio de quinhentas pessoas ele tinha reparado em mim. Por quê?

Mais tarde soube o porquê. A procura de membros de talento é um alvo da seita. Talvez façam isto com mais dedicação do que o fazem muitas igrejas cristãs. Há também o perigo que uma pessoa que assista

às suas reuniões como simples observador revele logo as práticas da seita e até a localização do templo; é por isto que de vez em quando se mudam, O segredo é uma obrigação da seita.

Eu não estava certa de voltar até que um estranho poder me levou à reunião seguinte. Era necessário que me levassem novamente, pois que eu não conhecia a localização do templo.

Presenciei cenas que compreendiam todas as formas do mal e eram muito piores do que as que eu tinha visto na primeira reunião. Fiquei admirada com a seriedade dos presentes. Aparentemente, todos tinham verdadeira fé no que praticavam. Quando a macabra reunião terminou, eu deixei de sentir medo.

Senti-me honrada quando o Chefe Satanista me pediu para jantar com ele. Estava um pouco nervosa e tentei acalmar-me. Não demorou muito e contei-lhe toda a história de minha vida. Não ficou surpreso quando lhe contei que era uma viciada em drogas, uma prostituta e uma artista de strip-tease. Parecia-me que ele sabia tudo a respeito de minha vida. Provavelmente alguma das moças do clube lhe tenha contado minha história toda antes de que eu o fizesse.

— Qualquer pessoa pode ser uma satanista, — me disse o chefe. — Desde as pessoas de mais elevada posição até as de menor posição — banqueiros, vendedores, professores, enfermeiras, prostitutas, viciadas em drogas. Não há diferença entre nós; nosso objetivo é promover o serviço e a adoração de Satanás na terra quando e como possamos.

Tinha uma forte personalidade e uma palavra muito convincente, de maneira que não teve de argumentar muito para convencer-me a fazer-me satanista.

Ensinarão-me que, ao contrário do que outras pessoas ensinam, as más ações são boas. Pouco a pouco comecei a aceitá-lo intimamente.

Os satanistas torciam tudo; afirmavam que uma mentira era a verdade perfeita. Tudo era muito confuso, mas até pessoas intelectuais aceitavam tal ensino.

No final, eu era uma pessoa que tinha passado por uma lavagem cerebral. Se repetem a você uma e outra vez a mesma coisa, de maneira insistente, terminará em acreditar nela, não importa quão estúpida ela seja.

Minha amizade com o Chefe Satanista aumentou. Agora eu já podia ir a todas as reuniões do templo sem vendarem-me os olhos. Conhecia perfeitamente o local e não havia segredos para mim. Pouco a pouco cheguei a converter-me numa entusiástica seguidora de Satanás.

Chegar a este ponto não é coisa fácil, pois tive que aceitar e aprender as normas do satanismo e crer firmemente nelas. Estas eram as normas que tive de aceitar e aprender:

1) O segredo é a chave para todos os satanistas. Nunca podem revelar a um estranho onde se localizam os templos, nem contar a alguém o que é feito dentro deles.

2) As relações com o Chefe Satanista devem estar baseadas no amor, honra e obediência, sendo ele o representante de Satanás na terra. Os satanistas devem seguir a Satanás todos os dias de sua vida e não servir a ninguém mais.

3) Os satanistas nunca devem entrar em uma igreja cristã, a não ser que sejam enviados ali para espiar pelo Chefe Satanista. Todas as ideias novas ou qualquer acontecimento que surja na vida de um satanista devem ser contados ao Chefe Satanista no templo de Satanás.

4) Os satanistas nunca devem ler a Bíblia para sua edificação, a não ser para procurar nela argumentos para destruí-la.

5) As Sagradas Escrituras devem ser zombadas e escarnecidas, sendo queimadas no templo satanista, assim como os hinários e livros de orações; qualquer literatura cristã precisa desaparecer. Só devem ser conservados cuidadosamente os escritos dos antigos satanistas, revelações do Inferno, demônios e deuses, são usados no ritual de adoração dos templos satanistas.

6) Ninguém deve chegar atrasado ao templo. Aos que chegarem atrasados se lhes imporá o castigo de açoites, que será aplicado pelo Chefe Satanista na presença de toda a congregação.

7) Lúcifer deve ser amado com todas as forças e em todas as circunstâncias, inclusive no serviço e na vida privada. Lúcifer toma conhecimento de tudo e ele está sempre com os satanistas e deve ser obedecido. A mentira, o engano, os juramentos falsos, a cobiça, a libertinagem e o assassinato não são condenáveis.

8) A oração a Lúcifer deve ser diária.

Há muitas mais normas, embora estas sejam as principais e todos aqueles que não as obedeçam são açoitados, como castigo, perante todos os satanistas no seu templo. Os açoites são dados pessoalmente pelo Chefe. Logo aprendi as normas. Por outro lado, cria nelas firmemente.

Agora o Chefe Satanista era um assíduo visitante no clube onde eu trabalhava. Tinha-me convertido em sua amante. Trazia-me a heroína de que eu precisava sem ter que pagar-lhe nada.

— É um presente, — me dizia cada vez que ma entregava.

Meu consumo de drogas (um autêntico bilhete de primeira classe para o inferno, a prostituição e os outros vícios que eu tinha) não podiam comparar-se em intensidade com a prática da adoração a Satanás.

Tudo parecia desbotado ao ser comparado com ela.

Nunca indaguei da procedência das drogas. Embora fosse sua amante, continuava praticando a prostituição, e isto não importava ao Chefe Satanista. Ele cria que, quanto mais pecado pudesse acumular sobre as pessoas na terra, maior seria sua recompensa no inferno. Dizia que ali seria o chefe de uma legião de demônios; assim, pois, quanto mais mal pudesse fazer, melhor para ele.

Um dia me disse:

— Você já está em condições de dedicar todo o seu tempo ao serviço de Satanás.

A cerimônia de consagração era demorada e complicada. O templo acolheu a uns oitocentos satanistas que chegaram de várias partes da Inglaterra, todos pontuais, pois que nenhum satanista chega tarde ao templo.

Vestiram-me com uma túnica preta e solta, enquanto hinos eram cantados e orações eram feitas, nas quais fazia-se referência ao grande dia de escuridão, morte e mistério. As tochas acesas projetavam luzes flamejantes e sombras que percorriam as paredes e o teto. Os vasos de prata do altar maior foram dedicados um por um e beijadas também todas as facas.

O Chefe Satanista levantou-se de seu trono e ergueu as mãos, quando todos caímos de joelhos e o adoramos. Dois sacerdotes apareceram de trás da cortina do fundo da plataforma, trazendo em suas mãos o galo branco do ritual. Seu pescoço foi aberto em canal e seu sangue foi recolhido numa taça de prata. Seguiram-se mais hinos e orações a Satanás. O ar estava impregnado de maldade.

O Chefe Satanista se aproximou de mim e fez uma incisão no meu braço esquerdo. O sangue de meu braço se uniu ao que estava na taça, vertido pelo galo branco. Então eu bebi um pouco desta mistura de sangues, fazendo meus votos a Satanás.

Depois introduzi meu dedo na taça e com o sangue assinei um pacto no qual dava minha alma a Satanás para ser sua escrava para sempre. Já era uma verdadeira satanista e todos se alegraram que uma nova filha de Satanás tivesse nascido.

As pessoas ficaram como histéricas, dedicando-se a todo tipo de perversidades até de madrugada.

Para minha surpresa, fui elevada ao alto cargo de Alta Sacerdotisa de Satanás. Eu quis opor-me, alegando que não estava preparada para ocupar um cargo de tanta honra, mas o Chefe Satanista me disse que era uma ordem do próprio Lúcifer e que tinha que ser obedecida.

Ocupando este cargo, poderia servir melhor a meu senhor. Fui encarregada de segurar os vasos sagrados e esperar durante as

cerimônias no altar maior. Era conhecida como a grande sacerdotisa Diana. Sentia-me muito importante.

Como consequência de ter ouvido uma conversa no clube agora me tinha convertido numa líder do satanismo e Satanás era meu verdadeiro mestre. Algumas vezes pude ouvir sua voz de maneira audível e até ver sua figura perante mim.

Em mais de uma ocasião, Satanás se fez visível em uma forma negra, diante de todos os satanistas no templo. Ninguém duvidava que era ele mesmo; ouvíamos sua voz, falando-nos à congregação inteira.

Sabíamos que era ele mesmo quem estava dizendo:

— Eu sou Lúcifer, seu mestre. Estou falando-lhes com meus próprios lábios. Obedeçam minha voz, filhos meus. Façam todo o mal que quiserem. Nunca tenham medo. Eu os protegerei a todo instante. Regozijem-se em sua liberdade e gozem esta noite. Isto é agradável aos meus olhos.

Obedecemos todos sem perguntar nada.

Antigamente, um ou dois chefes tinham poder para efetuar operações neles mesmos e em outros, sem usar anestésicos, e não ficava cicatriz onde se fizera a incisão.

O poder para entrar em transe profundo ainda é praticado hoje em dia. Eu também podia entrar em transe e contemplar a atividade poderosa que se desenvolve na esfera diabólica. A percepção extrasensorial era um de meus poderes. Podia ler na mente das pessoas com facilidade e saber o que queriam dizer ou fazer.

O leitor se perguntará se é realmente possível que uma pessoa tão introduzida no mundo diabólico, tão mergulhada no mal, possa ser alcançada, salva e transformada pelo Senhor Jesus Cristo. Eu creio que é possível. Esta é a minha experiência. A Bíblia diz que o Senhor Jesus morreu por todas as pessoas, para salvar o perdido. Ele morreu também para alcançar e salvar os satanistas.

Chegaria o dia em que eu deixaria de servir a estes mestres, para servir ao maior de todos. Mas este tempo ainda não tinha chegado.

RAINHA DAS BRUXAS NEGRAS

À medida que os meses passavam, meu conhecimento no reino do mal aumentava. A prática da adoração diabólica e meu papel como sacerdotisa eram as coisas mais importantes de minha vida. A verdade é que não pensava em nada mais.

Mesmo fora do templo, a presença de Satanás era bem real. Era como se uma mão invisível me empurrasse mais e mais para o interior dos antros da depravação; por exemplo, agora precisava de bem menos horas de sono, enquanto que minha vitalidade tinha aumentado, apesar de ter menor tempo de descanso. Eu era uma escrava de Satanás e mantinha firmemente meus votos.

De qualquer maneira, ainda conservava meu hinário **Sinos de Ouro**. De acordo com as normas satânicas, eu deveria ter destruído aquele livro já fazia muito tempo, mas não pude fazer tal coisa; era um presente que eu conservava desde a minha meninice.

Fazia muito tempo que não tinha lido nenhum de seus hinos, quase que tinha-me esquecido do tal livro, pois o tinha cuidadosamente escondido. Muitas pessoas vinham ao meu quarto. O Chefe Satanista estava ali sempre que podia.

Um dia eu estava bebendo com meu amante e mestre quando este quis impressionar-me.

— Sou um bruxo negro, Diana, e pratico a magia negra.

Quase que engasguei com a bebida e depois caí na risada.

— Não há nenhuma graça nisto — disse ele, com seus olhos soltando faíscas sobre mim.

— Lamento, mas me pareceu engraçado — disse, rindo.

Minha maneira de entender era que uma bruxa era uma mulher com nariz grande e curvo, montada numa vassoura, refletida contra a luz da lua. Logo descobri que nada podia estar mais longe da realidade do que esta ideia.

A bruxaria chamada negra não está muito longe do satanismo. A principal diferença entre os dois é que os satanistas adoram ao demônio no templo de Satanás, enquanto que as bruxas agrupam-se em reuniões de treze bruxas e em que uma delas é a chefe. Não precisam de templos.

A bruxaria pode ser praticada em qualquer lugar, mas é praticada principalmente em lugares tranquilos e remotos, como uma casa deserta, uma praia solitária ou um monte. A hora preferida para a bruxaria é também a meia-noite e suas atividades são praticadas sob a luz do luar. “Feiticeira” é o nome correto para uma pessoa que normalmente é chamada de bruxa.

As bruxas negras têm um grande poder e não devem ser menosprezadas. Podem chamar os poderes das trevas para que venham em sua ajuda.

Muitas vezes, abrem túmulos recentes e desenterram os cadáveres para oferecê-los como um sacrifício a Satanás. Sempre que podem entram nas igrejas para destruir e queimar os livros de culto, especialmente as Bíblias e os livros de orações. Em qualquer lugar em que o solo de um cemitério é profanado, um emblema da bruxaria é deixado ali: o sangue de uma cabra é espalhado sobre os túmulos.

Para elas não existe nada sagrado e não se detêm diante de nada para conseguirem seus objetivos. Nada as detém!

As bruxas negras têm poder para maldizer as pessoas e suas maldições se cumprem. Conhecem-se pessoas que morreram em consequência das maldições ou das maldades de uma bruxa negra. Os ritos de nudismo são outra atividade normal da bruxaria negra.

Tudo isto pode parecer algo imaginário e até uma lenda para o leitor que não conheça pessoalmente ou que não tenha estado em contacto com a bruxaria. Por isso vale a pena entrar em mais detalhes.

As bruxas negras e os satanistas creem que, na última batalha entre o mal e o bem, o mal triunfará sobre o bem. Creem que um dia Lúcifer triunfará sobre Cristo e recuperará o que eles chamam seu próprio e justo lugar. Afirmam que então Satanás reinará sobre o mar, os céus e a terra.

O inferno, para a bruxa negra, não é um lugar de tormento, mas de prazer ilimitado, cheio de todo tipo de prazeres. Quanto maior seja o mal, quanto mais se peque, maior será a recompensa para uma bruxa negra e para um satanista.

Saibam bem isto: Aqueles que andam para baixo na rua escura da bruxaria muitas vezes perdem a razão e ficam loucos. O bem é chamado de mal. As mentes torcem tudo.

A longa discussão sobre a bruxaria com o Chefe Satanista terminou.

— Você será uma grande bruxa, Diana. Você tem um grande poder natural.

Eu já tinha conhecido e sentido este poder e sabia que não era um poder natural, mas que algo sobrenatural operava em mim. Eu não tinha nascido com ele. Este poder não era meu, era de Satanás que estava em mim.

As palavras do Chefe Satanista me deixaram surpresa. Seus olhos soltavam faíscas enquanto falava e quase me hipnotizavam. Seu rosto brilhava com uma luminosidade estranha, aterradora, que nunca tinha visto nele. Durante alguns instantes, pensei em fugir, mas pouco a

pouco fui acalmando-me e aceitei acompanhá-lo às reuniões de bruxaria.

“Não pode ser pior que o satanismo”, pensei.

Sempre obedecia ao meu mestre, o Chefe Satanista e, naturalmente, me converti em uma bruxa. Minha consagração como tal foi feita untando meu corpo totalmente nu com sangue de cabra. As coisas que se seguiram são terríveis e pecaminosas demais para contá-las ou simplesmente trazê-las ao pensamento.

Todas as reuniões incluíam cenas de atos sexuais degradantes e degenerados; estes jogos sexuais são parte importante na bruxaria e em suas práticas. Muitas bruxas negras eram lésbicas ou homossexuais.

O sadismo era praticado normalmente. Alguns até se cortavam a si mesmos com facas, sem sentir dor alguma. Outros tomavam venenos e não sofriam dano algum.

Imagine mais de cem bruxas tomando parte em todas estas perversidades ao mesmo tempo; pois isto acontece ainda hoje em dia.

Meus poderes como bruxa negra eram enormes e eu acrescentava as maldades que ia aprendendo diariamente. Meu poder para elevar-me sobre um metro do solo era normal. Não havia nenhuma trapaça nisto; os demônios me ajudavam para poder fazê-lo.

Matar os pássaros voando, depois de terem sido libertados de uma gaiola era outro dos atos que eu podia realizar como bruxa. Também podia fazer com que as coisas aparecessem e desaparecessem.

Participava em tudo o que uma bruxa negra podia fazer, sem deixar nada de lado. Em uma semana eu fazia mais coisas do que muitos teriam feito em toda a sua vida.

Não fiquei surpresa quando o Chefe Satanista me disse que eu estava avançando muito como bruxa.

— Um dia você deveria ser a rainha das bruxas, Diana.

— Quem? Eu?

— Sim. Apresentarei seu nome para este cargo, mas continue praticando seus poderes, para que esteja bem preparada na prova porque terá que passar.

O teste de poder a que se referia o Chefe Satanista seria feito em Dartmoor, em Devon, centro de dois grandes e ativos grupos de bruxas. Sem estar acompanhada de meu mestre, coisa bem estranha de acontecer, exibi meus poderes de maneira realmente notável uma noite à luz do luar; com aquela prova praticamente me confirmava como a rainha das bruxas e apontava para o conflito entre o bem e o mal.

Era à meia-noite, uma noite brilhante, sem nuvens, excelente para a prática da bruxaria. As componentes do grupo de bruxas, totalmente nuas, estavam efetuando seus ritos. Eu estava entre elas. De repente, vi três homens aproximarem-se por cima da colina.

Embora aqueles intrusos não nos tivessem visto, certamente logo nos descobririam, pois que nem árvores e nem rochas havia para nos ocultarmos.

— Que faremos?— perguntaram as bruxas, ansiosas.— Não temos onde esconder-nos.

— Não se preocupem — disse-lhes eu.— Posso fazer-me invisível.

— E nós?

— Se me derem as mãos, também ficarão invisíveis.

Não havia tempo a perder. Rapidamente as outras fizeram o que eu lhes disse. Ficamos em pé, formando um círculo perfeito e estendemos nossas mãos até se tocarem.

Clamei pelos poderes da escuridão, invocando desde os demônios até o próprio Satanás. Em poucos segundos, uma nuvem verdosa nos envolveu. Quase não podíamos ver-nos umas às outras quando os homens passaram ao nosso lado. Podia perfeitamente ter esticado o braço e tê-los tocado; ainda mais, um deles passou por baixo de meus braços estendidos e pelo meio do círculo que formávamos. Meus poderes tinham funcionado.

O que estou narrando é absolutamente certo. O grupo inteiro de bruxas nos fizemos inteiramente invisíveis aos três homens, os quais nem sequer perceberam a nuvem verde que nos envolvia. Não tinham visto nada.

— Vamos para casa — disse um deles.— Aqui não há bruxas. Estamos perdendo o tempo.

Quando os três intrusos foram embora, a névoa desapareceu lentamente.

A presença daqueles três homens ficou explicada quando li as páginas centrais do jornal do dia seguinte.

Um artigo tinha o título: Não há bruxas em Dartmoor.

Relatava que um pregador local tinha levado dois jornalistas a Dartmoor na noite anterior para investigar um rumor segundo o qual as bruxas estariam ali naquela noite.

A busca tinha sido infrutífera em todos os sentidos. No entanto, o pregador não ficou convencido que não havia bruxas naquela região. Certamente, ele tinha razão. Tinha estado, sem o saber, a poucos centímetros delas.

Todas nos divertimos muito. A história foi contada em outras reuniões de bruxas e minha fama se espalhou até o estrangeiro. Alguns podem pensar que é estranho que Jesus não permitisse ao pregador ver as bruxas. Sem fazer perguntas e sem indagar sobre a vontade do Senhor, podemos ter certeza que Ele tinha Seu propósito em permitir que Seu servo não nos visse. Também o protegeu, pois que eu tentei prejudicá-lo, sem o conseguir.

Então percebi que havia uma barreira entre meu poder e o pregador, barreira que eu não podia atravessar e que não permitia que minhas maldições o atingissem. Era um homem de grande fé e valor.

Fiquei admirada: nunca antes meus poderes tinham falhado. Comecei a preocupar-me, pois que percebi que um poder maior que o de Satanás estava protegendo aquele homem. O grande poder do Senhor Jesus Cristo, o Vencedor da morte, do inferno e de Satanás, em um lugar chamado Calvário.

Ainda que o incidente de Dartmoor nos ensinasse em primeiro lugar o poder da bruxaria e de Satanás, a lição foi muito maior ao revelar-nos um poder infinitamente superior: o poder de Cristo.

O cenário para a eleição da nova Rainha das Bruxas tinha sido preparado em detalhes. Bruxas negras de todos os lugares da Inglaterra, juntamente com algumas da Holanda, Alemanha e França reuniram-se nesta ocasião. Chegaram antes da consagração, quando havia uma grande atividade em Dartmoor. A afluência de visitantes em Plymouth incluiu, certamente, muitas bruxas negras.

Chegavam em elegantes carros e não em vassouras voadoras, reservavam hotéis de luxo e davam a impressão de serem importantes homens de negócios acompanhados de suas esposas; e alguns o eram, de fato. Esta era a nova forma da bruxaria — próspera, respeitável, como um disfarce que ocultava debaixo dele as mais tremendas formas do mal.

Tomando algumas drogas antes da cerimônia, meus nervos se enrijeceram para enfrentá-la.

Começou com cânticos aos deuses antigos e aos demônios. Por razões óbvias, a deusa da lua, Diana, era minha favorita.

Após as cerimônias rituais, começou o grande teste de poder. Sete bruxas, entre as quais estava eu, iam competir pelo título de Rainha Universal das Bruxas. A vitória não seria conseguida facilmente, pois que todas tinham grandes poderes pessoais.

Um pássaro foi posto em liberdade; imediatamente o matei enquanto voava. Eram coisas que já tinha feito antes, mas nenhuma das outras conseguiu fazê-lo. Outras demonstrações sobrenaturais foram feitas naquela noite em Dartmoor, mas a prova ia terminar da maneira mais tremenda: andar sobre o fogo. Esta prova consistia em andar através de uma grande fogueira. Não era simplesmente um círculo de fogo. Era uma grande fogueira.

A candidata que vencesse encontraria Lúcifer no fogo, no centro das chamas, e Lúcifer seria visto pela assembleia presente enquanto tomaria pela mão a bruxa eleita e a conduziria através das chamas, de maneira que nada lhe acontecesse.

Andei confiantemente no interior das chamas, que chegavam a dois metros de altura ou talvez até mais, enquanto o tempo todo chamava meu mestre, o Diabo. De repente, o vi materializar-se perante mim, uma grande figura negra. Peguei sua mão e andei com ele até o centro da fogueira. Ali parei, enquanto as chamas ardiam ao meu redor.

Somente quando saí pelo outro lado da fogueira é que meu mestre desapareceu. Nem sequer o cheiro de fogo tinha ficado em minha túnica de bruxa, que estava solta; meu cabelo, longo e solto, nem tinha sido chamuscado.

Todos se prostraram no chão, enquanto se elevava um tremendo grito da garganta de mais de mil bruxas:

— Salve Diana, a Rainha das Bruxas Negras!

Uma coroa de ouro foi posta em minha cabeça e um lindo manto bordado de ouro foi posto sobre meus ombros, enquanto minha mão esquerda segurava fortemente um cetro do mesmo metal. Sentei-me no trono preparado para aquela cerimônia. Estes e outros objetos, todos de grande valor, eram guardados com muito cuidado para serem transferidos de uma rainha para a sua sucessora.

Seguiram-se outras diversões selvagens e delirantes: bailes em que todos estavam inteiramente nus, prazeres sensuais e drogas, além de bebida até a borrachice.

Diana, a nova rainha, era, sem dúvida, o centro de toda a atenção naquela noite. Meu mestre e amante, o Chefe Satanista, olhava-me com olhos cheios de orgulho; afinal de contas, eu era sua protegida; era ele quem me tinha ensinado.

Qualquer pessoa que se tivesse aventurado a entrar no campo naquela noite teria podido reparar que algo raro estava acontecendo. As chamas intensas de uma fogueira tinham de ser vistas até muita distância, mas esta reunião não foi interrompida por ninguém.

Talvez alguém tenha percebido que alguma coisa estranha acontecia, mas conservou-se à distância, Eu não o culpo.

Alguém poderá caçar das lendas de bruxaria quando as experiências e as provas do mal não estejam ao alcance da mão ou quando não seja testemunha de seus rituais. Se alguém tivesse presenciado o que aconteceu no campo naquela noite, jamais riria das bruxas negras.

Eu sei realmente que a bruxaria é algo real e tremendo. Não terei condições de garantir-lhe isto eu que, tendo chegado ao cume mais alto da bruxaria negra, fui a Rainha das Bruxas?

SEM SAÍDA

“Rainha das Bruxas Negras”. Era um título muito estimado; colocava-me numa posição de grande importância. Fui muito invejada por outras bruxas que tinham grande poder. Este título me permitiu estudar, trabalhar e viajar.

Viajei com grande luxo, acompanhada do Chefe Satanista, que também era um bruxo negro. Holanda, Alemanha e França foram alguns países que visitei.

Bruxas estrangeiras nos acolhiam, como dois honoráveis convidados, com a mais elevada consideração, opulentamente. Somente nos hospedamos ou nos melhores hotéis ou em mansões situadas em regiões maravilhosas que eram propriedade de outras bruxas.

As viagens podiam muito bem ser chamadas de excursões de pecado.

Não havia barreiras idiomáticas; quando me encontrava em alguma dificuldade, chamava Lúcifer para me ajudar e não passava muito tempo sem que pudesse entender perfeitamente a língua e expressar-me fluentemente nela. O velho provérbio “O diabo cuida bem do que é seu” foi bem real em minha vida, principalmente quando ele queria ajudar um instrumento do mal como eu era.

Tivemos amplas discussões sobre como aumentar o número de praticantes da bruxaria. Muitas pessoas, principalmente jovens, estavam começando a interessar-se no ocultismo. Era importante dar um novo aspecto ou perspectiva à bruxaria; melhor dito, dar-lhe uma nova imagem; para isto nos propusemos agir da seguinte maneira.

Não assustar nunca a ninguém. Oferecer um novo panorama do mistério e do prazer aos que se interessem, com novas formas de excitação. Fazer menos sinistra a prática da bruxaria, até fazê-la como que natural e inocente, pois que todo o mundo é atraído pela aventura e pelo mistério. Encobrir o mal com uma capa de piedade.

Se o mal ia conquistar o mundo, precisávamos de mais soldados. O tempo era curto. Era necessário conseguir mais pessoas, enganando-as, se necessário. Uma vez envolvidos com a bruxaria, então já não teriam jeito de sair dela. Mesmo que o desejassem, o medo poderia segurar a muitos. Não haveria saída.

As bruxas éramos muito constantes em nossa fé, de maneira que estas reuniões prolongavam-se por horas e horas. Não economizávamos o tempo.

Em meu apertado programa no estrangeiro, havia sempre alguma experiência de poder a ser compartilhada, alguma demonstração de poderes ocultos e visitas a reuniões de bruxas.

Quando voltei à Inglaterra, minha atividade principal era assistir reuniões de bruxas. Muitas bruxas novas estavam começando e era necessário animá-las, demonstrando a importância que elas tinham como novos membros. As bruxas brancas estavam engrossando suas fileiras e nós tínhamos que fazer o mesmo. Nunca mencionávamos o sacrifício e o sangue, porque isto podia assustar novos membros.

As bruxas brancas se uniram a nós e também aprendemos coisas delas. Devo dizer que, embora as bruxas brancas peçam que não se faça mal a ninguém, conheci algumas que o faziam. As práticas de bruxaria seguidas por nós foram adotadas das bruxas brancas.

Estas usam um boneco, feito de barro, com a imagem da pessoa à qual quer ser feito algum mal. Põem nele um alfinete para selar os lábios da pessoa representada. Amarram um barbante na perna da imagem para produzir dor em algum membro da pessoa.

Quando alguém fica mudo ou começa a sofrer fortes dores em alguma parte de seu corpo ou sofre tanto ao ponto de não poder andar, é porque tem sido atingida por algum malefício.

Fui rainha das bruxas negras por um ano inteiro. Depois deixei prazerosamente meu lugar para que outra mais jovem o ocupasse, se bem que poderia ter retido o título se tivesse querido. Assim que deixei o título, o Chefe Satanista deixou de ser meu amante para o ser da nova rainha. No princípio me senti magoada, mas, afinal, ele era o Chefe e ninguém devia pedir-lhe explicações. O melhor era aceitar isto e viver em paz.

Deixei Londres e fui para uma povoação por algum tempo. Agora eu visitava Londres a fim de conseguir mais drogas no templo de Satanás. A vida era um pouco menos febril, mas continuava sendo tão escura como a sepultura. Se meu dinheiro diminuísse, poderia voltar à prática da prostituição. Como rainha das bruxas, tinha vivido uma vida de luxo e tinha sido algo mais do que uma simples jovem da vida.

Provavelmente minha maior habilidade era o poder que eu tinha de enganar as pessoas. Ninguém, a não ser os satanistas, sabia das minhas atividades ao escurecer do dia, nem sequer o homem com quem eu vivia.

Eu cuidava de sair-me bem com a mentira e ninguém duvidava das minhas palavras. Foi tal o resultado que me fez o costume de mentir

que eu mesma pensava que ninguém acreditaria em mim se eu dissesse a verdade. Minhas mentiras eram melhor aceitas do que a verdade.

Aqueles foram uns anos de desassossego para mim. Sentia muito medo, medo de envelhecer e medo de morrer. À medida que o medo aumentava, certas perguntas me vinham à mente: Seria o inferno este lugar maravilhoso no qual me tinham feito acreditar? Não seria exatamente o contrário? E se assim fosse, que seria de mim?

Como as dúvidas persistissem, tratei de romper com a bruxaria e com o satanismo. Teria de ter muito cuidado e ir deixando-o devagar, sem que o percebessem, porque ninguém deixa a bruxaria negra. Pelo menos, valia a pena tentar.

Enquanto participava das reuniões das bruxas comecei a crer que o que eu fazia já não era tão bom para mim. O medo e a incerteza me assaltavam nestes momentos. Nesta confusão, me sentia presa num longo e escuro túnel. Nenhuma claridade, nenhuma tênue ou fraca luz podia ser vista.

Nestes momentos de dúvida e de confusão decidi visitar algumas igrejas cristãs. Só para ver como elas me poderiam dar a resposta. Não vou dizer que estas visitas foram frequentes, longe de mim tal coisa, mas o caso é que fui e isto era uma coisa que uma bruxa negra não podia fazer de maneira alguma. O medo de ser encontrada em alguma destas visitas me atormentava; constantemente me virava para ver se me seguiam e olhava para todos os cantos antes de entrar na igreja.

“Mas de que me adianta isto”, pensava eu. “Tenho vendido a minha alma ao Diabo e selei com meu próprio sangue”.

Por que duvidava da bruxaria? Era porque não estava em constante companhia com outras bruxas, vendo-as apenas uma ou duas vezes por semana? Ou seria porque o Senhor Jesus Cristo estava pondo-me estas dúvidas? Estou certa que era por causa desta última razão.

O amado Salvador olhava para baixo, para esta cativa filha da escuridão, com grande ternura e compaixão. Um elo da cadeia que me prendia estava cedendo, prestes a romper-se.

Finalmente, decidi mudar-me para Bristol. Por ser porto, foi muito mais fácil conseguir minhas drogas, após uma pequena ajuda desde Londres, o que me permitiu fazer os contactos necessários. Novamente em Bristol, Daring Diana voltava a seu negócio da prostituição, preparada como sempre com um sorriso e uma canção.

Era bem conhecida entre as moças da rua, especialmente nas zonas semiescuras de St. Paul, onde eu morava. Os outros nem podiam imaginar meus sentimentos de solidão e de incerteza.

A bruxaria negra era muito praticada nesta região do oeste do país e não demorei muito em encontrar as reuniões das bruxas. Algumas

delas se lembravam de mim em Dartmoor, no dia da minha proclamação quando fui coroada sua rainha. Deram-me a responsabilidade de duas congregações de bruxas em Bristol.

As dúvidas persistiam. Minha vida continuava do mesmo jeito. Tinha recusado definitivamente a ideia de sair da bruxaria. Sabia que seria inútil intentá-lo. Não havia saída.

Bristol era uma cidade de igrejas, como descobri. Parecia haver uma em cada esquina. Visitei algumas, mas minhas visitas eram extremamente curtas. A verdade é que nunca assistia a uma reunião completa. Não posso lembrar-me do que ali se dizia ou se fazia.

Em minhas idas e vindas deixei de procurar a verdade. Em lugar disto, virei-me contra todas as igrejas, como fazem os satanistas, começando a considerar as pessoas que se congregavam como um grupo de hipócritas. Nesta ocasião, a vista de uma igreja já me punha furiosa.

Certa vez reparei no nome do pregador que estava afixado na porta de uma das igrejas. Não era o nome do mesmo pregador que em Dartmoor tinha intentado descobrir as bruxas para denunciar a sua presença? Eu tinha lançado sobre ele uma maldição em certa ocasião, mas meus malefícios não tinham surtido efeito. Agora ele mesmo vinha a Bristol.

Por muito que intentei, não podia desviar minha mente de seu nome. Deus continuava usando caminhos misteriosos para comigo.

Uma tarde de verão saí como de costume, acompanhada de outras duas amigas, também prostitutas. De repente, parei perante um anúncio na parte exterior de uma igreja. Anunciava em grandes letras de imprensa:

“Bem-aventurados os limpos de coração porque eles verão a Deus”.

O texto me tocou profundamente. Foi a palavra “limpos” a que parecia deixar-me fora do seu alcance. O ressentimento tomou conta de mim.

“Eu não sou pura, assim que nunca verei a Deus, se é que Ele existe”. Eu não estava muito certa que Deus existisse.

Cheia de ira, me dirigi ao cartaz e, segurando o texto, o arranquei com força, pensando que se romperia imediatamente, mas isto não aconteceu. Soltou-se inteiro e permaneceu intacto em minhas mãos. Atirei-o ao chão e fui embora.

— Bando de hipócritas! — disse.

— Muito bem, velha Diana! — exclamaram as moças.— Está voltando à plena forma!

Elas estavam divertindo-se muito, mas eu não só não me divertia como também estava furiosa. A verdade é que a consciência estava perturbando-me.

Este incidente era um passo no caminho que seguiria, embora eu ainda não compreendesse.

Alguns meses depois, eu estava passeando no centro de Bristol. Era um domingo pela manhã, uma hora bem estranha para eu estar na rua; como sempre, me acompanhavam as de minha classe, vagando sem rumo pelas ruas.

Reparei em alguns cartazes que estavam colocados estrategicamente; eram cartazes pouco comuns.

“Venham para ouvir Eric Hutchings na grande capela de Colston”, li em um. “Milhares já o escutaram. Venha você a ouvi-lo também”, dizia outro.

Os cartazes não diziam quem era Eric Hutchings e o que vinha fazer em Bristol. Só havia uma fotografia sua.

À primeira vista, me parecia um atleta profissional. Chamou-me a atenção e me dirigi, juntamente com minhas amigas, ao escritório de informações.

— Quem é Eric Hutchings? — perguntei à mulher que estava atrás do balcão.

— Não tenho a menor ideia — respondeu.

— Alguém deve saber — insisti, explicando que tinha visto o cartaz.

— Acho que é algum tipo de evangelista ou de pregador — disse uma terceira pessoa.

Quase desmaiei; não podia escapar deles.

— Como se não houvesse pregadores suficientes em Bristol, que ainda tenham de trazer outro — disse.

Estava irada e levantei a voz em sinal de protesto. Tinha um aspecto autoritário que surpreendeu as moças, principalmente por causa de minha explosão, mas também as divertia.

— Vamos, moças; vamos embora.

Elas me seguiram, morrendo de tanto rir.

Como estava preocupada com o que minhas amigas pensassem de mim, dediquei-me a arrancar quantos cartazes achava. Estava fazendo uma verdadeira campanha de limpeza de cartazes de Eric Hutchings.

— Será que todos ficaram loucos nesta cidade de tantas igrejas? Tem dado agora a mania de religião? — dizia eu.

Para minha maior surpresa, alguns dias depois foi pregado ainda um número maior de tais cartazes. Dava a impressão de que por cada cartaz que eu tinha arrancado tinham sido pregados seis. Fiquei novamente furiosa, mas mudei de tática.

Em lugar de arrancar os cartazes, dediquei-me a pintar-lhe uma enorme barba e um grande bigode, para alegria de minhas companheiras.

Billy Graham era notícia ao mesmo tempo. Eu chamava a estes dois pregadores de um par de hipócritas do bem. Cada vez surpreendia mais as minhas amigas com meu comportamento.

— Por que faz tudo isto. Diana? Eles não fizeram nenhum mal a você.

— Tampouco me fizeram nenhum bem — respondi-lhes num acesso de fúria.

Sinceramente, meu coração eslava cheio de ódio para qualquer coisa cristã.

Lúcifer, meu amo e mestre, não estava contente que a velha história do Evangelho fosse pregada em Bristol. Estava programada uma campanha evangelística, não em uma igreja, mas num grande salão no centro de Bristol.

Já contei como fui apanhada em minha vida pelos laços do mal e que não havia saída para mim. Agora eu ia ouvir o único caminho de saída: através do amor e da obra do Senhor Jesus.

Sem pressentir o que tinha pela frente, continuei em meu vergonhoso caminho, cujo sistema era a única forma de vida que eu conhecia.

14

O PRIMEIRO PASSO PARA A LIBERDADE

Era uma formosa tarde do verão de 1964. Tinham-se passado três semanas desde que eu me havia dedicado a arrancar os cartazes que anunciavam a chegada de Eric Hutchings. Eu já me tinha esquecido completamente dele. Era sábado e eu tinha em mente a tarefa que, como prostituta, teria que realizar aquele dia.

Daring Diana, vestida de acordo com sua profissão, estava esperando por algum cliente. O tempo ia passando e eu estava preocupada, pois a pessoa que estava esperando não chegava. Cada vez consumia mais drogas e havia-me dedicado à bebida.

Quando já estava para ir embora do lugar onde estava, fiquei surpresa ao ver uma grande quantidade de pessoas que seguiam na mesma direção. Curiosa como de costume, perguntei-me o que fazia tanta gente no centro de Bristol tão cedo. Então vi que algumas levavam em sua mão a Bíblia.

— Aí vão os hipócritas religiosos para a conferência de Hutchings — murmurei.

Segui os passos de um pequeno grupo. Parei junto ao grande salão de Colston, mas não por muito tempo.

“Vou mostrar-lhe o que penso dele e de sua reunião”, me disse.

Eu não estava de bom humor. Desejava ter ao meu lado algumas das minhas amigas, para que me ajudassem. Abri caminho no meio da multidão que estava à porta do salão. Tinha em mente só um propósito: atrapalhar a Eric e, se possível, acertar uma em seu nariz.

Finalmente, uma pessoa encarregada de introduzir as pessoas e que desconhecia minhas intenções, me mostrou um lugar livre no final de um grupo de bancos. Minha entrada incomodou algumas pessoas, pois precisaram levantar-se para que eu pudesse passar.

Eu estava vestida com uma roupa inteiramente preta e barata; meu rosto estava completamente maquiado e ostentava um conjunto de bijuteria. Pude observar o olhar curioso dos que ali estavam reunidos.

Dirigi meu olhar para o púlpito; ali havia um grupo de ministros de Deus e por trás deles um enorme coro, todos vestidos de branco. Estava começando a sentir-me incomodada ali. As pessoas que estavam sentadas diante de mim viravam-se de vez em quando para dar-me umas olhadas furtivas; viravam-se para ver a decorativa Doreen.

— Que olhem! — pensei. Fazem bem!

Como resposta, devolvia-lhes o olhar mais feroz de que era capaz. A reunião começou com um hino bem animado, mas eu não cantava, estava pensando na maneira de sair sem atrair demais a atenção; já tinha atraído muita atenção ao entrar.

Quando o hino terminou, todos se sentaram, todos menos eu, porque via a oportunidade de sair precipitadamente.

Neste preciso momento um silêncio encheu a ampla congregação e uma mulher com uma doce voz começou a cantar um hino, enchendo o ar com uma maravilhosa música. Fez-me parar e escutar o que diziam as palavras do hino:

**Eu queria falar-te do amor do Cristo
Pois nEle achei um amigo forte e fiel.
Com Seu amor transformou minha vida toda,
Ele fez o que ninguém pôde fazer.
Cheia estava minha alma de negra miséria,**

**Cheia estava de tristezas e dor.
Com Sua paz mudou para sempre minha alma
E me guiou por uma senda de amor.
Ninguém pôde amar-me como Cristo,
É incomparável o Seu amor.
Só Ele pôde transformar minha vida
Com Sua graça e com Seu amor.**

Algo maravilhoso, mas inexplicável, estava acontecendo no mais íntimo do meu ser, algo que antes nunca tinha experimentado. Minha vida inteira estava passando por minha mente como se estivesse sendo projetada numa tela cinematográfica. Pela primeira vez minha mente e meus sentidos estavam completamente claros.

Me vi a mim mesma como uma pequena menina na Escola Dominical e ouvi o professor dizer: Por que não deixa que Cristo entre em seu coração?

Vi a moça do Exército da Salvação cantando nas ruas de Paddington. Também vi os quartos vergonhosos onde vivi e as reuniões de bruxas a que assisti.

À medida que escutava as estrofes, me vinham à mente as cenas que reproduziam algum momento de minha vida que estava relacionado com as estrofes do hino. Uma tremenda realidade me apontava para o interior de meu negro e pobre coração; havia alguém que me amava realmente; ninguém me amou nunca assim, nem os homens das ruas, nem os dos bares, nem os satanistas, nem as bruxas. Ainda estavam soando a meus ouvidos as palavras da cantora anunciando que Jesus ama os pecadores, que Jesus pode tirar o pecado e a terrível escuridão.

Seria verdade? Seria verdade autêntica que este Jesus vivia e podia cuidar do homem? Poderia Ele aceitar-me a mim, uma prostituta comum, uma viciada em drogas e uma bruxa negra? Ah, se fosse verdade! Estou certa que, em compensação pelo Seu amor, eu poderia amá-IO. Como podia ter perdido esta bênção durante tantos anos?

Depois de dois anos vividos da maneira mais vergonhosa possível, alguém se aproximava de mim com carinho, Jesus, o terno Salvador que morreu em meu lugar. Pela primeira vez na vida me senti realmente suja e realmente envergonhada da vida que estava levando.

Tinha-me esquecido que ainda estava em pé no salão. Lamentei que o hino tivesse terminado. Que bom seria se tivesse cinquenta estrofes. O rosto da cantora Betty-Lou Mills brilhava com um resplendor interno; era uma beleza impossível de se conseguir com cosméticos.

Se a visão de uma mulher de má vida, posta em pé e escutando tão atentamente o cântico de um hino, fez ou não efeito nos que me viam,

eu não sei. Não me preocupava com o que pensassem ou com o que acontecesse a meu redor; somente prestava atenção na cantora e em sua maravilhosa mensagem de esperança. Sentei-me humilhada. Eric Hutchings começou sua pregação:

Se não conheces ao Senhor Jesus como teu Salvador estás perdido. Estás morto em delitos e pecados. A Bíblia diz que estás escravizado...

Deu tal ênfase na palavra “escravizado” que quase caí do banco de susto. Ele tinha razão e eu o sabia.

Dei um pulo, fiquei em pé e gritei:

— Ele tem razão. Estou escravizada!

Um silêncio constrangedor se fez na congregação, sem mencionar o próprio pregador que, durante alguns minutos, não pôde falar.

Quando conseguiu prosseguir, o fez com uma força muito maior.

— Se vás à igreja cada domingo e não conheces ao Senhor Jesus como teu Salvador, estás perdido.

Minha consciência me apertava por estas advertências; teria gostado de gritar-lhe: “Isto também é verdade!”, mas percebi que as pessoas me olhavam e me segurei.

“Está falando para os que veem à igreja”, pensei, “de maneira que isto não é tão mau como pensava”.

Eric Hutchings continuou sua mensagem, dizendo em determinado momento:

— Jesus morreu por todo o mundo e, se te voltares para Ele, certamente te deixará livre das ligaduras com que Satanás te tem escravizado.

Meu coração palpitava violentamente. Poderia Cristo libertar-me a mim?

Não me lembro de mais nada daquela pregação poderosa. No final, o evangelista fez um apelo:

— Vem a Cristo esta noite. Se desejas que ore por ti, não te demores, deixa teu lugar e vem aqui à frente. Cristo quer receber-te e fazer-te livre da escravidão do pecado e do vício. Esta é a tua oportunidade, não a desprezes, vem a Jesus, faze-o agora mesmo.

As pessoas começaram a ir à frente enquanto o coro cantava:

**Tal como estou, sem uma desculpa,
Porque Teu sangue deste a meu favor,
Por que me mandas que a Teu seio venha.
Oh, Cordeiro de Deus!, agora venho.**

**Tal como estou, de males cheio,
De duras dúvidas e de conflitos repleto,**

**De lutas e temores rodeado,
Oh, Cordeiro de Deus!, agora venho.**

**Tal como estou, Teu amor desconhecido
Toda barreira rompeu a meu favor
E para ser Teu e Teu somente
Oh, Cordeiro de Deus!, agora venho.**

Uma invisível cadeia parecia estar prendendo-me ao assento, enquanto que a voz do Diabo, audível a mim, me dizia bem claramente:

— Você é minha; você não pode ir. É tarde demais para você. Você é e será sempre minha.

Eu estava tremendo da cabeça aos pés. Uma grande batalha estava acontecendo, uma batalha com os poderes das trevas e Satanás, meu mestre do mal, estava lutando ferozmente para segurar-me.

O coro tornou a cantar a estrofe que dizia:

**Tal como estou, de males cheio,
De duras dúvidas e de conflitos repleto.
De lutas e temores rodeado,
Oh, Cordeiro de Deus!, agora venho.**

Por um tremendo milagre me levantei e comecei a caminhar para a frente; dava-me perfeita conta de que todos os poderes da escuridão estavam lutando por segurar-me, mas também notei que Alguém muito mais forte que eles estava a meu favor.

Satanás tinha começado a perder a batalha. Satanás estava perdendo sua escrava. Jesus cuidaria de mim. Mesmo com um coração tão negro, sujo e cheio de pecado, notava que Ele estava ganhando-o pouco a pouco.

Agora já estava à frente, em pé, com muitas outras pessoas; as lágrimas estavam rolando por meu rosto e estragando minha maquiagem.

— Venho a Jesus! — disse humildemente. — Por favor, Deus, tira a escuridão.

Não sabia como orar, mas será que precisava saber? O Salvador ouviu o grito do meu coração e me aceitou tal como eu era. Que alegria devia haver no céu naquela noite!

Quando passamos para uma sala na parte traseira do salão, a coisa mudou bastante. Não foi fácil eu aceitar os conselhos que me davam. Tinha grandes dúvidas e meus temores flutuavam naquela atmosfera.

Ainda ouvi uma vez mais a voz de Satanás, que me dizia:

— Não poderá mudar. Você é minha.

Uma forte luta continuava. E minha maneira de viver? Poderia viver sem as drogas? Como poderia deixar tudo aquilo de uma vez?

Várias pessoas me falaram e me ensinaram alguns textos da Bíblia que eu não pude aprender naquela ocasião. Me apresentaram o ABC da salvação, mas eu sentia que havia algo que ainda faltava e que não era capaz de mencionar.

Aqueles versículos estavam dirigidos a alguém que tivesse estado buscando a Cristo e, ainda que falavam para mim, não eram completamente para mim.

Tinha medo em revelar a verdade completa sobre a minha pessoa e a minha vida, medo que me dessem as costas quando soubessem que eu era uma bruxa negra, uma prostituta, uma viciada em drogas e uma artista de strip-tease. O único que eu consegui falar foi:

— Sou viciada em drogas.

Observei que nenhum deles me deu as costas ante a minha confissão. Diziam-me:

— Se deixar que Cristo tome conta de sua vida, Ele fará uma grande obra em sua pessoa.

Não pensava que tudo fosse tão fácil. Concordei em orar e o fiz procurando crer firmemente que o que me diziam era verdade.

“Talvez tenham razão. Possivelmente amanhã pela manhã, ao acordar, poderei provar que é verdade o que me dizem”.

Contudo, faltava alguma coisa.

Uma mulher conselheira me falou novamente. Era a senhora Maria Hutchings, ainda que naquela ocasião eu não o sabia.

— Orarei por você, querida.

Era carinhosa e amável; sinceramente, me prendeu.

Finalmente, saí do salão, segurando fortemente em minhas mãos um exemplar do Evangelho de São João e um pequeno livro que tinha o título Primeiros Passos Com Cristo. Era muito tarde, já passava da meia-noite. Todos tinham ido embora já fazia algum tempo.

Um grupo de mulheres de vida irregular estava em pé na esquina, esperando-me.

— Olá, Diana! Onde tem estado? Estivemos à sua procura.

— Acabo de ser salva na capela de Colston.

Olharam-se incrédulas, pensando que estava brincando com elas e trocaram alguma palavras entre si.

— Não estou brincando — lhes disse.— Tenho entregado meu coração a Jesus na capela de Colston.

— Largue disso, Diana. Nós somos suas amigas.

— Sei perfeitamente disto. Mas é verdade o que lhes estou falando. Agora vou para casa para ler minha Bíblia.

Mostrei-lhes o Evangelho de São João.

— Boa noite, meninas — e fui para casa.

Ainda que não tinha reparado, acabava de fazer uma coisa maravilhosa: tinha confessado com minha boca ao Senhor Jesus. Ninguém me tinha dito para fazer isto. Ainda que não soubesse, estava a caminho de ser uma testemunha do Evangelho. Tão pouco sabia nada da amarga luta que estava à minha frente.

Tinha sido colocada por Cristo no caminho reto. Jesus ia fazer o resto. Eu só tinha decidido dar-Lhe meu coração, pedindo-Lhe que entrasse em minha vida e tomasse conta dela. Cristo ia vigiar meus passos, protegendo-me até chegar ao dia em que obteria minha grande entrega. Meus pés já caminhavam pelo caminho estreito.

Eu tinha dado meu primeiro passo rumo à liberdade.

15

A BUSCA DA LIBERTAÇÃO

Quando acordei na manhã seguinte, os acontecimentos da tarde anterior vieram lentamente à minha mente. Não tinha dormido bem. “Quem sabe se estive sonhando com estas coisas”, pensei. Mas não era sonho porque ali em cima de meu criado mudo estavam o Evangelho de São João e o exemplar de Primeiros Passos Com Cristo.

Tinha cumprido a promessa feita ao conselheiro e às moças, na noite anterior, de ler minha Bíblia antes de deitar; tinha-me sentado na cama e tinha lido o Evangelho de São João completo, desde o primeiro versículo até o último, não porque entendesse o que estava lendo, mas para cumprir a promessa.

“A vida será diferente agora? As coisas vão mudar para mim?”, pensava eu.

À medida que os dias passavam, as dúvidas enchiam a minha mente. Como poderia esperar viver alguma vez uma vida cristã autêntica? Como poderia deixar de lado as drogas, a bebida, o fumo e a vida suja que vivia pelas ruas? Seria muito difícil. E a bruxaria? Como poderia sair de seu círculo e desprender-me de suas garras?

Uma voz, a voz audível de Satanás, me disse:

— Você não pode sair! Você é minha! É tarde demais para você.
“Tem razão”, pensei, “o melhor é esquecer-me de tudo isto já”.

Pus o Evangelho de São João na gaveta e saí para tomar alguma coisa no bar.

Quando me sentei para beber, ouvi interiormente a doce voz da cantora:

**Ninguém pode amar-me como Cristo,
É incomparável Seu amor.
Só Ele pode transformar minha vida
Com Sua graça e Seu amor.**

“Isto é estúpido”, pensei. “Por que penso novamente nesta canção? Por que me persegue constantemente?”

— Esqueça-se dela — disse Lúcifer novamente, com uma voz audível para mim.— Beba outro gole e logo a esquecerá.

Mas não me esquecia, mesmo depois de ter tomado vários goles de bebida. Como poderia esquecê-la? Aonde quer que eu fosse, podia ouvir:

— Jesus ama você. Ele cuida de você.

Enquanto andava pelas ruas à procura de algum homem ou bebendo nos bares, até quando me injetava minha dose de heroína, as notas daquele maravilhoso hino e suas palavras soavam aos meus ouvidos:

— Jesus ama você. Ele cuida de você.

— Não ligue para isso — dizia uma e outra vez Satanás.— Seu cuidado e Seu amor não são para você.

— Vou ficar completamente louca — dizia eu em voz alta. Como poderia aguentar duas vozes dizendo-me coisas tão diferentes a todo instante?

Eu era o campo de batalha de uma grande luta que se estava realizando entre os poderes do mal e da escuridão, de um lado, e Jesus Cristo, o poderoso e eterno Filho de Deus, de outro lado.

Fiquei admirada ao receber uma carta da esposa do conselheiro. Jamais alguém me escrevera. Era uma carta mui carinhosa, que me dizia: “Estou orando por você. Poderá estar presente às reuniões?”

Ainda que a carta era bem carinhosa, eu não estava certa de voltar alguma vez às reuniões da campanha.

— Não vá — dizia Lúcifer.— Você é minha!

Sua voz desta vez era ainda mais temível. Minha mente era um autêntico torvelinho. Mas, afinal, voltei. Um poder doce e carinhoso levou-me novamente à reunião duas noites depois.

Esperava que a solista cantasse novamente a canção que desde aquele dia estava soando em meus ouvidos. Mas ela cantou algo

completamente diferente. Seu rosto era um autêntico quadro de alegria e de felicidade e eu desejava ter o que ela tinha. Oh, que gozo servir completamente a Jesus, ficar livre das drogas, da prostituição e da bruxaria!

Naquela mesma noite, Lúcifer se pôs em pé ao lado da minha cama. Era ele mesmo. Já o tinha visto muitas vezes no passado e também tinha ouvido a sua voz. Não era imaginação minha aquela visão. Era real.

— Você é minha — me disse.— Tem que obedecer-me. Afaste-se dos cristãos ou morrerá.

Sua forma e seu rosto eram sinuosos; sua voz era terrível e ameaçadora. Senti como umas mãos grandes que me agarravam a garganta. Intentei gritar, intentei orar. Não adiantava nada. O poder do mal era forte demais para mim. Tudo era terrível, mas real.

“De que vai me servir?”, pensei. “Estou em seu poder e tenho estado nele durante anos. Nunca poderei ser uma cristã autêntica”.

Sentia-me nas garras de Satanás. Agora estava decidida a deixar de lado a ideia de amar e servir a Jesus.

Mas novamente as palavras do hino soaram em meus ouvidos e seu tema repetia-se incessantemente:

“Só Cristo pode tirar o pecado e amar-me. Só Cristo pode cuidar de mim”.

Jesus faria isto.

— Lutarei até encontrar a liberdade. A buscarei até conseguir; preciso e quero ser livre”.

Uma verdade maravilhosa é que, quando Jesus começa a Sua obra em alguém, não o deixa! Jesus não ia deixar-me ir embora e perder-me. Agora eu era Sua filha. A batalha mal tinha começado, mas Jesus ia fazer-me consciente de Sua presença e aumentaria meu desejo de conseguir a liberdade, sem deixar-me fraquejar e cair.

A conselheira veio visitar-me.

— Se realmente você quer amar e seguir a Jesus — disse-me ela, — deve ter comunhão com Seus filhos. Una-se a uma igreja evangélica.

— Está certo, concordei. — Qual é a igreja à qual devo unir-me?

— Não quero citar nenhuma em particular; vá a qualquer igreja evangélica. Há muitas por aí.

Eu não tinha dito a ela que era uma bruxa negra, uma prostituta e uma artista de strip-tease. Evitei dizer-lhe por medo da sua reação e de como poderiam agir comigo. Que eu estava realmente necessitada era tudo quanto ela e outros sabiam.

Como faria eu para encontrar uma igreja na qual pudesse assistir com regularidade?

Caminhando pelas ruas como de costume, passei por muitas igrejas, mas eu não vi em nenhuma delas a palavra “evangélica”. Vi a Igreja Metodista, a Igreja Batista, a Igreja Anglicana e outras mais, mas não encontrei nenhuma Igreja Evangélica por nenhum canto.

A conselheira me disse que nas redondezas havia muitas, mas eu ainda não tinha encontrado nenhuma, simplesmente porque o que eu estava procurando era uma “etiqueta”, um nome, uma denominação. Que significava a palavra “evangélica” para uma pessoa como eu? Nada!

Mas eu tinha que saber mais acerca de Jesus e, embora estivesse ansiosa em minha procura, continuava com a mesma vida antiga. Não podia mudar, era consciente de que necessitava de algo ou de alguém para me ajudar e decidi encontrá-lo, ainda que, para isto, tivesse que procurar luz em alguma igreja.

Diga o leitor a alguma prostituta que vá à igreja e verá como se ri.

— Quem? Eu? — dirá ela.— Quais serão minhas atividades num lugar como este? Ali ninguém me apreciará.

Pode, então, imaginar-se como eu me sentia. Parecia impossível que eu me tivesse decidido a procurar uma igreja para nela encontrar o que estava buscando, se é que o pudesse encontrar ali.

Nunca me esquecerei da experiência de assistir pela primeira vez a uma reunião numa igreja. Deixando de lado meus esforços para encontrar uma igreja evangélica, um domingo de tarde entrei na primeira igreja que encontrei.

Era grande e estava cheia de gente. Eu tinha uma ligeira excitação, um pouco de nervosismo, pois estava no meio de uma congregação que aparentava uma grande respeitabilidade. Minha primeira reação foi também nesta ocasião fugir rapidamente.

Não havia lugares vagos no fim do salão; os únicos assentos livres estavam precisamente nos primeiros bancos: ali havia duas fileiras de bancos inteiramente vagos.

Ninguém me ajudou. Tive que ir sozinha lá na frente para sentar-me. Estava numa situação embaraçosa e mais uma vez percebi que os olhos de todos estavam fitos em mim. Estava vestida de uma maneira muito parecida com a que fui ao salão em Colston.

“Por que todas as pessoas olham para mim?”, pensei.

A reunião começou com um hino melancólico; não se parecia em nada com o hino animado que foi cantado na primeira reunião da campanha a que assisti. O ministro fez uma longa e complicada oração. Seguiu-se outro hino

ainda mais monótono e difícil de cantar do que o primeiro. Depois disto se fez uma leitura na Bíblia. Eu tinha o Evangelho de São João comigo. O ministro leu em outra parte da Bíblia e eu não podia encontrar esta leitura em meu pequeno Evangelho.

Finalmente o ministro começou seu sermão, mas eu não podia entender nem uma palavra do que ele dizia. Usava longas frases teológicas, que não tinham sentido algum para mim. Não havia nada de simples naquele sermão. Eu queria ouvir algo de Jesus Cristo que eu pudesse entender, algo tão simples como o que tinha ouvido na primeira vez: “Jesus pode libertar você. Jesus ama você”. Mas não ouvi nada disso.

Começava a sentir-me aborrecida e desejava ardentemente um cigarro. Não pude permanecer ali nem um minuto mais; levantei-me e saí. Tudo estava tranquilo enquanto eu via as pessoas respeitáveis escutando o sermão.

Acendi um cigarro enquanto pensava: “Devo dar mais uma oportunidade. Não foi suficiente. Vou tentar mais uma vez”.

Assim, pois, tornei a entrar, deixando toda a congregação atônita vendo-me ir à frente para tomar meu lugar nos bancos livres da frente. Esperei pacientemente até terminar. Não sabia fazê-lo com palavras tão perfeitas como o ministro, mas estava certa que Jesus me tinha ouvido.

As pessoas estavam em pé no fundo, formando pequenos grupos. O ministro estava despedindo-se cortesmente dos que iam saindo. Tentei passar sem que me visse, mas não foi possível. Ele estava muito sério e formal.

— Boa noite — disse-me com um sorriso.

Gostei de seu jeito.

— Não a tinha visto antes — disse.

— De fato, é a primeira vez que venho.

— Que a fez vir aqui esta noite?

— Bem, fui à cruzada de Eric Hutchings na capela de Colston e ali entreguei meu coração a Jesus.

O rosto do ministro pareceu iluminar-se.

— Isto é maravilhoso!

Então reparei que ele também amava a Jesus.

— Posso ajudá-la de alguma maneira em sua vida cristã?

Pensei rapidamente: “Esta é a minha oportunidade; vou tentar”.

— Olhe, não sei se poderá fazê-lo. Sou uma prostituta e uma viciada em drogas.

Ficou perplexo e um pouco pálido. Pensei que ia empurrar-me a um canto; as pessoas que estavam a meu lado permaneceram quietas, enquanto me olhavam com curiosidade.

Após passar seu choque, o ministro me disse:

— Volte outra vez. Boa noite.

“Que volte outra vez?”, pensei. “Para quê? Que há com esta gente? Ninguém pode ajudar-me?”

Voltando o olhar para o passado, só posso sorrir, ao mesmo tempo que sinto certa tristeza. Algumas destas pessoas iam à igreja todo domingo sem que acontecesse nada de extraordinário que pudesse causar uma espécie de distúrbio em seus cultos rotineiros. Por isso, era para eles um sobressalto alarmante ver entrar ali alguém como eu — uma intrusa, alguém tão diferente deles.

Um antigo pregador dizia certa ocasião: “Estejam preparados para qualquer coisa”. Estas pessoas certamente não estavam preparadas para alguém como eu. Como resultado daquilo, eu me encontrei ao sair à rua num estado semelhante ao que estava quando ali entrei — ou talvez ainda mais confusa.

— Aonde irei da próxima vez? Onde está a verdade nesta cidade com tantas igrejas?

Passaram-se algumas semanas. Eu ainda estava procurando. A batalha estava mais difícil cada dia. Lúcifer estava reforçando suas forças para conservar-me condenada à sua escravidão. À medida que a batalha prosseguia, aconteciam outras coisas.

O pregador havia dito: “Estejam preparados para qualquer coisa”. Realmente, nenhuma das igrejas que eu visitava estava preparada para alguém como eu. Como resultado, eu não experimentava mudança nenhuma, até saía muitas vezes mais confusa do que tinha entrado.

Em minhas visitas a diversas igrejas, algumas vezes ouvi falar do sangue de Cristo. Cada vez que era mencionada esta expressão, uma força em meu interior me controlava e aconteciam coisas estranhas. Eu agia de uma maneira inexplicável, diabólica, que eu mesma não sabia compreender. Pegava as Bíblias e as rasgava. Atirava os hinários pela igreja. Empurrava os que estavam carregando as bandejas com pão ou que repartiam o cálice no culto da Ceia.

Depois caía ao chão, em profundo pranto, retorcendo-me como uma serpente. Quando voltava a mim, não lembrava de nada do que tinha acontecido. Muitas vezes saía chorando da igreja.

As pessoas não entendiam o que me acontecia ou porque causava estes distúrbios. Alguns pensavam que se tratava de uma enfermidade mental. Mas eu sabia que não era eu mesma que fazia aquilo. Satanás controlava minha atuação.

Fora da igreja sentia como se u’a mão invisível me empurrasse para fazer todas aquelas coisas que eu queria deixar tão insistentemente. Antes de entregar meu coração a Cristo, o participar de atos de bruxaria, de prostituição ou de drogas era simples, normal e até desejável, mas agora olhava para estas coisas como algo contra a minha vontade. Algum poder mau, que sentia em meu interior, levava-me a fazer estas coisas.

Estes poderes satânicos atuavam abertamente cada vez que eu visitava uma igreja. Lembrava-me dos olhares atônitos das pessoas quando eu voltava a mim após ter feito alguma ação daquelas. Ninguém fazia nada por mim.

Como a luta estava tornando-se mais acirrada, decidi deixar de visitar as igrejas. Talvez estivesse louca e não haveria ajuda nem solução para mim em lugar algum. Tinha chegado ao ponto de abandonar minha luta em busca da liberdade.

“Buscai e achareis”, diz a Bíblia, “batei e abrir-se-vos-á”.

Em meu desânimo, as palavras do hino soavam cada vez mais fortes: “Jesus cuida de você”.

— Tenho que ser livre! Quero viver para Jesus! — gritava.

O Senhor Jesus estava falando comigo do meio da escuridão. O Espírito Santo estava abrindo-Se caminho, dando-me coragem para lutar, para buscar. Busquei até que encontrei.

Um domingo pela manhã decidi tentar de novo. Resolvi voltar à igreja e orar. No momento em que entrei pela porta, os poderes do mal me controlaram. Quando voltei a mim, vi, horrorizada, os utensílios da Ceia destrocados, o vinho esparramado e olhares atordoados nos rostos das pessoas.

Saí correndo, chorando. Desci a rua correndo, como se todos os demônios me perseguissem. Agora estava realmente desesperada.

— O melhor é acabar com tudo. O melhor para você é morrer. Morrer. Morrer — disse Lúcifer.

Sua voz era de zombaria, enquanto eu corria rua abaixo como um animal perseguido e atordoado.

Cheguei a uma pequena ponte. Subi ao parapeito e ia atirar-me à água, quando então um homem me fez descer.

— Que está fazendo? Está tonta?

Soltei-me dele e corri novamente sem saber para onde. Cega, entrei numa cabine telefônica, tremendo e soluçando durante certo tempo.

À medida que ia tranquilizando-me, vi na parede da cabine o nome e o número de telefone de um ministro de Deus, o sr. Stanley Jobb. Li de novo. Antes de perceber o que estava fazendo, já estava falando com ele por telefone. Não sei o que lhe disse; eu estava num estado terrível.

— Por favor, venha à igreja — me disse.

Deu-me o endereço. Sua voz era amável. Assim, pois, pouco depois, eu estava na igreja batista que fica em Queen’s Road, em Bristol. Dois homens me esperavam; um era o ministro, o outro era o evangelista chamado Dennis Clark.

Eram carinhosos e compreensivos à medida que eu lhes contava, entre soluços, minha triste história. Escutaram-me atentamente. Compreendiam-me. Eu nem podia acreditar.

Tranquilizaram-me um pouco e oraram por mim. Nestes momentos, as forças do mal, tomando-me, intentaram lutar contra os dois ministros, enquanto oravam por mim. Os homens não pareciam preocupar-se com minhas reações. Falaram-me de uma maneira amável e carinhosa.

— Conhecemos alguém que poderá ajudá-la, se a senhora quiser. É um ministro da Igreja Batista em Burn-on-Sea. Seu nome é Arthur Neil. Sabemos que pode ajudar a senhora. Vamos pô-la em contacto com ele e lhe diremos quando poderá vê-lo.

As coisas foram preparadas para que pudesse ver o sr. Arthur Neil. Finalmente eu estava no caminho para a liberdade.

Esta é a história de minha longa procura da liberdade.

16

O DEDO DE DEUS

O sr. Arthur Neil chegou na tarde seguinte junto com o sr. Stanley Jobb. Os vi chegando quando entraram pela porta central para dirigir-se à minha porta.

De repente, uma voz me disse:

— Não abra a porta. Deixe-os.

Embora estivesse assustada, era consciente de que os poderes das trevas que estavam comigo tinham ainda mais medo do que eu. De certa maneira, estava consciente que o sr. Neil era um homem que poderia ajudar-me; assim, pois, embora com medo, abri a porta e os deixei entrar.

O sr. Neil era totalmente estranho para mim, mas instintivamente compreendi que era um homem de Deus, que vivia perto dEle. Em sua presença eu me sentia tão suja e impura como o próprio demônio.

Rapidamente tratou de confortar-me. Foi muito bom e carinhoso e em seus olhos parecia brilhar uma chama de amor autêntico e genuíno. Eu tive que desviar o olhar diante do seu. Havia algo escuro em meu interior que se revelava contra ele, embora eu percebesse que não era eu mesma.

— Estas vozes que ouve têm nome?

— Não.

Neste mesmo instante notei que os espíritos dominavam meu corpo e que moravam nele. O espírito do mal me falou novamente, mas só a mim

— Não lhe diga nada, nada!

Eu não era um personagem estranho para os demônios. Não os tinha invocado muitas vezes para que me ajudassem em meus ritos de bruxa e de satanista? Pela primeira vez fiquei sabendo que eles estavam dentro de mim e não fora, como eu pensava. Foi uma revelação espantosa.

Não disse nada sobre bruxaria, satanismo e outras coisas; nada em absoluto.

Não era necessário, pois o sr. Neil sabia que eu estava possuída pelo demônio, ainda que não soubesse nada a meu respeito. Apontou diretamente com seu dedo, embora não se dirigisse à minha pessoa, mas aos demônios que havia em meu interior. Falou através de uma longa oração, que os demônios compreenderam imediatamente, enquanto ordenava que saíssem em nome de Jesus.

Sentei-me em uma cadeira, horrorizada.

Os demônios que estavam em meu interior ainda estavam mais assustados. O sr. Neil pôs suas mãos sobre a minha cabeça, como o tinha feito o sr. Dennis Clark na tarde anterior. Não tentei atacar o sr. Neil. Eu estava plenamente consciente do que estava acontecendo. Tinha plena certeza que o reino das trevas que estava em mim tinha sido verdadeiramente sacudido.

Mais tarde, o sr. Neil me explicou que tinha repreendido os demônios com toda a autoridade que o Senhor lhe tinha dado.

Sentia-me mais à vontade; sabia, de certa maneira, que agora tudo daria certo.

Após uma hora, mais ou menos, os dois ministros saíram, mas o sr. Neil tinha começado um ministério profundo comigo. Este trabalho mal tinha começado. Ele imaginava isto quando o disse a seu companheiro.

Se eu me sentia aliviada após este primeiro encontro com este homem de Deus, este estado não ia durar muito. Tive a noite mais horripilante.

Nas primeiras horas da manhã acordei cheia de temores: estava rodeada de poderes do mal. Ouvi suas vozes, mas nesta ocasião também me deram seus nomes. Eu estava tremendo.

Ouvi que me diziam:

— Não tenha relações com o Neil. Eu sou Dúvida e Incredulidade e não vou sair de você.

Então muitas vozes gritaram em meu interior, todas ao mesmo tempo:

— Nem eu, nem eu, nem eu...

Parecia como se em meu interior houvesse um poderoso coro que ia aumentando de volume mais e mais. Eu estava suando. As roupas da cama estavam gotejando, enquanto meu corpo tremia, sacudido pelos demônios.

Ouvi novas vozes que diziam:

— Eu sou a Luxúria. Sou um espírito imundo. Não vou sair. Tenho estado aqui há muitos anos.

— Eu sou a Mentira. Também não sairei.

— Eu sou a Bruxaria — disse outro demônio muito poderoso.

— Eu sou o Orgulho e não sairei.

— Nem eu.

— Nem eu.

— Nem eu.

Os demônios falaram um após o outro. Pensei que estava ficando louca. Eu não estava louca, mas sabia que estes demônios que não tinham sido expulsos estavam querendo deixar-me louca.

Perguntava-me onde estava Jesus, onde estava a luz. Minha alma não percebia nem um raio luminoso; era como se a escuridão do inferno tivesse caído sobre mim.

Quando, finalmente, me levantei, ouvi uma voz que me dizia:

— Chame o pastor e diga-lhe que não venha à sua casa.

Telefonei como me disse a voz, ainda que eu esperava que o sr. Jobb me chamaria para interessar-se por meu estado. Atendeu-me sua esposa e me disse que ele tinha saído dirigindo-se à minha casa.

Esperei-o fumando cigarro após cigarro; o desassossego não me permitia nem ficar sentada. Às onze horas da manhã ouvi uma batida suave na minha porta. Era ele. Estava tão amável como de costume.

Disse-lhe os nomes que tinha ouvido dos demônios.

— Não se desespere — me disse.— A colocarei em contacto com o sr. Neil imediatamente.

Senti medo, ainda que senti que quem mais medo sentia eram os demônios que estavam em mim.

O sr. Jobb me explicou que, devido ao fato do sr. Neil não morar em Bristol, mas em Burnham-on-Sea, não o poderíamos ver imediatamente.

— Comunicar-lhe-ei quando poderemos ver novamente ao sr. Neil; enquanto isto, tranquilize-se. Eu orarei pela senhora.

Enquanto o sr. Neil não podia ver-me, pois estava ocupado com um ministério de pregação, visitei meus antigos recantos: bares, cinemas,

reuniões de bruxas, mas sentia que era empurrada para estes lugares pelos poderes que viviam em mim.

Bebi e fumei mais do que nunca. Em certas ocasiões não me lembrava do que tinha feito ou onde tinha estado enquanto vagava de um lugar para outro.

Sentia-me impulsionada por ruas escuras, quanto mais escuras melhor, e sempre vestida com roupas pretas.

Eu sabia que não estava nem doente nem louca, mas possuída por espíritos do mal e que constantemente estava obedecendo as suas ordens. Numa sexta-feira pela manhã tive notícia de que o sr. Neil me veria naquela mesma tarde. Disseram-me que minha conselheira na campanha evangelística e seu marido me levariam de carro à igreja em Queen's Road, a igreja onde estava o sr. Jobb.

Com esta notícia, todo o poder maligno que havia em mim tremeu, fazendo-me tremer dos pés à cabeça.

— Deixe o Neil — ordenaram-me os demônios.— Ele é um santo, demais até para nós. Deixe-o e não vá à igreja.

Mil vezes, como martelos dentro de mim, repetiam a sua mensagem. Finalmente encontrei-me com o sr. Neil. Sua presença me enervou. Queria escapar, mas não podia. O sr. Neil sorriu para mim e isto facilitou um pouco as coisas. Compreendi que não podia olhar fixamente para ele. Parecia que seu olhar penetrava em meu ser. Podia sentir sua calma e também seu poder; o poder que Cristo dava a Seu servo, Este poder era o que mais me molestava.

“Este homem pode saber de mim mais do que eu posso dizer-lhe”, pensava eu.

Ele percebeu o que estava acontecendo comigo. Pediu-me que lhe dissesse os nomes dos demônios que tinha ouvido. Fiz todo o possível para recordar seus nomes. À medida que ia contando-lhe, meu pensamento ia sofrendo modificações e saindo fora de mim; estava novamente sendo atacada pelos demônios, O sr. Neil percebeu o que estava acontecendo.

Observei que começou a falar fortemente, apontando-me com seu dedo de forma autoritária. Depois não sei o que mais aconteceu porque, diversas vezes, os demônios se apoderaram de meu controle, atirando-me ao chão.

Só muito tempo depois, quando fiquei livre dos demônios, é que o sr. Neil me contou o que aconteceu naquela noite. Eles se expressaram por meio de minha voz, de forma individual.

O chefe de todos os espíritos que havia em meu interior era a Dúvida e Incredulidade. Era o mais obstinado e violento. Parece que dois crentes precisaram segurar-me enquanto ele era expulso de mim.

Citando o texto de Lucas 11:20, disse:

— Se, pelo dedo de Deus, enxoto os demônios, não há dúvida que o Reino de Deus tem chegado para Doreen.

A seguir, ordenou que o demônio saísse de mim e fosse para o inferno. A tremenda luta que se seguiu pode ser descrita pelos versículos de Efésios 6, principalmente o versículo 12: “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”.

Luta aberta é a descrição mais exata daquela batalha. O demônio não queria deixar o meu corpo e muito menos ir para o inferno, mas finalmente saiu com um grande gemido.

Esta luta durou três ou quatro horas. Nesta ocasião, o demônio Engano e os da Luxúria, Mentira, Orgulho e Bruxaria foram enviados para o inferno.

O demônio Bruxaria era o mais barulhento, conforme me contou o sr. Neil.

— Tentou enfeitiçar-me — disse o sr. Neil, — mas lhe resisti com a autoridade de Jesus, mandando-o para o inferno.

— Ali não, ali não! — gritava o espírito Bruxaria. — Preciso ter um corpo. Não o deixarei. Preciso de um corpo. Não quero ir ao inferno!

— Não vai possuir o corpo de ninguém — disse-lhe o sr. Neil.— Ordeno-lhe que saia do seu corpo e que vá para o inferno, em nome de Jesus Cristo.

Mas o demônio Bruxaria era o mais obstinado até que, por fim, o sr. Neil, com um forte grito e com a autoridade de Deus nele, lhe ordenou sair de mim.

Então saiu com gritos tremendos e disse:

— Está certo, vou já para o inferno.

Caí ao chão como morta. Quando voltei em meus sentidos, não me lembrava do que tinha acontecido. Só sabia que estava livre destes demônios. Tinham sido expulsos e saíram para sempre.

Orei e dei graças ao Senhor por ter-me livrado deles.

Estava realmente cansada. Minha garganta e minhas costas estavam doloridas, mas os demônios tinham ido embora. O sr. Neil orou por mim e foi para sua casa.

Sentia-me livre e feliz. Era maravilhoso. Aquela noite dormi como uma criança; era a noite que melhor dormia em muito tempo.

Mas, após algum tempo, outros demônios começaram a manifestar-se dentro de mim. Alguns deram o seu nome, mas outros o guardaram secretamente.

Eu estava desesperada. Pensava que tinham saído todos os demônios, mas agora percebia que alguns ainda tinham ficado, bem ocultos e quietinhos, para que eu não percebesse.

Eu estava confusa, mas o sr. Neil não estava. Ele sabia perfeitamente que tinha expulsado alguns, mas não todos. Um bom começo tinha sido feito, o restante seria feito da mesma maneira e no mesmo lugar que da primeira vez. Não era possível fazer tudo no mesmo instante; pelo menos em meu caso.

Este era um mistério profundo e preocupante. É triste contá-lo, mas nunca se dá a verdadeira importância ao mistério que representa a presença em um homem de espíritos do mal que têm que ser expulsos; às vezes, pensamos que isto só ocorria nos tempos de Cristo ou de Seus apóstolos, mas eu posso testemunhar que hoje está acontecendo também, talvez com você mesmo.

Minha vida tinha sido uma porta aberta à pressão do demônio. Progressivamente, por minha própria vontade e por meu convite, eles entraram em minha vida. Agora era necessário expulsar estes demônios para ficar totalmente livre. Não quero dizer que o Senhor Jesus Cristo não pudesse ter feito sair todos eles juntos e na mesma hora. Ele podia. Mas, para Sua maior glória, quis que em mim fosse de outra maneira; só Ele podia guardar-me de não ser despedaçada pela saída dos espíritos do mal.

Sem dúvida alguma, Cristo tinha um propósito especial. Os ministros e outros cristãos deveriam estar instruídos sobre a possessão demoníaca. Creio que o sr. Neil ia ensinar a outros como lidar com o demônio.

Eu também teria de aprender muitas coisas com esta experiência. Um verdadeiro trabalho estava sendo feito em meu coração.

17

JESUS É VENCEDOR

Tempo! Isto era algo que para mim sobrava e que para o sr. Neil faltava.

Eu não estava tão ocupada. O velho provérbio diz que “o diabo encontra serviço para as mãos que estão ociosas” e é verdade. Certamente ele encontrou muito serviço para as minhas mãos.

De mim tinham sido expulsos alguns demônios e não se passaria muito tempo sem que outros fossem também expulsos; os restantes, em perigo de perder sua residência que tinham ocupado durante tantos anos, estavam em uma constante atividade, sabendo que seu tempo ali estava chegando ao final.

Este processo foi longo e cansativo; foi feito em partes. O sr. Neil orava e jejuava antes de cada ministério. Sabia que ia estar em contacto com os poderes das trevas; por isso era tão importante orar e jejuar.

O demônio Atormentador foi o próximo a sair. Revelou-se de uma maneira semelhante à que se tinham revelado os outros. Era um contínuo tormento que me fazia sofrer quase que constantemente, tanto de dia como de noite.

Fez-me ter terríveis sonhos, sonhos reais, vívidos e terríveis. Animais feios e peludos me alcançavam em um poço escuro e sem fundo, mãos se cravavam em meu corpo, que me apertavam a garganta, e marcas eram vistas em meu corpo, ao acordar.

Também me atormentava durante o dia, impulsionando-me a vagar durante horas inteiras, sem eu saber para onde, regressando depois à casa inteiramente fatigada, só para experimentar sonhos ainda mais terríveis que os anteriores.

Foi acertado outro encontro com o sr. Neil. Agora o demônio me atormentava constantemente.

— Pegue uma faca e mate o Neil — me ordenou.

Obediente, pus uma faca em minha bolsa.

— Mata, mata, — me ordenava.

Assim que entrei na igreja, o demônio começou a agir dentro de mim. Eu estava aprendendo mais alguma coisa sobre os demônios. Eles somente viam o sr. Neil quando eu o via; isto é, o viam através de mim. Eles tinham meus olhos para ver com eles. O fato de eles dependerem de mim mostra seu poder limitado.

— Mata, mata, — me ordenou.

Não me lembro do que aconteceu a seguir, até que o demônio saiu. O sr. Neil me contou depois que eu tinha avançado sobre ele com uma enorme faca nas mãos a fim de vazar-lhe os olhos; no entanto, me arrancou a faca a tempo.

Aparentemente este demônio era tremendamente forte. Precisei ser agarrada por dez homens fortes até que ele saiu de mim.

Foi uma grande batalha a ser realizada até que o demônio Tormento saiu de mim, dando grandes alaridos.

— Jesus é Vencedor! — disse o sr. Neil.— Jesus é Vencedor!

Todos estes espíritos do mal tinham saído para sempre de mim. Foi um pequeno descanso antes que o restante também fosse expulso.

Quando os demônios revelavam seu nome e sua atividade eram expulsos; todos odiavam o sr. Neil e também o inferno. Sabiam que o inferno era o fim para eles e de sua atividade em mim.

— Não nos mande para o inferno — rogavam.

No entanto, o sr. Neil insistia em que no inferno não atormentariam a nenhuma pessoa e nem a nenhum animal.

Muitos dos demônios citavam textos das Escrituras e muitos mencionavam passagens da Bíblia. Nestas batalhas foi manifestado que alguns deles tinham tomado posse de meu corpo por mais de quinze anos; outros tinham vindo fazia menos tempo.

— Não vou sair deste corpo — disse um espírito mau.— Tenho estado aqui por muitos anos e não vou sair agora.

Solicitador era outro espírito que deu seu nome e, segundo me contou posteriormente o sr. Neil, tinha entrado em meu corpo quando eu tinha quinze anos, ao decidir prostituir-me nas ruas de Paddington.

Este demônio saiu de mim juntamente com outro chamado Tentador Escuro e ambos o fizeram chorando. Este último tinha um nome muito elegante e trabalhava de maneira bem diferente. Quis seduzir os ministros do Senhor em mais de uma ocasião, mas o poderoso nome de Jesus o desterrou de mim.

Outros espíritos imundos, como Sedutor, Nudismo, Corrupção e Lascívia, foram expulsos para o inferno. Este último foi um dos que mais resistiu a sair. Contava o sr. Neil que ele falava com uma voz bem diferente da minha; falava com a maneira de uma pessoa da alta sociedade.

Nesta ocasião, o sr. Neil mencionou o nome de Maria Madalena, da qual tinham saído sete demônios; assim que ele terminou de falar, o demônio disse:

— Não a mencione! Não mencione a Maria Madalena! Traidora! Traidora! Não fale dela!

O sr. Neil mencionou também o Calvário, onde Satanás e seus demônios foram vencidos e derrotados por Cristo.

— Não mencione o Calvário. Eu estava ali, eu estava ali. Faz muitos anos, bem antes de tomar posse deste corpo. Eu estive ali. Não me fale do Calvário — disse o demônio, interrompendo a oração do sr. Neil.

— Jesus é Vencedor! — disse o sr. Neil.— Jesus é Vencedor!

Após cada reunião e à medida que os demônios iam saindo, eu orava, agradecendo ao Senhor Jesus pela libertação que se estava realizando em mim.

Repetidas vezes o sr. Neil me citava estas palavras, que não esqueço:

— Jesus é mais forte do que Satanás e do que o seu pecado. Satanás deve obediência a Jesus e não tem outro remédio senão obedecer-Lhe, porque Cristo é Vencedor.

Numa destas ocasiões, pareceu-me como se o Senhor Jesus estivesse em pé por trás do sr. Neil, olhando-me. Como me pareceram maravilhosos Seus olhos e Seu olhar! Havia amor, compreensão e profundo carinho nele! Sabia que Ele me amava, sabia que era Sua filha, sabia que Ele me libertava de minhas cadeias.

Nunca o esquecerei em minha vida. Necessitava realmente daquela maravilhosa visão do Senhor porque a batalha ainda não tinha terminado; longe disso. Agora sabia, por experiência própria, da necessidade que tinha de Cristo terminar a obra que tinha começado em mim.

Certamente, Satanás não se tinha dado por vencido e intentava com todas as suas forças atrapalhar o ministério do sr. Neil em mim.

— Volte para a bruxaria! — dizia-me Lúcifer.— Esqueça desta bobagem!

Eu não pensava em fazer tal coisa. O demônio da Bruxaria tinha sido expulso e com ele foi embora o poder da bruxaria que havia em mim. Perdi meus poderes do mal e sentia-me contente e feliz.

— Não — disse a Satanás. — Nunca mais voltarei a reuniões de bruxas!

Depois achei melhor que talvez fosse a alguma destas reuniões e lhes dissesse que já não era como elas e que nunca mais estaria em sua companhia nestas reuniões do mal.

Quanto mais pensava nisto, tanto mais convencida ficava que era o que tinha de fazer. Assim, pois, fui.

Foi uma insensatez, pois sua resposta foi uma tremenda surra. Deixaram-me inconsciente e me levaram num carro para um lugar solitário onde me jogaram, pensando que estivesse morta ou, pelo menos, quase morta.

Mas alguém me encontrou e me levou para um hospital, onde estive durante quatro dias; tão tremenda tinha sido a surra que levava. Só um milagre permitiu que minha vida fosse preservada e os planos de Satanás novamente desbaratados. Jesus tinha Sua mão sobre mim, ainda que eu tivesse agido como uma tola; assim que Satanás foi novamente derrotado.

Tinham-se passado aproximadamente cinco meses. Muitos demônios tinham saído de mim, mas eu ainda não estava completamente livre deles. Sentia-me desanimada. Às vezes o medo e o sofrimento eram insuportáveis. Quando ficaria completamente livre deles? Quando sairia o último deles?

Sim, eu estava desanimada. Alguns cristãos também já se tinham cansado de estar presentes nas reuniões de oração que o sr. Neil tinha e nas quais os demônios iam deixando meu corpo; de maneira que, sem esperar para ver o resultado final deste ministério, foram deixando-me.

O sr. Neil também tinha os mesmos sentimentos que eles; no entanto, prosseguia com seu ministério a meu favor, apesar de tudo, contra o vento e contra a maré. Estou muito contente por ele ter agido assim; creio que eu não estaria viva se não fosse por este seu serviço. Não teria escrito este livro que você agora está lendo.

Nestes momentos de desânimo e entre as reuniões a meu favor, Satanás viu sua última oportunidade contra mim.

Certa tarde, eu estava num estado terrível. Os demônios que eu tinha ainda estavam muito ativos e fortes, zombavam de mim e me mortificavam de maneira horrorosa. Procurei novamente o fornecedor de drogas, mas não o encontrava, de maneira que deixei de procurá-lo. Como vê, ainda voltava às drogas.

Ninguém sabia disso, nem o sr. Neil, embora ele imaginasse que eu tinha de estar tomando alguma droga.

Chorando e soluçando e num estado de confusão, em parte pelos sintomas típicos de uma desintoxicação, levaram-me a um hospital de doentes mentais. Ali me fizeram dormir durante mais de uma semana é o que se chama de terapia do sono. Quando fui internada, tentei explicar o que estava acontecendo-me, mas não me escutaram. Pensaram que eu estava apenas doente. Certamente, estava bem doente, mas qual era a causa de minha doença? Não era apenas consequência da heroína.

— Demônios? — disse o médico.— Não seja tola! Não existem demônios. Está tudo na sua mente. Só precisa de um tratamento e depois ficará boa.

Assim é que me fizeram dormir durante dez dias.

Quando acordei, me perguntei se tinha sonhado ou se tudo tinha sido real. Logo percebi que também era inútil falar de Jesus no hospital. Quando falava dEle me diziam que eu tinha manias religiosas.

Agora estava realmente fora da heroína, novamente. Tinha sido um grande progresso em mim. A terapia do sono tinha efetuado a cura. Mas agora os médicos me receitavam comprimidos, comprimidos e mais comprimidos. Pensei que era bobagem, mas nada adiantava dizer-lhes. Ninguém considerou nada do que eu dizia.

— Olhe — disse-me Satanás,— para eles, você está louca. Nunca mais vai sair daqui. E, se acabar saindo, vai ficar realmente louca.

Comecei a crer que ele tinha razão.

— Já, já, já — ria-se Satanás.— Olhe agora para que serve.

Os que estavam realmente doentes, os verdadeiros doentes mentais, agiam sempre da mesma maneira, mas eu não. Minha enfermidade era diferente da dos demais e disse-o aos médicos.

Ninguém acreditava que a possessão demoníaca pudesse ser real. — Não existe tal demônio, deixe-o em paz de uma vez — repetiam-me todos.

Ia ser encerrada num hospital de doentes mentais para o restante de minha vida? As coisas estavam ficando pretas para o meu lado.

— Onde está Jesus agora? — caçoava Satanás.

Eu também me perguntava: Onde está realmente Jesus? Que vai ser de mim?

O próximo tratamento foi uma terapia de choque elétrico. Eu sabia que também falharia. Os demônios não são expulsos assim.

Um dia, falando com uma enfermeira, lhe disse:

— Enfermeira, você sabia que antes de vir parar aqui eu era uma prostituta, uma viciada em drogas e uma bruxa negra? Uma noite fui a uma reunião e ouvi falar de alguém chamado Jesus e de como Ele me amava. Entreguei-Lhe meu coração naquela noite. Você crê nEle?

— A senhora está muito doente, querida. Jesus não existe, Isto é um monte de bobagens.

— Bem, se você fosse uma prostituta, uma viciada em drogas e outras coisas mais, considerada má pelos outros e, de repente, você começasse a viver uma vida diferente, produzindo-se uma mudança graças a Jesus, mudança que ninguém teria podido conseguir, chamaria isto de bobagem?

Ela foi embora muito pensativa. Mais tarde, ela voltou e me disse:

— Realmente, a senhora tem toda a razão quando diz que é uma doente diferente das outras, diferente dos que estão aqui.

Esta diferença também era observada pelos médicos, que me acompanhavam bem de perto.

Os comprimidos que me faziam tomar não produziam mudança nenhuma; lentamente, isto sim, ia acostumando-me a eles.

De noite não podia dormir. E me davam mais comprimidos. Tomava três cada noite e, se à meia-noite não tinha conseguido dormir, davam-me mais um. Embora a dose de sedativos fosse suficiente para fazer dormir uma pessoa durante quatro dias, eu não conseguia dormir. Gozava apenas do agradável bem-estar que produziam em mim e nada mais. Somente dormia uma média de três horas por noite.

Não passou muito tempo até sentir verdadeira necessidade destes comprimidos. Era a primeira vez que eu ficava na fila para consegui-los. Um dia, perguntei para que eram.

— Bem, este é para tranquilizá-la e este outro é para animá-la.
— Mas o que estão fazendo realmente comigo? Os senhores sabem o que vai acontecer-me com este tratamento? Que pretendem?

Encontrava-me inteiramente inútil. Eu sabia o que me acontecia. Era necessário que todos os demônios fossem expulsos de mim, Mas era inútil dizer alguma coisa ali. Ninguém me escutava. “Mania religiosa” foi o diagnóstico que me deram. Já estava disposta a aceitar tal diagnóstico, contanto que pudesse ir embora.

Fizeram-me radiografias da cabeça quando eu me queixava de dor. Os médicos acharam que eu tinha o cérebro prejudicado; me disseram que a lesão tinha sido produzida pela grande quantidade de drogas que tinha ingerido. Este novo diagnóstico foi um duro golpe para mim. Morreria? Satanás estava lutando tenazmente contra mim.

Um conflito após outro e tudo por querer ser uma autêntica cristã. Valia a pena tudo isto?

— Jesus é vencedor, não é verdade? — zombava Satanás.— Onde está seu Jesus agora? Onde está seu Vencedor?

Nestes momentos, quando mais eu precisava, as estrofes daquele hino tão amado repetiam-se:

**Jesus cuida de você.
Ele pode tirar-lhe o pecado
E a escuridão.**

Uma coisa estava clara para mim: Jesus era a única resposta. Os médicos não podiam fazer nada mais por mim. Lembrava-me daquela visão maravilhosa de Jesus. Teria sido fruto da minha imaginação? Não, realmente não. Jesus era real. Ele cuidava de mim.

“Tenho que crer nisto! Tenho que crer!”, me repetia.

Agarrei-me à promessa que só Cristo podia ter cuidado de mim e que o faria, tirando-me da escuridão para a Sua maravilhosa luz. Tinha que crer nisto ou eu ficaria louca.

De repente, e para minha surpresa, me convidaram a passar um fim de semana fora do hospital. Alegrei-me muito em deixar aquela atmosfera tão deprimente.

Naquele mesmo fim de semana o sr. Neil foi pregar em Bristol. O Senhor o levou ali por minha causa. Fui à igreja para ver o sr. Neil.

— Por favor, ajude-me, sr. Neil. Ore por mim. Tenho que ficar completamente livre do poder diabólico e tem que ser nesta mesma noite.

— Bem — disse ele,— então vamos orar.

Alguns crentes ficaram também para acompanhar-nos com sua oração. Devia ser agora ou nunca mais. Escuridão ou Luz. Satanás ou Jesus. Loucura ou alegria.

Já era meia-noite quando o último demônio deixou meu corpo, dando um grande alarido. Tinha sido uma dura e longa batalha contra as trevas. Este último demônio chamava-se Demência e seu trabalho consistia em prejudicar o cérebro.

— Jesus é Vencedor! — exclamou o sr. Neil.

Que noite de regozijo foi aquela! Eu estava, finalmente, livre! Seu tremendo poder e glória foi sentido por todos e por cada um dos presentes. Nossos rostos brilhavam com a glória de Deus. Foi verdadeiramente uma noite memorável.

Tudo já tinha passado. Jesus tinha-me libertado. Saí da igreja depois de orar. Era uma mulher livre.

Quando cheguei ao hospital, fizeram-me o exame habitual. Não encontraram lesão nenhuma em meu cérebro. Nem podiam acreditar. Insistiram novamente com radiografias e com encefalogramas, mas todos eram perfeitamente normais, não havia nem sinal de minha lesão anterior.

— Isto só pode ser explicado como um milagre — disseram os médicos. Tinham razão; era um milagre de cura de meu Senhor Jesus. Jesus é uma bobagem ou uma lenda? São os demônios mitos? Não é real Satanás e a possessão demoníaca? Tudo isto é verdade e é perfeitamente real e infelizmente tudo isto está aumentando de maneira alarmante em nossos dias.

Mas Jesus é mais forte do que Satanás. Está por cima do poder do pecado e do vício. Cristo pode derrotá-lo, mudar a vida, transformar a natureza e dar paz ao coração cansado, lucidez à mente prejudicada e vitória na vida de cada dia.

Ele está vivo e está fazendo maravilhas na terra. Ainda expulsa demônios. Ainda cura enfermidades do corpo e da alma.

Sim, Jesus é real. Jesus cuida de nós. Jesus é maravilhoso. Jesus é Vencedor!

PAZ EM BETÂNIA

Após aquela bendita libertação em fevereiro de 1965, não vi mais o sr. Neil durante mais ou menos dois anos, pois ele se mudou para Brixham, onde está até hoje.

Por mais duas semanas fiquei no hospital até ser declarada completamente curada e deram-me alta. O diretor do hospital estava realmente admirado em ver-me tão bem após aquele fim de semana. Perguntava-me que teriam pensado e que diriam se conhecessem a minha experiência, mas nada lhes disse.

— A senhora tem outro aspecto — me diziam, — como se tivesse rejuvenescido e está com mais vitalidade do que antes.

Após aquela libertação, eu esperava ansiosamente a alta. Sabia que nada me ajudaria a continuar naquele ambiente deprimente do hospital. Então me disseram que, se não quisesse voltar mais, não precisaria, pois que era uma paciente voluntária e, como tal, meu comportamento era regido por mim mesma.

O Senhor opera de maneira misteriosa para realizar Suas maravilhas. Talvez o Senhor tivesse um propósito para minha volta. Quem sabe!

Não me deram mais tratamento de choque; não precisava. A verdade é que eu era a pessoa mais feliz em todo o pavimento do hospital. Mais feliz que as próprias enfermeiras, cheias de serviço.

Se eu sentia que a solidão ou a tristeza iam tomar conta de mim, evitava-as interessando-me por qualquer doente do hospital, animando-o e conversando com a maior parte deles, principalmente com os solitários. Penteava-os e fazia pequenas coisas para eles que não podiam fazer por si mesmos, tornando-me útil aos demais.

De uma maneira misteriosa, lembrava-me dos dias passados na cadeia. Era algo parecido.

Tanto as freiras como as enfermeiras e os psiquiatras consideravam perplexos a minha transformação e mal criam no que viam.

Um grande problema permanecia — os comprimidos. Sem dúvida, eu me tinha habituado a eles. Teriam os médicos real ideia da quantidade de drogas que me tinham administrado? Nunca tinha tomado tantos comprimidos em tão curto espaço de tempo. Isto era uma preocupação para eles. Talvez, tarde demais, tenham admitido parte da culpa que tinham neste tratamento.

Antes de dar-me alta, recomendaram-me que fosse diminuindo a quantidade de comprimidos lentamente e da maneira como eu quisesse. Prometi fazê-lo, porque eu mesma queria também livrar-me desta outra

forma de droga. Como percebi mais tarde, era mais fácil dizê-lo do que fazê-lo.

Quando, finalmente, saí do hospital, tinha uma grande necessidade de um cuidado mental, físico e espiritual. Pouco tempo depois, comecei a retroceder, comportando-me de maneira errada.

Tinha iniciado meus passos na vida cristã e Satanás tornava a pôr obstáculos em meu caminho.

A escuridão parecia cair mais uma vez sobre mim. Em vez de tomar menos comprimidos, estava tomando muito mais do que antes. Sentia falta de alguma coisa. Precisava de amor e de compreensão. Tinha a impressão de estar diante de uma encruzilhada e não sabia que caminho tomar.

Muitas vezes percebia que os próprios crentes me evitavam e falavam comigo o menor tempo possível. Provavelmente o meu passado era recente demais em suas mentes para aceitar-me plenamente. Conheciam minhas atividades como bruxa e aquelas outras que tinham sido até piores?

A atitude dos crentes e o fato que eu era ainda um bebê nas coisas do Senhor me traziam dificuldades. Afinal de conta, eu estava começando a caminhar e a falar e, em lugar de experimentar felicidade sempre crescente, estava confusa e sentia medo.

Alguns crentes viram a necessidade de eu tirar umas férias por algum tempo em um ambiente fora da cidade, com seus problemas e tentações. Sugeriram-me ir ao campo para descansar, onde poderia recuperar-me física e espiritualmente.

Eu não achava certo ir a um lugar entre gente estranha, onde não soubessem nada a meu respeito.

— Não, obrigada!

Mas como poderia desprezar o convite daqueles que estavam interessados em ajudar-me? Então concordei que me levassem ao campo no carro de uns amigos.

“Afinal de conta, se eu não gostar, poderei voltar”, pensei.

Finalmente cheguei à vila de Gamlingay, em Bedfordshire. Deram-me umas boas-vindas muito calorosas, mas eu não tinha esperança no resultado deste projeto; tinha medo do desconhecido.

Cumprimentei meus hospedeiros, o casal Parker. A primeira impressão que produzi ao sr. Parker foi a de uma pessoa muito só e cheia de amargura. Percebeu que eu estava preocupada com meus pensamentos. Meu rosto era um quadro de tristeza; meu rosto, disse ele, estava cheio de dor e era o reflexo do dano sofrido e que ainda estava sofrendo. A infelicidade de minha vida, minhas grandes necessidades, não podiam passar despercebidas.

Depois de muitos anos de ter entregue sua vida a Cristo, o sr. Parker conhecia muito bem milhares de pessoas que estavam passando pelo mesmo problema da solidão e infelicidade no mundo. Percebeu que alguém tão oprimido espiritualmente como eu só responderia ao carinho e à compreensão, Somente um amor real poderia curar-me.

Ainda que era um homem de muitas palavras e ministro de uma igreja naquela povoação, não me pregou nenhum sermão; percebeu que, em lugar de falar-me, deveria ficar atento ao que eu lhe dissesse.

Se eu tivesse conhecido antecipadamente esta atitude do sr. Parker, teria sido bem diferente a minha primeira tarde que passei na companhia daquele casal.

A cada momento eu esperava que eles começassem a recitar-me textos da Bíblia. Assim que pude, pedi-lhes licença para levar seu cachorro “Paddy” a passear, a fim de conhecer a povoação.

Uma vez fora de sua casa, acendi um cigarro. À medida que caminhava pela vila, meu coração se entristecia mais e mais. Parecia-me um lugar escuro e triste. Perguntava-me por que teria aceito a ideia de vir até ali; não havia nem sequer um bar onde pudesse tomar uma xícara de café e fumar um cigarro, fora da vista das pessoas. Decidi ficar ali apenas alguns dias e dar qualquer desculpa para voltar à cidade grande.

Durante os dias seguintes, passava o tempo levando “Paddy” a passear. Nos fizemos grandes amigos. Tinha o costume de contar a Paddy todos os meus temores e certas ocasiões, quando me olhava com seus grandes olhos castanhos, parecia-me que compreendia minha situação. Nunca o tinham levado tanto a passear e certamente se perguntava o porquê desta mudança. As lembranças da meninice vinham-me à mente. Eu revivia aqueles dias quando contava minhas dificuldades à velha cachorra “Bessie”.

Enquanto transcorria a primeira semana, comecei a mudar quanto à minha ideia sobre a família Parker. Ninguém me dava sermões e nem faziam grandes planos quanto ao meu futuro. Eu tinha esperado que isto acontecesse, mas não acontecia. Realmente, o ministro e sua esposa me tratavam como uma pessoa normal e igual a eles. O mais surpreendente é que me aceitaram em sua família sem perguntas nem indagações. Tinham dois filhos adolescentes, um menino e uma menina, e me tratavam até mesmo como se fosse da sua própria família.

O amor conservava unida esta família; não havia regras restritivas; nem era a religião; a união existente era consequência de um amor comum a Cristo. Esta era a primeira vez que eu encontrava uma vida familiar que não fosse infeliz. Para minha surpresa, agora estava começando a desfrutar aquele lugar.

No entanto, a depressão voltava, apesar das coisas felizes que me rodeavam. A dúvida e o medo, que tinham sido tão familiares, enchiam minha mente.

Muitas vezes passava as noites em branco, apesar dos comprimidos para dormir. Sonhos terríveis me acometiam outra vez. Durante o dia estava meio narcotizada e minhas ações eram mui lentas e preguiçosas.

Ainda que o sr. Parker observava todos estes sintomas e estava plenamente convencido de que eu estava fumando, não me disse nada. Mas passava muito tempo orando por mim. Estava esperando a hora de Deus, quando todas estas barreiras caíram definitivamente. Lentamente, mas com segurança, ele viu como estavam desaparecendo de mim os ressentimentos, à medida que eu respondia ao amor desta família cristã. Percebi que seu interesse por mim era realmente autêntico.

Foi algo maravilhoso quando lhes perguntei se me permitiam chamá-los de papai e de mamãe. Finalmente, eles tinham ganho toda a minha confiança e afeto.

— É claro que pode, querida! — disseram, enquanto me abraçavam e choravam abertamente.

Que inteligentes e pacientes tinham sido! Não tinham demonstrado um caráter impetuoso e enérgico para ministrar minhas necessidades espirituais; eles esperaram pacientemente minha abertura.

À medida que ia chegando mais perto de “papai” e de “mamãe”, como os chamava agora, ia abrindo meu coração e contando-lhes mais coisas sobre mim mesma; tinha plena certeza que me podia abrir com eles, contando-lhes qualquer coisa que fosse realmente confidencial. À medida que o tempo passava, os espíritos do mal, que tanto me tinham torturado, deixaram de molestar-me; os temores também foram desaparecendo. Pouco a pouco, devotada e docemente, meus “pais adotivos” cobriram com compreensão e carinho todas as minhas necessidades.

A verdade é que isto era o começo de um longo ministério e serviço para mim, que duraria muitos meses, e que foi regado com muitas lágrimas. Estavam ao meu lado dia e noite; quando os ataques de Satanás contra mim eram fortes, não se atreviam a deixar-me sozinha, mas a batalha era do Senhor Jesus que, lentamente e maravilhosamente, me trouxe uma completa liberdade. Comecei a viver a vida cristã por completo. Jesus tinha vencido verdadeiramente.

Quando terminou esta experiência, eu tive uma visão do Senhor Jesus. Foi algo sensível e real, Suas mãos estavam estendidas sobre mim, cheias de amor e, tomando-me em Seus braços, murmurou docemente:

— Você é Minha.

Agora eu sabia, sem a menor dúvida, que era Ele e que Ele nunca me deixaria. Me guardaria no meio das provações, iluminaria minha escuridão até um dia vê-lo face a face por toda a eternidade.

A vila e o campo, que antes não me atraíam, agora eram um lugar precioso para mim. Dei-lhe o nome de Betânia. Lembrava-me daquele lugar, fora de Jerusalém, onde Jesus frequentemente visitava Maria, Marta e seu irmão Lázaro e que se chamava Betânia: um lugar de retiro, de descanso e de paz. Pareceu-me um nome apropriado para este lugar e para esta casa no campo.

Comecei a ler assiduamente a minha Bíblia e o que antes era escuro ia fazendo-se cada vez mais claro e compreensível para mim. A Escritura estava cheia de significado e de profundidade para a minha alma. Podia estar sentada durante horas, lendo as histórias de Jesus, como Ele tinha curado a enfermidade de um corpo e a mente de tantos que se encontravam na mesma situação em que eu me tinha encontrado e notava que Seu poder não tinha sido apenas durante os anos de Sua vida aqui na terra, mas que era o mesmo de hoje. Não tinha Ele tocado em minha vida e me tinha restabelecido completamente? Tudo estava certo: a Bíblia tinha dado a autêntica luz.

Meu hinário **Sinos de Ouro**, que tinha recebido de presente na Escola Dominical e que tinha levado até à cadeia comigo, também era muito apreciado por mim agora. Muitas vezes o lia e outras cantava aqueles lindos hinos que tinha aprendido tantos anos atrás, cativada pela maravilha das suas palavras simples:

**Conta-me a história de Cristo,
Conta-me ao coração,
E Seu amor infinito,
Que é a mais doce canção.**

Oh, sim, as palavras agora tinham um profundo significado para mim! Como eu amava agora aqueles hinos!

Podia voltar o olhar para trás e percebia que Jesus me tinha acompanhado com Seu olhar através de todos os anos, longos anos da mais repugnante e profunda vergonha. Tinha-me visto nas ruas quando era uma prostituta. Tinha-me visto nos diabólicos templos de Satanás e nas covas das bruxas. Mesmo neste estado, Ele me amava; mesmo quando eu estava submersa na mais escura degradação. Estando neste estado é que um dia me chamou e me tomou para Si.

Que maravilha! Naquela época ficava admirada que Ele me amasse; ainda hoje, quando penso nisto, fico perplexa, e ficarei por toda

a minha vida, perante a maravilha e a glória do amor pessoal de Jesus Cristo por um pobre e perdido pecador.

Em “Betânia”, Jesus me trouxe para mais perto de Si. Ali tirou a amargura do meu coração. Ali lavou e restaurou as feridas e tirou a dor de tantos anos passados, por meio do amor que havia naquela casa. Apagou os horrores de minha mente, fazendo-me uma nova criatura em Cristo.

Tudo era novo para mim; era como se tivesse nascido novamente tanto no espírito como na carne.

O mundo inteiro me parecia maravilhoso. Amava a tudo e a todos neste maravilhoso e grande mundo que Deus criou. O velho e sarnoso gato que estava sobre um monte de lixo, a flor que se abria com dificuldade entre as folhas e o mato do caminho, até estas coisas me pareciam maravilhosas.

À medida que passeava nos verdes campos e nos espessos bosques, meu coração cantava de alegria por tudo quanto via, por tudo quanto Jesus Cristo tinha feito por mim e por tudo quanto estava ensinando-me e mostrando-me que faria no futuro por mim.

Pela primeira vez na vida prestei atenção nas pequenas flores e nas minúsculas ervas que cresciam na terra. Percebi suas belas cores. O céu tinha um aspecto como se alguém o tivesse lavado e pintado de um formoso azul.

Dava-me a impressão que alguém tinha pintado as árvores, a erva verde, a terra toda com cores vivas e resplandecentes. Toda esta beleza aparecia desenhada pela primeira vez perante meus olhos, beleza que tinha passado despercebida de mim durante toda a minha existência. E que estava olhando para o mundo com outros olhos.

**O céu no alto tem
Um azul mais claro;
A terra ao redor tem
Um verde mais doce.
Algo vive em cada cor
Que só o cristão pode perceber.**

Assim dizia a estrofe de um hino que aprendi naqueles dias e que era uma esplêndida realidade em minha vida.

Simples palavras não podem expressar a alegria que inundava meu coração. Simples palavras não podem dizer quão precioso e querido Cristo era para mim. Que maravilhosa doçura era a Sua presença!

Um dia, enquanto eu descansava em “Betânia”, senti a presença de Cristo de maneira mais viva do que antes. Senti-O chegando mais perto

de mim. Depois, ouvi Sua voz, audível para mim, que dizia docemente a meu ouvido:

— Você é como uma virgem pura aos Meus olhos. Você é Minha Maria Madalena de hoje.

Por coincidência, “papai” estava perto de mim naquele momento e viu a expressão de meu rosto. Ele também soube que Jesus estava perto, bem perto. Eu não tinha reparado na presença de “papai”, só na presença de Jesus e nas palavras que Ele me disse.

Papai disse mais tarde que nunca tinha visto nada parecido em sua vida. Disse-me que meu semblante estava radiante. Realmente, é uma maravilha quando Jesus está tão perto.

— Quem é Maria Madalena? — perguntei a papai.

Com lágrimas em seus olhos, ele leu em sua Bíblia como Jesus tinha expulsado sete espíritos imundos de Maria Madalena, uma mulher da cidade, uma moça da rua, uma prostituta, até que Jesus chegou à sua vida e a transformou completamente.

Eu chorei e chorei. Quanto Maria devia tê-lo amado! Havia-lhe perdoado tanto! Ele a tinha feito livre. Agora Jesus me tinha dito que eu era Sua Maria Madalena moderna. Era maravilhoso, realmente maravilhoso.

Eu era como ela. uma moça da rua, possuída por muitos espíritos imundos, e Jesus me tinha libertado. A cada dia e a cada hora, Jesus era mais e mais precioso para mim.

Uma virgem pura para Ele era o que Cristo tinha dito que eu era.

Ainda chorando, papai me levou ao segundo livro aos Coríntios e leu: “Estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo”.

A igreja de Corinto era notável por suas fraquezas e falhas. Paulo estava aflito porque queria que os filhos de Deus fossem puros e sem mancha.

Encheu-me de alegria pensar que Cristo me tinha falado a mim, uma autêntica prostituta, bruxa negra, moça de cabaré, e dissera que eu era aos Seus olhos como uma virgem pura. Em outras palavras, eu estava agora limpa e santificada, lavada com Seu sangue e justificada perante os Seus olhos. Após esta revelação, eu amava mais a Jesus. Como poderia esquecer tais palavras? Como poderia esquecer palavras dos próprios lábios do Salvador?

Jesus continuou derramando Suas bênçãos sobre mim. Eram novas cada manhã. Estava cheia do Espírito Santo, amando e servindo a meu Senhor. Ele era agora Senhor em minha vida, Senhor em tudo.

Imagine a minha imensa alegria quando li a história da mulher samaritana; como Jesus se encontrou com esta mulher pecadora junto

ao poço e lhe deu a água da vida. No princípio me parecia incrível que tal história fosse verdade. Mal podia dar crédito a isto. Jesus estava revelando-Se a mim de uma forma mui real, conduzindo-me mais perto de Si à medida que crescia em graça e no conhecimento dEle.

Permaneci em “Betânia” durante alguns meses. O próprio Jesus estava ensinando-me, preparando-me para o serviço que Ele tinha planejado para mim, assegurando-me uma e outra vez que eu era agora uma filha do Rei. Não mais uma filha e escrava de Satanás. Agora era uma filha de Deus.

Não, nunca poderei esquecer “Betânia” porque foi ali onde recuperei o amor e encontrei a paz e a alegria em abundância.

19

UM DIAMANTE BRUTO

“Um troféu da graça”, “Um diamante bruto”, assim me chamavam os crentes. Já tinha deixado “Betânia” e tinha voltado a Bristol para começar uma nova vida.

Em Marcos 16:15 lemos: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura”. Aquela palavra tão pequena “ide” me incluía e eu o sabia. O Senhor Jesus me tinha chamado e certamente me tinha escolhido para trabalhar para Ele neste mundo e agora eu estava entrando na senda do serviço.

Não era fácil. Eu não tinha recebido ensino da Bíblia em nenhuma escola, mas tinha um tremendo testemunho do que Deus podia fazer na vida de uma pessoa, o que é muito mais importante. Queria contar a todos o que o Senhor tinha feito em mim. Também sentia uma grande compaixão pelos perdidos, especialmente pelas prostitutas e pelos viciados em drogas. Quanto desejava que eles também pudessem vir ao conhecimento de Sua graça salvadora!

— Eis-me aqui, Senhor; envia-me a mim! — foi meu clamor. — Eu irei por Ti!

No entanto, os crentes constituíam ainda uma dificuldade para mim. Bem poucos se lembravam de mim. Eu estava tão mudada! Vestia-me de outra maneira e me comportava de outra maneira. Apesar

disto, muitos ainda duvidavam que eu fosse uma nova criatura em Cristo, uma autêntica crente.

Eu não podia entender tal atitude. Muitas vezes eu sofria por sua desconfiança e derramava lágrimas em silêncio. Não era tanto por suas palavras, mas pela expressão de dúvida e de desconfiança que via em seus rostos. Esta era a maneira como reagiam a minha presença. Dava-me a impressão que tinham medo de mim.

O apóstolo Paulo teve, no princípio, a mesma experiência. Seu passado estava muito vívido na mente dos crentes para o esquecerem logo. Paulo também sofreu por causa da incredulidade dos primeiros crentes em relação à sua conversão. Eu podia imaginar agora como se devia sentir o apóstolo Paulo.

Mas chegou um momento quando o passado de Paulo foi apagado radicalmente das mentes dos crentes, deixando de haver desconfiança e então eles viram que era um verdadeiro discípulo, um homem transformado. Assim, chegou o tempo quando os cristãos viram que eu também era uma verdadeira crente em Jesus e me aceitaram. Perceberam que minha vida antiga tinha mudado e que estava livre dos velhos grilhões.

Daí em diante passaram a chamar-me “um troféu da graça” ou “um diamante bruto”. Tais expressões eram inteiramente novas para mim. Nunca tinha ouvido antes tais frases.

Pois bem, este “diamante bruto” ia sair em uma missão. Voltei às ruas, mas com um motivo bem diferente em relação a antes. Que lugar seria o mais apropriado para levar a mensagem de Cristo e cumprir Seu mandamento do que entre as minhas antigas amigas e conhecidas? A primeira coisa que pensaram quando me encontrei com elas era que eu estava inteiramente louca.

— Pobre velha Diana, tem mania religiosa, — disseram.

Mas eu não me importava. Continuava dizendo-lhes o que Jesus tinha feito por mim e podia fazer por elas.

— Damos-lhe três meses, Diana — disseram.— Depois você vai voltar para junto de nós, na mesma vida de antes.

— A velha Diana está morta — respondi.— Não a verão nunca mais. Meu nome é Doreen.

Elas continuaram chamando-me de Diana. Eu não me importava. Oh, como amava àquelas moças! Muitas vezes permanecia na esquina da rua com meus braços rodeando os ombros de alguma delas, enquanto orava por ela. No final, elas tinham que admitir que eu tinha o que elas não tinham e desejavam: felicidade real e paz de espírito.

— De qualquer jeito, você tem uma boa aparência — me diziam.— Seus olhos estão claros e parece muito feliz.

Realmente eu era feliz, mas meu coração chorava por elas.

— Nós não podemos mudar mais, Diana — me diziam muitas vezes.

— Se você deixar que Cristo tome sua vida, Ele o fará — diziam-lhes, vez após vez.

— Talvez quando sejamos mais velhas pensemos nisto, mas agora não — diziam-me ao ir embora.

Eu tinha percorrido aquele caminho durante muitos anos e se alguém sabe o que uma prostituta sente esse alguém sou eu.

Apesar das muitas zombarias que tinha de enfrentar cada dia, seguia falando-lhes do amor de Cristo. Não apenas uma vez por semana, mas todos os dias e muitas noites. Costumava sair ao entardecer para estar em contacto com elas, porque sabia exatamente onde encontrá-las.

— Atenção, gente, aí vem Diana com seus folhetos de Jesus — ouvia que diziam.

Às vezes, saíam correndo ao verem que me aproximava delas.

“Você andarás pelas ruas com sapatos diferentes”, tinha-me dito um dia Jesus e agora compreendia perfeitamente o que significavam aquelas palavras de ter os pés calçados na preparação do Evangelho da paz (Efésios 6:15). Meus pés estavam calçados com a preparação do Evangelho da paz.

Eu anelava que neste trabalho cooperassem também outros crentes, aqueles que quisessem vir comigo para ajudar-me a atingir estas moças.

Lembro-me de certa tarde ter dito a um grupo de crentes:

— Que tal se me acompanhassem aos bairros baixos e sujos e ali falássemos de Cristo às mulheres da rua?

Todos foram embora imediatamente com um sorriso, como se sentissem pena de mim, e não me responderam.

— Muito bem! — lhes disse.— Irei sozinha!

Com um último pensamento acrescentei:

— Só espero que alguém venha e diga aos senhores da grande importância de atingir os perdidos.

Ficaram atônitos, olhando-me fixamente, quando ia embora. Não tinha sido muito amável com eles; precisava orar mais para que Deus me desse um caráter mais amável.

Mais tarde, pedi-lhes perdão pela maneira como tinha falado a eles.

— Está bem — me disse uma jovem.— Não fique muito pesarosa. Alguém veio e nos falou que temos a obrigação de testemunhar de Jesus; isto aconteceu uma hora depois de você ter ido embora, depois de nos ter advertido. Isto nos fez pensar muito.

Uma tarde em que eu tinha saído como de costume para testemunhar — nesta ocasião eu estava nas mesmas casas públicas que tinha frequentado como prostituta,— estava falando com um homem que certa vez tinha conhecido mui intimamente nestes lugares e estava explicando-lhe de Jesus e de Seu amor. A maior parte das pessoas deste antro me conhecia e percebiam que eu tinha mudado notavelmente, que era uma pessoa diferente.

— Não leve isto tão a sério. Doreen — disse-me ele.— Beba um trago e esqueça-se disso por algumas horas.

— Não — lhe respondi.— Não posso esquecer-me de Jesus nem por um momento.

Tudo ficou em silêncio enquanto eu falava para todos os presentes em voz alta e livremente a respeito do que Cristo significava para mim. Não se ouvia nem o mais leve tilintar de copos, quando, de repente, rompendo o silêncio, me pus a cantar:

**Tudo aqui mudou
Pois Jesus transformou
Toda a minha vida.
Tudo aqui mudou,
Novo se transformou
Quando Cristo me salvou.**

**Coisas que eu amava renunciei,
Amo agora o que então desprezei.
Tudo aqui mudou
Tudo se transformou
Quando Cristo me salvou.**

Todos escutaram com extraordinária atenção. Era tão maravilhoso cantar para Jesus naquele bar!

Quando saí me apoiei na parede. Meu coração estava desfeito e meus olhos cheios de lágrimas enquanto meu olhar percorria aquele recanto escuro.

Desejava que todos aqueles pobres homens e as pobres mulheres pudessem ter uma visão clara de Jesus, nem que fosse uma rápida visão. Quão diferentes seriam as suas vidas!

Os bairros baixos eram a minha primeira igreja; o bar, meu primeiro púlpito. E meu primeiro convertido? Uma mulher de idade madura que tinha encontrado neste bar.

Sentava-se sempre sozinha num canto do bar, com aspecto triste e solitário. Ofereci-lhe um folheto evangélico e me sentei a seu lado para

falar-lhe. As lágrimas começaram a correr-lhe por sua escura e enrugada face.

— Tenho estado vivendo neste bar por dez anos — me disse. — Desde que meu esposo morreu. Estou sozinha no mundo. Ninguém me falou tão carinhosamente durante anos, ninguém me falou; absolutamente ninguém.

Meu coração pulsava fortemente enquanto a escutava. Jesus a amava e tinha morrido por ela. Esta era uma oportunidade maravilhosa para dizer-lhe que havia Alguém que se importava com ela e que Seu nome era Jesus.

— Posso levá-la para casa?— lhe perguntei.

— Quer ir mesmo? Quer tomar uma xícara de chá em minha casa?

Levei-a para sua casa; era perto. Chamava-se Vera e tinha sessenta e três anos.

Depois de tomar uma xícara de chá, contei-lhe como Jesus tinha-me encontrado, em minha necessidade. Vera ficou muito comovida. Com a ajuda da minha Bíblia, mostrei-lhe o caminho da salvação, o caminho da paz perfeita e do descanso completo. O resultado foi que logo estávamos as duas de joelhos orando e tive o privilégio de conduzir esta querida senhora aos pés do Salvador. Que conversão tão maravilhosa!

Quando alguns dias depois a visitei novamente, Vera estava radiante de felicidade.

— Nunca mais voltarei ao bar — me disse.— Em vez disto, procurarei refúgio em minha Bíblia. Estou preparada para encontrar-me com meu Criador.

Vera nunca mais tornou ao bar e uma semana depois ela estava voando para o seio de seu Senhor e Salvador, deixando sua pobre e miserável vida aqui na terra. Os vizinhos me contaram que tinha morrido docemente, enquanto dormia. Vera tinha ido a encontrar-se com seu amado Salvador e um dia, quando eu sair deste mundo, estou certa que a encontrarei na Glória e ali nos veremos de novo.

Uma tarde em que eu caminhava por City Road, conhecida rua daquela região de pecado, ia distribuindo folhetos evangélicos quando um carro se aproximou e o homem que antes já mencionei queria falar-me. Era um antigo cliente meu.

— Olá Diana! — disse.— Está trabalhando?

— Sim, mas não no tipo de serviço que o senhor pensa. Agora trabalho nos negócios do Rei. Aceite um folheto do Evangelho e leia algo sobre este meu Rei Jesus.

Ficou atônito, entrou rapidamente no carro que estava diante dele e foi embora. Ainda que o tenha visto outras vezes naquela tarde dando

voltas à procura de uma prostituta, não falou mais comigo, mas olhava para mim cada vez que me encontrava. Orei para que ele lesse o folheto que lhe tinha dado e que com sua leitura encontrasse a Cristo como seu Salvador.

Outra tarde encontrei outro dos meus antigos clientes enquanto distribuía folhetos nos bares. Estava em pé junto ao balcão. Comecei a contar-lhe como Cristo tinha mudado minha vida. Seu rosto ficou vermelho e suas mãos tremeram de tal maneira que não podia segurar o copo. De repente, saiu correndo do bar, deixando sobre o balcão seu copo de cerveja.

Perguntei-me se tinha sido uma situação incômoda ou se realmente o Espírito de Deus tinha tocado nele. Parecia que, enquanto conversava com ele, se tivesse sentido culpado perante Deus.

Quando terminei de distribuir os folhetos naquele bar, fui ao bar do lado. Ali estava novamente o homem e, assim que me viu, saiu correndo novamente, deixando sua cerveja. Mais tarde nos encontramos pela terceira vez.

— Está perseguindo-me? — me perguntou.— Em todos os lugares onde vou, encontro você.

— Não, não sou eu quem o persegue — disse-lhe.— É Jesus que está à sua procura e quer que se entregue a Ele.

Desta maneira comecei meu serviço para Jesus. Caminhando pelas mesmas ruas que eu tinha percorrido como prostituta, pregando o Evangelho a cada criatura, dizendo a homens e mulheres que Jesus vive e que tem interesse em cada um deles.

Satanás intentou desanimar-me.

— Vamos, tome um trago — sussurrava ao meu ouvido.— Um só. Ninguém vai reparar.

Não. Jesus estava vendo-me e meu testemunho ficaria estragado se eu fizesse a vontade de Satanás.

“Resisti ao diabo e ele fugirá de vós”, diz a Bíblia. Assim, pois, em nome de Jesus lhe disse:

— Longe de mim, Satanás!

E Satanás fugiu.

Certa noite a tentação foi muito forte.

— Ninguém acredita em você — insinuava-me Satanás,— nem sequer os crentes. Você está perdendo seu tempo. Deixe tudo isto. Tome um trago, fume um cigarro e descanse um pouco neste bar.

Em nome de Jesus Cristo rejeitei a Satanás, mas ele ainda resistia. Em meu desespero, peguei o telefone e chamei o “papai” em “Betânia”.

Ouvindo de minhas tentações e quão contrariada eu estava, ele orou por mim no telefone, rogando a Cristo que afastasse o tentador.

— Vá agora para casa — disse-me “papai” — e quando passar pela frente dos bares, segure forte pela mão na mão de Jesus que está ao seu lado e verá como Ele conduz você sã e salva.

Se ele quis dizer-me isto literalmente ou não eu não sei, o que sei é que em cada bar por onde eu passava Satanás intentava fazer-me entrar para beber um trago em vez de testemunhar de Jesus ali e eu levantava minha mão para o céu com fé e Lhe dizia:

— Senhor Jesus, pega a minha mão com a Tua e guarda-me do mal.

Deu resultado, nunca sucumbi àquelas tentações de Satanás. Devia ser uma estranha visão para os transeuntes que se encontravam comigo ver uma mulher andando com uma mão levantada. Estranho ou não, a verdade é que Satanás foi derrotado mais uma vez. Jesus era Vencedor: Sua mão me guiou, guardando-me de cair.

Satanás então tentou deter meu trabalho para Cristo de outra maneira. As bruxas negras me enviaram cartas, ameaçando minha vida se não ficasse à margem da bruxaria. Eram cartas terríveis que diziam:

“Morrerá se não deixar de perseguir a bruxaria”.

Algumas destas cartas estavam escritas com sangue. Realmente, no princípio me assustei porque sabia que as bruxas negras cumprem suas ameaças.

Satanás estava usando todos os meios que ele conhecia para apagar meu testemunho. E agora? Ficaria calada, sem dizer nada contra a bruxaria? Calaria sem contar às pessoas os perigos que existem se entrassem nas coisas ocultas da bruxaria, por medo que me tirassem a vida?

Não, é claro que não. Era necessário esclarecer as pessoas. Estas cartas eram uma prova de que havia mal na bruxaria.

Deu-me valor o que está escrito na Epístola de São Paulo aos Romanos, capítulo 8 e versículos 38 e 39, onde li: *“Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor”*.

— Nem as bruxas, nem os satanistas — acrescentei eu. Nada pode separar-me de Jesus, nem da verdade.

Meu Jesus era mais forte do que qualquer bruxa ou satanista. O Senhor Jesus mesmo enfrentou as bruxas que me ameaçavam em meu caminho. Ninguém me fez nada. Sua mão me protegia a cada momento.

Como podem ver, tive momentos de fraqueza e de desfalecimento, precisamente no início do meu serviço para Cristo, mas Jesus me estava ensinando a confiar nEle fosse qual fosse a situação em que me encontrasse. Qualquer tipo de prova que me aparecesse no caminho,

não importava quão grande fosse, Jesus a vencia. Jesus me fazia sair dela. Afinal de contas, Ele me tinha salvado e eu estava entregue no Seu serviço.

Como poderia eu deixar de testemunhar a respeito da bruxaria? Alguém devia assumir esta responsabilidade e dizer às pessoas o terrível mal que havia nisto. E quem melhor do que eu?

Precisamente no início do meu serviço e ministério para Jesus, Ele estava preparando-me para coisas ainda maiores. Eu não sabia disto, mas agora o sei. Jesus estava ensinando-me a confiar nEle a qualquer momento e em qualquer situação. Estava completando o que faltava, preparando-me para esferas de mais alto serviço no Reino de Deus.

Dia após dia, eu ia fortalecendo-me, assim como meu testemunho. Pouco a pouco comecei a dar testemunho público nas reuniões dos crentes. Comecei de maneira bem simples, mas servia para eu aprender a falar em público.

Meu acento proveniente dos bairros baixos de Londres causava muitas vezes muitas risadas. Com frequência minha língua ficava travada. Porém, longe de isto ser causa de confusão, contribuía para fazer meu testemunho mais direto e mais real.

Passo a passo o caminho foi sendo aberto para que eu falasse em reuniões maiores. (*) Mais e mais gente me convidava para as suas capelas, igrejas, escolas, reuniões de mulheres, lugares públicos etc., para dar testemunho.

Que emoção eu sentia ao poder testemunhar de Cristo perante tanta gente! Emociona-me muito ver que, como resultado deste testemunho, homens e mulheres entregavam sua vida a Cristo.

Quanto mais progredia no caminho cristão de serviço, mais crescia na graça de Deus; lembrando-me de que me chamavam no princípio “um diamante bruto”, podia compreender agora a profundidade que estas palavras tinham.

Não quero dizer que eu saiba tudo sobre os diamantes, mas sei que são encontrados nas regiões mais quentes e escuras da terra e que, quando são encontrados, são brutos, sem polir. Não há beleza enquanto as mãos espertas do polidor não os fazem perfeitos e preciosos. Os ângulos brutos têm de ser tirados e as faces têm de ser talhadas e polidas energicamente para que se convertam em algo formoso e resplandecente. O resultado é uma joia de grande valor.

Quando pensava no processo porque passa o diamante, não me importava que me chamassem “um diamante bruto”. O Salvador não me tinha tirado do fundo do lamaçal da vergonha e da escuridão? Não me formou e moldou, exatamente como um diamante bruto, para fazer

de mim uma pedra preciosa à Sua semelhança para quando esteja na glória?

Eu estou ainda agora nas mãos de um grande Polidor; Suas destros mãos continuam trabalhando em mim. Ele está fazendo o devido trabalho de adaptação e transformação de un diamante bruto.

(*) **(N. do E.)** Não queremos ser juízes dos nossos irmãos, mas queremos lembrar o leitor que somos exortados na Escritura a *“lutar segundo as normas”* (2 Timóteo 2.5).

O cristão não tem o direito de modificar as normas dadas pelo Senhor para o Seu serviço. Talvez nós achemos que determinada maneira de agir possa ser melhor, mas, se o Senhor da Seara determina agir de certa maneira, então “o que eu penso” não vale nada; o que vale são as *“normas”* divinas.

Deus estabelece na Escritura que a mulher não deve ocupar posição de liderança. A liderança no lar e na igreja cabe ao homem e o ensino público da Palavra é uma forma de liderança, assim como a oração pública.

Textos como Gênesis 3.16 e 1 Timóteo 2.11-14 são bem claros e devem ser meditados pelo amado leitor.

20

UM MINISTÉRIO MAIS RICO E PROFUNDO

A Bíblia diz: *“Eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a poderá fechar”*.

Muitas portas têm sido abertas para que eu pregue a grande e velha história do Evangelho e testemunhe da grandeza e do poder de Cristo transformando minha vida. Tem sido uma alegria e um privilégio dar meu testemunho em muitas campanhas evangelísticas neste país dirigidas pelo dr. Eric Hutchings.

A primeira campanha da qual participei se celebrou em Leeds, onde dei meu testemunho em forma de entrevista com o cantor John Grant. Eu estava muito nervosa, mas o Senhor me ajudou e foi uma grande bênção.

Pude recordar a noite de junho de 1964, quando eu estava preparada para acertar um soco no nariz de Eric Hutchings. Se naquela ocasião alguém me dissesse que um dia eu estaria em pé ao lado do dr. Hutchings falando do que Cristo tinha feito por mim, eu teria rido com a maior incredulidade. Agora eu estava sentada na mesma plataforma e dizendo como naquela mesma noite em Bristol eu entreguei meu negro e pecaminoso coração a Jesus Cristo.

“Desde então, Jesus me tem guiado por um longo caminho”, pensei ao sentar-me na plataforma instalada na velha estação dos bondes.

Esta foi a primeira de muitas campanhas nas quais falei, mas nunca me esquecerei. A congregação não era mui grande e ficou bastante surpresa e espantada quando eu relatava somente algumas das perversões da minha vida passada. Muitos olhos foram abertos à realidade do pecado mais negro e da maldade nesta erroneamente chamada Era da Luz.

Imaginem-se que emoção tem sido para mim estar com Betty Lou Mills, enquanto ela cantava outra vez aquele amado solo que eu ouvi no salão em Colston, em Bristol. Encontrar-me com Betty e chegar a conhecê-la pessoalmente, assim como cantora do Evangelho, tem sido uma bênção para mim. Ela é uma moça doce e compreensiva e conhece muito bem o que é estar perante o público. Seu canto tem sido uma fonte de inspiração para mim, como também para outros.

Entre minhas responsabilidades em público, vou frequentemente pelos caminhos altos e baixos conclamando os pecadores para que se cheguem a Cristo, que é a única resposta para os problemas de hoje do mundo. Eu não fiz isto somente em Bristol, mas também em muitas partes do país, principalmente em Londres.

De volta às ruas tão familiares para mim, meu coração se condoía pelas muitas almas perdidas que frequentavam os clubes noturnos e outros antros de iniquidade quando eu voltava com uma mensagem de esperança, alegria e paz perfeita em meus lábios que o mundo e seus prazeres jamais, jamais mesmo, poderão dar.

Uma visita semelhante fiz ao leste de Londres, perto do lugar onde eu nasci. Eu não era contratada para pregar em nenhuma reunião em Londres. O Senhor mesmo me enviou. Foi algo muito especial.

— Vá à Rua..... ao número 50, em Stepney, e pergunte por Evelyn, — ouvi uma voz que me falou certa noite em Bristol.

Reconheci a voz de meu amado Jesus e a mensagem era clara e evidente. Nunca tinha ouvido mencionar a Rua em Stepney, mas quando Jesus diz “vai”, podemos deixar os detalhes por Sua conta.

Fui a Londres de trem, orando durante a viagem para que Ele me guiasse até a rua e também pelas palavras corretas que deveria dizer ao encontrar a rua.

Na estação do metrô em Aidgate East, dei uma olhada pelos arredores e fiquei admirada em ver quão atrasada era aquela área.

Nunca se deve perguntar o caminho aos londrinenses, costuma-se dizer, porque, ainda que tenham morado na cidade por longos anos, bem poucos saberão orientar-nos. Este velho provérbio parece certo demais no presente caso, porque ninguém a quem perguntei conhecia a mencionada rua.

Finalmente, me pus em contacto com um missionário local e lhe contei minha situação. Ficou surpreso, mas junto com outro missionário me levaram à referida rua. Não era muito agradável.

Realmente tinha um mau aspecto, estava toda suja, com toda espécie de porcaria por todo canto, desde colchões sujos até montes de trapos e de latas enferrujadas.

As casas estavam com escoras, preparadas para serem demolidas. Não parecia provável que alguém morasse ali, mas precisamente no fim da rua havia uma casa ainda ocupada e era o número 50. Parecia incrível.

A inquilina, uma mulher bem alta, estava olhando pela suja janela. Era tão alta que quase ocupava toda a janela.

Em uma mão tinha um copo com vinho e um cigarro na outra mão. Após um rápido silêncio em oração, pedindo a ajuda do Senhor, falei com ela.

— Boa tarde, chamo-me Doreen e tenho feito uma viagem desde Bristol, com uma mensagem especial para a senhora.

— Oh! — disse ela vagamente, enquanto olhava para nós três que estávamos em pé na calçada, como se nem nos tivesse visto.

— Sim — continuei.— O Senhor Jesus me enviou especial e diretamente para falar com a senhora.

— Ah! — disse novamente, sem ligar para nós, como se só se ocupasse com os seus pensamentos.

Eu comecei a pensar que não estava progredindo muito.

Então me lembrei que Jesus tinha-me dito: “Pergunte por Evelyn”.

— Obrigado, Senhor— disse, quase em voz alta.

— Mora aqui alguém chamado Evelyn? — perguntei. A mulher se concentrou.

— Sim, é minha filha Querem falar com ela?

Depois disse em outro tom de voz:

— Entrem.

O interior era espantoso demais. As paredes estavam muito úmidas e as madeiras estavam podres.

— Este não é um lugar adequado nem para porcos— disse a mulher.

Tive que concordar com ela.

— Está cheio de ratos — prosseguiu dizendo.

Vi um correndo pelo corredor e me deu um calafrio.

— Vamos mudar logo — explicou.

Nos introduziu em pequeno quarto escassamente mobiliado. Nem tapetes nem passadeiras cobriam o chão sujo, mas no canto havia o móvel bar mais caro que eu já vi. Uma moça de dezoito anos aproximadamente estava deitada, completamente vestida, entre lençóis sujos numa cama de casal muito estragada.

— Esta é Evelyn? — perguntei-lhe com o tom de voz mais agradável que pude fazer.

— Não — disse a mulher.— Esta é Jane. Evelyn está no andar de cima.

Lentamente e sem deixar de orar lhe expliquei porque estava ali. Falei-lhe um pouco da minha vida passada, principalmente da minha infância, e contei-lhe que Jesus me tinha levantado de uma vida de prostituição e de vergonha e me tinha transformado.

As lágrimas encheram os olhos da mulher e me disse:

— Nunca fiz nada de bom para as minhas filhas. Sou uma alcoólatra; minhas duas filhas são prostitutas e Evelyn toma drogas.

Os dois missionários e eu estávamos chorando ao ver a que ponto Satanás tinha arrastado esta pobre família.

Depois dissemos a esta querida senhora que Jesus morreu por ela no Calvário e como podia transformar sua vida e regenerar sua situação; pouco a pouco a conduzimos aos pés de Cristo, quando finalmente ela nos permitiu que orássemos a seu favor. Ali mesmo, depois de orar, se pôs de joelhos e entregou sua vida a Cristo.

Ela se arrependeu de seus pecados e se entregou a Jesus. Não havia dúvida de que a sua conversão era real. Jane, sua filha, ficou muito impressionada com o que viu e escutou, mas não se decidiu por Cristo naquele momento.

A mãe, então, chamou a Evelyn e lhe contou tudo o que tinha acontecido no quarto.

— Evelyn, querida; você quer que Jesus salve a você também? — lhe perguntou.

Era maravilhoso ouvir a mulher falar e testemunhar ao seu jeito. No entanto, Evelyn não quis aceitar a Jesus e foi embora. Meu coração foi após ela.

Encomendamos esta família em oração e lhes deixamos uma Bíblia e alguma literatura. Mais tarde ficamos sabendo que Jane estava na cadeia; ali foi visitada por um missionário e neste lugar entregou-se a Cristo.

A mãe nos escreveu para dizer-nos que seu marido tinha voltado para o seu lar quando viu que ela era uma nova criatura. Pouco tempo depois, a família mudou de casa e perdemos o contato com ela, mas sabemos que Cristo tem feito um trabalho maravilhoso no meio deles e que a Sua mão está sobre essas pessoas.

Se Evelyn foi ou não convertida, eu não sei, mas Jesus me tinha enviado e podemos deixar que Ele fez o restante da obra. Sempre vale a pena sermos obedientes à voz do Mestre.

Com Cristo todas as coisas são possíveis. Que maravilhoso é que Jesus pode alcançar qualquer pessoa, onde quer que ela esteja! O Senhor Jesus pode falar a qualquer um dos Seus servos e indicar-lhe onde exatamente quer que vá, até mesmo dar-lhe o número da casa e a rua onde mora a tal pessoa e até dar-lhe o seu nome. Nada é difícil demais para Jesus; não há coisa alguma que Ele não possa fazer. Ele é o mesmo ontem, hoje e por todos os séculos.

Meu ministério e trabalho para Cristo é muito variado. Não muito tempo depois da minha experiência anterior, falei na Escola Normal de Brighton, dando meu testemunho pessoal a muitos estudantes ali reunidos. Quando terminamos de falar, houve uma sessão de perguntas.

Só com a ajuda do Senhor tenho podido responder a algumas das que me fizeram. É verdadeiramente maravilhoso ver como o Senhor me tem ajudado e ensinado neste sentido e dou-Lhe toda a adoração e glória. Ele me ensinou a adaptar-me a qualquer circunstância em que me possa encontrar.

Os estudantes jovens de hoje têm uma grande sede por conhecimentos e percebo perfeitamente que muitos têm interesse pela bruxaria e pelo ocultismo. Quando percebo isto, tomo todo o cuidado e procuro mostrar-lhes o perigoso que é um conhecimento superficial destes males diabólicos.

No entanto, há muitos crentes que não sabem como aconselhar àqueles que estão presos nos laços da bruxaria, pondo-os diante da realidade do ajudá-los com um conhecimento maior de causa.

Minha primeira aparição na televisão foi também uma experiência notável. Pediram-me que aparecesse na Televisão do Sul, no programa de notícias "Dia a Dia". Podem compreender que naquele dia eu estava muito nervosa. Era também um grande privilégio eu poder dizer a milhares de telespectadores o que Jesus tinha feito por mim. Minha oração era que Cristo fosse glorificado e que o entrevistador me fizesse

perguntas corretas e concretas. O Senhor Se encarregou de ajudar-me de uma maneira maravilhosa.

— Como pode uma prostituta, uma viciada em drogas e uma bruxa negra ser uma evangelista? – foi sua primeira pergunta.

— Uma mulher deste tipo não pode – respondi, - a não ser que sua vida seja transformada.

O restante das perguntas foi muito fácil de responder como tinha sido a primeira e Jesus foi glorificado na televisão. Milhares ouviram o que Cristo pode fazer e todos no estúdio de televisão viram e ouviram que Jesus pode mudar a vida de uma pessoa. Para mim tem sido um privilégio participar de muitos programas de rádio e anunciar às pessoas que Cristo vive hoje e que ainda está fazendo milagres.

Uma vez fui convidada para participar no programa noticioso da televisão em Harlech. Ao mesmo tempo, aparecia na Capela Cory, em Cardiff, com o dr. Hutchings e sua equipe. Foi uma entrevista tremenda e uma vez mais o Evangelho foi pregado no boletim de notícias da televisão. Afinal de contas, a mensagem de salvação é a maior de todas as notícias.

Minha visita a Cardiff, no entanto, foi encurtada quando, na noite seguinte, na capela, caí e me machuquei o joelho. Estou absolutamente certa que Satanás estava fazendo todo o possível para parar o que o Senhor estava realizando em Cardiff. Certamente estava furioso ao ver que o Evangelho estava presente no rádio e na televisão.

Mas o Senhor permitiu que o acidente resultasse em proveito. No Hospital Geral de Cardiff, fiquei surpresa ao encontrar que todos se lembravam de ter-me visto na televisão na noite anterior. Tinha tanta dor que eu tinha esquecido minha aparição na televisão.

As enfermeiras, os estudantes de Medicina e os próprios médicos não se tinham esquecido e pude falar-lhes do meu Salvador.

Todos, incluindo os pacientes do departamento de recuperação, ouviram outra vez as boas novas de salvação. Os estudantes de Medicina que me examinaram ficaram completamente impressionados com o que Cristo tinha feito em minha vida.

— Não há nenhuma cura para o viciado em heroína — disse um médico jovem.— A senhora está vivendo um milagre.

— Bem, senhora pregadora — disse outro,— vai ter que ficar alguns dias sem pregar porque lascou um osso.

Tive que sorrir porque realmente não estava deixando de pregar; era o que estava fazendo ali fazia algumas horas e numa cadeira de rodas.

Um médico crente, muito amável, me levou a Bristol de novo, em seu carro. Tivemos um tempo maravilhoso de comunhão pelo caminho.

Antes de chegar a Cardiff gravei em fita uma mensagem para a próxima reunião na capela de Cory. Mais tarde me disseram que tinha feito um impacto maior do que se eu estivesse ali em pessoa. Assim, eu tinha testemunhado naquele lugar e Cristo tinha sido novamente glorificado.

Mais tarde, quando sarei, voltei a Cardiff. Tudo cooperava para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados de acordo com os Seus propósitos. Eu não sabia que ia ver um bom resultado de minha aparição na televisão de minha visita anterior.

Dei meu testemunho em uma grande igreja em Cardiff. Quase no final, ouviu-se uma voz no meio da congregação:

— Jesus pode fazer alguma coisa por mim?

— Sim — respondi.— Jesus pode fazer qualquer coisa. Nada é impossível para o Senhor. Venha à frente e oraremos pelo senhor.

Veio à frente um homem negro, com as lágrimas correndo pelo seu rosto e o levamos a Cristo. Foi salvo gloriosamente; não havia dúvida disto. Foi uma experiência maravilhosa.

Um pouco mais tarde me contou sua história. Chamava-se Samuel e não fazia muito que tinha saído da cadeia de Cardiff.

— Enquanto eu estava na cadeia — disse Samuel,— vi a senhora na televisão e escutei tudo quanto dizia. Quando voltei à minha cela, disse: “Ó Deus, se és real, se existes, deixa-me conhecer pessoalmente esta mulher”.

— Eu sabia que a senhora tinha alguma coisa que eu não tinha e precisava ter. Esta noite vi seu nome no cartaz que está aí fora e entrei. A senhora falou precisamente as palavras de que eu necessitava. Minha vida estava arruinada e eu era um homem marginalizado; minha vida tinha sido um autêntico caos, mas agora sei que estou salvo e que meu passado tem sido apagado por Jesus.

Que momento de regozijo foi quando a vida de Samuel foi transformada pelo poder de Jesus!

Samuel agora é um crente extraordinário e sempre está testemunhando de seu Senhor. Ele veio a visitar-me faz alguns meses. Seu rosto estava radiante com a alegria de Jesus e seus louvores a Cristo soavam altos e claros; foi uma alegria ouvir a sua oração.

Samuel é um verdadeiro troféu da graça, pregando nas igrejas e dando testemunho permanente de seu Senhor.

Continuando a crescer na graça e no conhecimento de Cristo, verifico que meu ministério é mais profundo e cheio do que antes. Muita gente está perdida e só, sem um único amigo no mundo, sem um raio de esperança, luz ou amor.

Eu sei perfeitamente o que se sente ao estarmos muito sós, assim é que tenho uma mensagem especial para estes.

A mensagem é simplesmente: Há Um que cuida de você e compreende você. Seu nome é Jesus. Ele disse: *“Vinde a Mim todos os que estais cansados e sobrecarregados e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração e achareis descanso para as vossas almas”*.

Como tenho experimentado eu Sua palavra vez após vez! Jesus realmente dá descanso, luz e amor. Ele é o amigo mais verdadeiro que existe. Morreu só lá no Calvário para que os homens e as mulheres em qualquer lugar do mundo não se sintam mais sós.

Holanda é uma terra de canais, tulipas e moinhos de vento. Meu destino foi Middelburg, uma pequena ilha fora do continente da Holanda. Ali me uni ao casal Hutchings para participar de uma campanha evangelística, para contar aos holandeses o que Jesus tinha feito por mim.

Middelburg tem uma beleza natural; estreitas ruas pavimentadas de pedras, igrejas velhas e pitorescas, com sinos que tocam docemente e vestidos tradicionais holandeses usados o tempo todo. Tudo tem um encanto típico de velho mundo, uma mudança refrescante para o tráfego de nossas cidades modernas e barulhentas.

Mesmo entre toda esta beleza, existem dúzias de viciados em drogas. Parece incrível. Eles lotaram o teatro de música antiga de Middelburg para escutar o que tínhamos a dizer-lhes sobre Jesus Cristo. Tiveram que traduzir nossas palavras para o holandês, para benefício de quem não falava inglês.

A maneira como o Senhor moveu o coração de muitos holandeses está fora de toda descrição. Quando se fez um convite para que aceitassem a Cristo em seu coração, os jovens, principalmente os viciados em drogas, literalmente saíram correndo até chegar à plataforma. Esta querida gente abriu novamente meus olhos para a profunda necessidade da juventude de nossos dias.

Num passeio que dei uma tarde, encontrei muitos jovens viciados em drogas. Eu compartilhei com eles meu chocolate e meus amendoins na praça de Middelburg. Eles compartilharam comigo seus muitos problemas.

Entristeci-me ao perceber que tudo o que precisavam era que alguém lhes falasse, os compreendesse e tivesse cuidado deles. Que bom teria sido se eu pudesse ter falado holandês para compartilhar com eles a mensagem de uma maneira mais completa!

Eles me fizeram sentir uma autêntica solicitude pelos seus problemas. Alguns deles sabiam que eu tinha sido uma viciada em drogas e só isto já foi uma ajuda para eles.

O idioma não é uma barreira intransponível. As pessoas percebem se temos ou não interesse por elas. Alguns destes jovens viciados

entregaram sua vida a Cristo na campanha em Middelburg. Minha oração era para que pudessem receber o cuidado físico e espiritual de que precisavam.

Na Holanda fiz muitas amizades, o que foi provado por sua duração. Foi uma alegria voltar àquele país em 1972 para fazer uma fita cinematográfica para a televisão holandesa, o que também resultou numa grande bênção para muitos.

Tenho procurado contar-lhes uma pequena parte do ministério simples que o Senhor pôs perante mim para a glória do Seu Nome e para a expansão do Seu Reino. Continua até hoje e continuará enquanto estivermos em Suas mãos para Seu serviço.

Também tive a alegria de falar com meu pai. Disse-me que estava orgulhoso de mim, mas ainda não entregou sua vida a Cristo. Estou orando por ele.

Não tornei a ver mamãe desde aquele dia quando ela foi embora de casa, tendo eu onze anos. Não tenho podido encontrá-la, mas confio que um dia ainda a verei novamente. Jesus sabe onde ela está e quem sabe se tornarei a vê-la mesmo antes do que penso.

Das minhas quatro irmãs tenho visto duas delas. Estão bem. Uma está muito bem casada e com três filhas; a outra trabalha em Porstmouth. Elas também sabem da grande transformação que Cristo operou em minha vida.

Eu só sei isto: a oração transforma as coisas. Minha vida é uma prova disto. Continuo orando por toda a minha família, minhas irmãs e meus pais. Deus continua levando a bom termo Seus desígnios. Deixo tudo em Suas mãos porque sei que Ele conhece desde o princípio qual será o fim de tudo isto.

Até agora não tenho mencionado ainda a meu marido David porque esta tem sido a história de minha vida, de minha conversão e de meu serviço para Cristo. Hoje estou casada com um bom crente, que está sempre ao meu lado, ajudando-me de todas as formas possíveis no trabalho para o Senhor.

David é um homem de oração e, quando tenho que viajar sem ele, posso estar certa que passa muito tempo orando por mim. Nós sabemos que, se nossas vidas estão totalmente entregues a Jesus Cristo, não há limites para o que Ele possa fazer em nós e para nós.

Muitas pessoas necessitadas visitam nossa casa.

Algumas precisam de ânimo e de orientação na vida cristã. Outras precisam de orientação para uma separação dos demônios e dos poderes da escuridão. Outras precisam de ajuda prática. Nós agradecemos muito a Deus que temos visto muitas pessoas ajudadas e abençoadas em nossa pequena casa. Sabemos que a oração transforma as coisas e que Jesus pode encontrar solução para todas as

necessidades e problemas, independentemente de quão grandes ou pequenos eles sejam.

Meu marido é um trabalhador pessoal para o Senhor, sem tomar parte na obra publicamente. Sou-lhe muito grata pela ajuda e pelo ânimo que muitas vezes me dá.

Meu maior desejo é que o Salvador me guie com a Sua mão mais para cima e mais profundamente num serviço ainda mais completo para Ele e para os outros.

21

UMA LUTA ESPIRITUAL

“Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Efésios 6:12).

— Isto é uma brincadeira inocente ou existe alguma coisa por trás? — perguntava um dos jornais locais da Inglaterra em uma recente série de artigos sobre bruxaria e ocultismo.

Longe de ser inocente, a bruxaria e outras formas de ocultismo estão prejudicando, afundando e arruinando vidas atualmente em um grau alarmante. Conduzindo homens e mulheres ao suicídio, levando-os a hospitais para doentes mentais, fazendo-os estar constantemente em temor e vivendo um autêntico inferno em suas vidas. Se as pessoas vissem apenas a metade do que eu tenho visto, pensariam seriamente antes de escrever que o ocultismo é como uma loucura passageira que logo terminará.

Devemos enfrentar os fatos. Nos oito últimos anos, a bruxaria, o satanismo e o espiritismo, para não citar outros muitos cultos do mal, triplicaram seus seguidores. O ocultismo se tem espalhado por todo o mundo como um câncer maligno.

Eu não posso encerrar este livro sem dar um toque de alerta contra semelhantes práticas do mal, porque conheço vidas arruinadas por mexerem com as coisas maléficas do ocultismo. Devemos fazer-nos uma

pergunta: Por que as pessoas, principalmente a juventude, mexe com bruxaria e ocultismo?

Em primeiro lugar, devemos considerar as desordens do mundo atual, o derramamento de sangue, as greves e o tremendo desassossego. Sem dúvida, este estado de coisas abre uma interrogação perante as mentes humanas. Por quê?

O homem adquire cada vez maior conhecimento por meio da mente, mas poderá o homem encher o profundo vazio que há em seu interior com alguma coisa proveniente de um coração quebrado ou manchado? Nunca.

Os jovens estão procurando uma resposta. Estão procurando algo com que possam encher este tremendo vazio. Eu sei disso porque durante anos busquei algo para encher este vazio interior que havia em mim. Os jovens irão a qualquer lugar e tratarão de provar qualquer coisa contanto que consigam encher seu vazio interior; procurarão com ardor para encontrar este “algo” que lhes falta. Em sua busca por uma resposta, estão voltando-se para as drogas e para o ocultismo, pensando que isto pode ser a solução.

O elemento de mistério e de excitação é um grande fator que os impulsiona a afastar-se da única verdade que é Deus, Todos estão procurando um pouco de excitação e de mistério e muitos procuram coisas e sinais sobrenaturais.

Onde estes elementos serão encontrados melhor do que nas covas das bruxas ou nos templos satanistas? Desta maneira, Satanás dá sinais falsos aos que os procuram nestes lugares; sinais maravilhosos, sim, mas falsos. Eu sei disto porque o tenho visto muitas vezes.

A Bíblia nos dá um aviso sobre a bruxaria, adivinhação e outras obras diabólicas semelhantes. Em Deuteronômio capítulo 18, Deus proíbe todas as práticas semelhantes a estas não porque Ele seja um Deus proibitivo e cruel, mas porque Ele é um Deus bom e sábio, carinhoso e amável.

Ele sabe que estas coisas são males brutais. No entanto, Ele nos avisa com amor. Ele apenas quer o melhor para os homens e mulheres que Ele criou.

Não são as manifestações em si mesmas que constituem o maior mal, ainda que elas sejam más. É o afastamento de Deus que constitui o maior mal.

Muitos crentes retrocedem de medo e tremendo quando são mencionadas as manifestações de bruxas, de demônios ou do mal. As práticas do ocultismo os assustam.

— Não queremos ouvir tais coisas — dizem.— Nos produzem formigamento.

Por que este medo? Isto não deveria acontecer. Nós deveríamos lembrar que Jesus é muito mais poderoso do que Satanás e o pecado, deveríamos lembrar que Jesus venceu a Satanás e aos demônios todos naquele maravilhoso lugar que se chama Calvário.

A Bíblia nos avisa para que não sejamos ignorantes quanto às sutilezas do Diabo. Como podemos esperar alcançar os perdidos e ajudar àqueles que estão mergulhados no mal se não sabemos o que está acontecendo hoje no mundo?

É uma luta contra os maus poderes espirituais no mundo e nós não podemos ajudar a pelejar a boa batalha da fé nesta luta se não conhecermos o nosso adversário. Temos que conhecer exatamente contra o que e contra quem vamos lutar nesta batalha.

A Palavra de Deus diz taxativamente que forças invisíveis do mal estão trabalhando e que a impiedade aumentará mais e mais à medida que a vinda do Senhor se aproxima. Não precisamos ir longe para ver, mesmo ao nosso redor, que a maldade atual é muito maior do que era ontem, com muitas mais pessoas que caem na armadilha do ocultismo e da bruxaria.

Alguns crentes não têm ideia da perversidade do mal existente hoje no mundo. Assim, pois, é sabedoria estar alerta a tudo isto. Um dia, queiramos ou não, nos encontraremos com uma forma do ocultismo.

Até as próprias crianças estão jogando com brinquedos diabólicos como brinquedos de bruxas, tabuleiros de respostas mágicas etc.. Têm-me solicitado visitar escolas para advertir as crianças quanto ao perigo de se sujarem com tais coisas. Os professores e os pais têm ficado alarmados ao ver que as próprias crianças estão metendo-se em práticas diabólicas.

As mentes infantis têm sido torturadas e impregnadas de coisas terríveis em algumas ocasiões quando brincam com os tabuleiros mágicos ou os jogos de bruxas, nas fogueiras de noite. Os próprios pais têm ficado perplexos quando lhes expliquei tudo isto e eles puderam comprovar que em tais ocasiões as crianças recusam-se ir à escola ou comer, tudo por causa de tais brincadeiras.

Coisas como estas são extremamente perigosas, não somente para as almas, mas também para as mentes e para os corpos. Uma das armadilhas de Satanás é vir a nós como um anjo de luz e enganar as pessoas, fazendo-as crer que tudo é perfeitamente inocente. Eu mesma tenho ficado horrorizada e espantada por causa de algumas coisas e brincadeiras que se fazem nas escolas.

Um professor crente me contou que quinze menores de vinte anos estavam brincando com jogos diabólicos durante a aula. Tive o tremendo privilégio de avisá-los do perigo que corriam. E esta é uma

das muitas escolas onde se pratica e se brinca com objetos que têm relacionamento com bruxaria, isto é, com coisas diabólicas.

Os crentes nunca deveriam ter medo das artimanhas diabólicas. Nunca deveriam estar temerosos dos sinais de bruxaria ou das ameaças diabólicas. Maior é Jesus, que está em nós, do que Satanás, que está no mundo. Contudo, além de estarmos alertas e vigilantes, fortes na fé e desprezando o temor, podemos ir adiante num mundo de miséria com a armadura completa de Deus, conscientes das muitas artimanhas que Satanás empregará neste caminho para fazer-nos cair e atraparhar-nos, se puder, na senda da vida que seguimos.

Parte de meu ministério consiste em mostrar às pessoas os perigos destas chamadas “diversões inocentes” e ensinar-lhes o caminho reto que é seguir o Cristo do Calvário, o Grande e Poderoso Libertador.

Depois de ter dito tudo isto, estou plenamente convencida de que também há outras pobres pessoas, inclusive muitos crentes, que têm o que eu chamo de “mania do diabo” ou “mania do demônio”. Só falam ou pensam nisto. Parece que os demônios constituem sua principal dieta espiritual — seu desjejum, almoço, lanche e jantar. Eles veem demônios em todas as coisas e em todo o mundo. Demônios no gato, demônios na esquina, demônios em todas as partes.

Estas pobres pessoas parecem crer nisto sinceramente e sua grande preocupação é expulsá-los e falar continuamente deles. O triste é que também não se lhes disse o mal e a confusão que podem causar com esta mania espiritual.

Verdadeiramente, esta mania de obsessão de demônios é muito perigosa. Tenho chegado à conclusão que muitas vezes as pessoas que falam e falam dos demônios e não podem passar sem mencioná-los necessitam ser libertadas destes demônios. No entanto, muitos precisam do ensino correto da Bíblia e é triste dizer-se que nem admitem algum tipo de correção em sua vida cristã, nem sequer uma boa indicação.

Embora parte de meu ministério seja advertir dos perigos do ocultismo e explicar em que consiste a bruxaria, posso assegurar-lhes que nem sempre estou falando de demônios e de bruxas. Somente quando me pedem um testemunho completo de minha vida é que falo dos poderes demoníacos e então exponho sobre o demônio e sobre o trabalho seu, para que de maneira alguma possa alcançar alguém que me ouve. Eu sou a pessoa mais feliz quando posso falar sobre a Grande e Velha História do Evangelho, falando às pessoas de Jesus e de Seu amor.

Em Apocalipse 12:11 lemos: “E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte”.

Muitas vezes cito este versículo antes de dar o meu testemunho. É um fato maravilhoso que, onde quer que demos testemunho da glória de Deus, estamos derrotando e vencendo a Satanás. Como o Diabo odeia os filhos de Deus quando dão um testemunho pessoal do que Cristo fez por eles!

Embora exista um perigo no que diz respeito aos demônios, não é menos verdade que muitos crentes não creem que os demônios existem. Quando Jesus estava na terra, curou enfermos e expulsou espíritos do mal — dois trabalhos diferentes.

Jesus mesmo disse em Marcos 16:15, 17, 18 : *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura... Em Meu Nome expulsarão os demônios... E porão as mãos sobre os enfermos e os curarão”*.

Há muitas mais pessoas possuídas pelo Demônio hoje em dia do que quando Cristo estava na terra. O próprio Jesus disse que a maldade aumentaria. Há muitas portas abertas nas vidas dos homens e mulheres à possessão demoníaca hoje.

Assim, pois, temos os dois extremos: os que só falam do Diabo e dos demônios e os que negam sua existência.

Frequentemente, pobres pessoas necessitadas de encontrar a autêntica libertação do demônio saem de nosso meio sem solução para este seu problema pela incredulidade que os cristãos temos em certas ocasiões. Temos que procurar o equilíbrio exato das coisas e de modo algum tornar-nos extremistas.

Devemos abraçar a Palavra de Deus completa e não apenas uma parte dela, aquela que mais convenha ou melhor se adapte a nossos critérios ou ao que durante toda a vida temos ouvido ou nos têm ensinado. Vistamo-nos de toda a armadura de Deus, como diz Paulo, porque a luta não é uma batalha contra carne e sangue, mas contra forças espirituais, lutada vitoriosamente mediante o poder com que Deus derrota e derruba as fortalezas e os baluartes de Satanás.

Sim, a possessão demoníaca é real, bem real, mas graças sejam dadas a Deus porque Jesus também é real, bem real. Sua Palavra nos diz, e eu também tenho comprovado isto, que em Seu Nome podem ser expulsos os espíritos do mal. Os demônios temem o Nome de Jesus e fogem dele. Hoje podemos curar almas enfermas.

Nós somos Seus discípulos. Ele perdoou por graça meus pecados e me tem libertado do poder do Diabo e dos demônios. Encheu-me com o Seu Espírito Santo: portanto, me entregarei totalmente a Ele. Ele me tem perdoado muito; portanto, muito O amarei.

Todo o meu passado carregou sobre Si para sempre e jamais me será recordado. Ele me branqueou mais do que a neve e me fez como se

eu nunca tivesse pecado. Isto é o que se chama justificação e estou certa de que sou justificada pelo sangue de Cristo.

Não é isto maravilhoso? Em vez de túnicas de bruxas, em vez dos trapos sujos do pecado e da vergonha, Jesus me tem vestido com os vestidos de salvação. Me tem coberto com o manto de justiça; a nova roupa para uma nova criatura. Me tem dado um cântico novo e tem colocado meus pés sobre a Rocha que é Cristo, meu Senhor.

Não é de estranhar que eu esteja eufórica. Tenho vida nova, amor novo, cântico novo e roupas novas. Tenho que estar eufórica. Quando eu dou meu testemunho, sinto tanta alegria que em certas ocasiões tenho começado a cantar; é a pura alegria do Senhor.

Jesus disse a Seus discípulos que fossem pregar em Seu Nome e que em Seu Nome fariam proezas e acrescentou: “*Coisas maiores do que estas fareis*”. Que coisa maravilhosa, não é?

Vou contar-lhes um exemplo de como o Senhor me usou para expulsar demônios de um homem; apenas um exemplo porque o Senhor me tem usado para isso muitas vezes.

Estávamos fazendo uma campanha numa grande tenda de lona e cada noite ela era recolhida. Todas as noites, almas eram salvas gloriosamente. Crentes dedicavam suas vidas e se consagravam ao Senhor. Foi uma semana que nunca esquecerei. O Espírito do Senhor estava trabalhando com grande poder.

Uma noite colocaram câmeras de televisão e eu apareci de novo no vídeo. Uma vez mais, Jesus foi glorificado nas notícias da televisão. Jesus era notícia de atualidade em Liverpool e não só pela televisão, mas também pela rádio de Merseyside.

Quase no final desta semana de bênção aconteceu uma coisa maravilhosa. Uma querida anciã crente se aproximou de mim para falar-me.

— Quero que a senhora ore por David, meu neto, que manifestou ser um bom crente, mas que agora está metido na magia negra.

As lágrimas caíam de seus olhos à medida que ela continuava falando.

— Tem morado comigo durante anos e amo-o com todo o coração, mas está levando-me à sepultura. Não posso descansar até vê-lo restaurado. Uma noite — continuou, — estava esperando que ele voltasse por que não posso deitar-me até vê-lo em casa. Estava sentada em minha cadeira, orando, quando senti a presença de um espírito maligno. Recorri ao nome de Cristo e sua presença desapareceu.

— Quando David voltou, viu que eu estava muito excitada, contei-lhe o que tinha acontecido e roguei-lhe que voltasse para Cristo. David ficou com tanto medo que decidiu acabar com as práticas de bruxaria.

—Mas não pôde libertar-se. Todas as noites ouço-o andando pelo seu quarto, de um lado para outro. Está num estado terrível. Eu sempre oro por ele. Tenho-lhe pedido que viesse à campanha, mas tem recusado meu convite. Ele acha que já é tarde demais para ele.

A velhinha estava muito excitada e preocupada.

Depois de orar com ela, garanti-lhe que continuaria orando por David. Finalmente, ela foi embora mais tranquilizada.

Na noite seguinte, David esteve na campanha. Quando a pregação terminou, foi feito um apelo para que aqueles que necessitassem que se orasse por eles viessem à frente. Muitos responderam ao chamado. O Espírito Santo Se manifestou de maneira tremenda e muitos foram salvos.

Entre os muitos que vieram à frente estava David. Eu não tinha ideia de que o rapaz por quem estava orando na noite anterior fosse um dos que ali estava.

Enquanto estava entre eles para ajudá-los e orar com eles, aproximei-me de um jovem e lhe falei:

— Como se chama, filho?

— David — respondeu.

Imediatamente Deus me mostrou que este seria o neto da anciã que tinha estado falando comigo na noite anterior.

— Você tem machucado o coração de sua avó, David — lhe disse.

Quase que caiu de surpresa.

— Você tem estado brincando com fogo — continuei,— praticando a bruxaria e o espiritismo. Mas, se se arrepender nesta noite, Jesus o libertará.

— Como a senhora o sabe?— perguntou.

— Sua avó me contou tudo ontem à noite. E hoje Cristo me mostrou que você é o rapaz.

Sim, entre as quinhentas pessoas ali presentes, o Senhor me tinha dirigido precisamente para David.

O rapaz permaneceu ali e pude falar-lhe durante horas seriamente sobre o que tinha feito. David se arrependeu verdadeiramente; abundantes lágrimas caíam pelo seu rosto enquanto confessava seu pecado. Passaram-se algumas horas, mas finalmente ficou livre dos demônios.

Com a ajuda da oração de outros crentes, o demônio foi expulso do coração do jovem. Tínhamos estado batalhando uma autêntica batalha espiritual com o próprio demônio e ele saiu derrotado.

Os demônios são muito fortes e disputam e lutam por suas possessões, mas Jesus é mais forte e a alma pode ser libertada pelo poder de Jesus Cristo, o Supremo Vencedor.

Mais tarde, David foi batizado. Como louvava a Cristo! Era um prazer poder ouvi-lo.

Sua avô estava exultando de alegria, dando graças a Deus quando a encontrei na reunião da tarde seguinte. Desta vez também havia lágrimas em seu rosto, mas eram lágrimas de alegria.

— Agora posso descansar plenamente. David esteve o dia todo cantando e bendizendo a Deus. Queimou todos os livros de magia e de encantamentos que tinha. Louvado seja Deus!

Mas a luta espiritual no campo de batalha de Deus nem sempre tem sido vitória, vitória e vitória o tempo todo. Também têm havido falhas e faltas. Têm havido ocasiões em que temos dobrado nossa cabeça até ao chão, derrotados, com grande estrépito. Tem havido momentos em que tenho notado falta de sabedoria, de graça e de visão.

Nestes momentos, Satanás ri enquanto diz:

— Você é um fracasso; jogue fora a espada e esqueça-se de Cristo.

Em lugar de sentir-me confundida pelo fracasso e pela derrota, tenho permitido que o Senhor me levantasse e depois me tenho prostrado aos pés da velha e rude cruz e tenho reconhecido e admitido meu fracasso aos pés do Salvador. Tenho chorado e clamado:

— Jesus, sou um fracasso. Tenho feito uma confusão com as coisas, mas ainda Te amo. Tem misericórdia de mim e ajuda-me a prosseguir.

Tenho aprendido com minhas faltas e fracassos. Pela graça de Deus tenho aprendido a ver meus fracassos e derrotas de frente.

Será que alguma vez Deus pegou uma vara e nos perseguiu fora do aprisco por causa de nossas derrotas e fracassos? Mil vezes, não! Ele, carinhosamente, nos levanta se confessamos nossas faltas e nos põe de novo em nosso caminho e nos diz que prossigamos avante.

Os fracassos e as falhas me têm feito depender mais e mais de Cristo, o poderoso Capitão de minha alma.

Nada adianta ficarmos humilhados no pó quando cometemos faltas ou quando falhamos, pois Satanás apenas nos afundará mais e mais. Satanás está prestes a pular sobre nós como um urubu quando nos vê cair. Uma de suas armadilhas favoritas é convencer-nos de que não somos perfeitos, o suficientemente perfeitos para prosseguir e servir a Jesus ou então nos diz que não nos levantaremos jamais de nossos fracassos.

Na Bíblia lemos de alguns grandes homens que falharam alguma vez. O rei Davi foi um poderoso guerreiro e cantor de salmos. Mas Davi pecou e falhou. Ele viu a esposa de outro homem e a desejou para si.

Deliberadamente, ele enviou Urias, o marido da tal mulher, a uma morte certa na frente de batalha a fim de poder ficar com sua esposa.

Mas Davi, arrependido, enfrentou seu fracasso; ele confessou seu pecado. Lemos na Bíblia que Davi correu à casa de Deus e, segurando espiritualmente os cantos do altar, encontrou perdão e paz com Deus. Então prosseguiu em muitas outras batalhas do Senhor.

Também Jacó era um homem de oração, que uma vez lutou com um anjo. Ele também falhou, também cometeu suas faltas e teve suas falhas. Enganou seu velho pai, roubando a bênção de seu irmão, como também sua primogenitura. Desprezou a sua esposa Léa porque estava enamorado de sua irmã Raquel. Jacó foi preso de uma espécie de superstição, engano e infidelidade de coração, mas, apesar de tudo isto, foi um grande homem de Deus.

Também Pedro falhou com Cristo no momento em que Ele mais necessitava dele. Pedro se arrependeu e continuou. Levantou-se das cinzas da negação para pôr-se à frente da Igreja e proclamar com todos os outros a glória de Jesus no dia de Pentecostes.

Estes e outros muitos homens se ergueram depois de derrotados, a fim de servir a Deus, com uma paz, grandeza e poder renovados.

Todo o mundo comete falhas e tem fracassado perante Deus em alguma ocasião. Ninguém é absolutamente perfeito.

O próprio apóstolo Paulo diz em Romanos 7:18: *“O querer está em mim, mas não consigo realizar o bem”* e continua dizendo no versículo 24 deste mesmo capítulo: *“Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?”*

Mas vejam a resposta que ele dá a este problema no mesmo capítulo e no versículo seguinte (o v. 25): *“Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado”*.

Cristão, olhe para cima e não para o seu interior, quando falhe ou cometa faltas! Clame bem alto para Jesus. Enfrente suas faltas. Apoie-se fortemente nEle. Acerte sua vida. Levante-se e continue com Deus, como eu tenho feito, subindo a cumes mais altos e descendo a profundidades maiores com Cristo Jesus.

Eu ainda estou no campo de batalha por meu Senhor, ainda estou na luta espiritual. Não estou sozinha porque Jesus, meu poderoso Capitão da Salvação, vai adiante de mim. Sem Ele eu não poderia fazer outra coisa senão cair. Enquanto Ele me dá forças, enquanto me dá ânimo, O servirei por aqui. O louvarei e falarei do Seu amor, graça, compaixão e poder.

Quero que o mundo inteiro saiba que eu O amo e também quero que o mundo O conheça. Quero dizer a todo o mundo, em todo canto, que meu Jesus é maravilhoso e tem todo o poder. Nada é impossível para Ele! Nada!

Ao terminar este livro, terá sido ganha outra batalha, uma grande batalha. No principio eu não queria de maneira nenhuma escrevê-lo. Nem pensava que o pudesse fazer.

Muitas pessoas me perguntaram porque não escrevia um livro. “É mais fácil dizê-lo do que fazê-lo”, pensava eu. Quando encontrarei tempo para isto? Foi somente depois de muita oração que eu comecei e, com a ajuda e a direção de Deus, tenho-o escrito entre os compromissos assumidos em Sua obra, escrevendo entre uma reunião e outra. Confio e creio que será uma bênção a todos quantos o lerem.

Com o término deste livro, terá terminado outra batalha. Outras se seguirão, mas com a ajuda de Jesus a meu lado estou confiante que vencerei todos os inimigos. Com Sua poderosa mão segurando a minha, pelejarei a boa batalha da fé, vestida com toda a armadura de Deus: meu capacete da salvação, meu escudo de justiça, meus lombos cingidos com a verdade e meus pés calçados com a preparação do Evangelho da paz e tendo em minha mão e em meu coração a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, a minha Bíblia. Como poderei fracassar deste jeito?

Quando eu era uma menina, tão solitária e infeliz, muitas vezes me perguntava porque tinha nascido. Quando eu estava na cadeia de Holloway tornei a perguntar-me isto.

Agora sei porque nasci. Nasci na carne para poder nascer de novo pelo Espírito de Deus. Nasci para pregar o Evangelho a toda a criatura. Para amar e servir a Jesus. Para confortar os solitários. Para amar aos que não são amados. Para lutar por Cristo e servi-LO aqui junto com o grande e poderoso exército do Senhor, até um dia quando O verei face a face e Lhe direi: Salva por graça!

Ainda não chegou o fim. Louvado seja o Senhor!

“Ora vem, Senhor Jesus”.

.oOo.